

REVISTA DA SEMANA

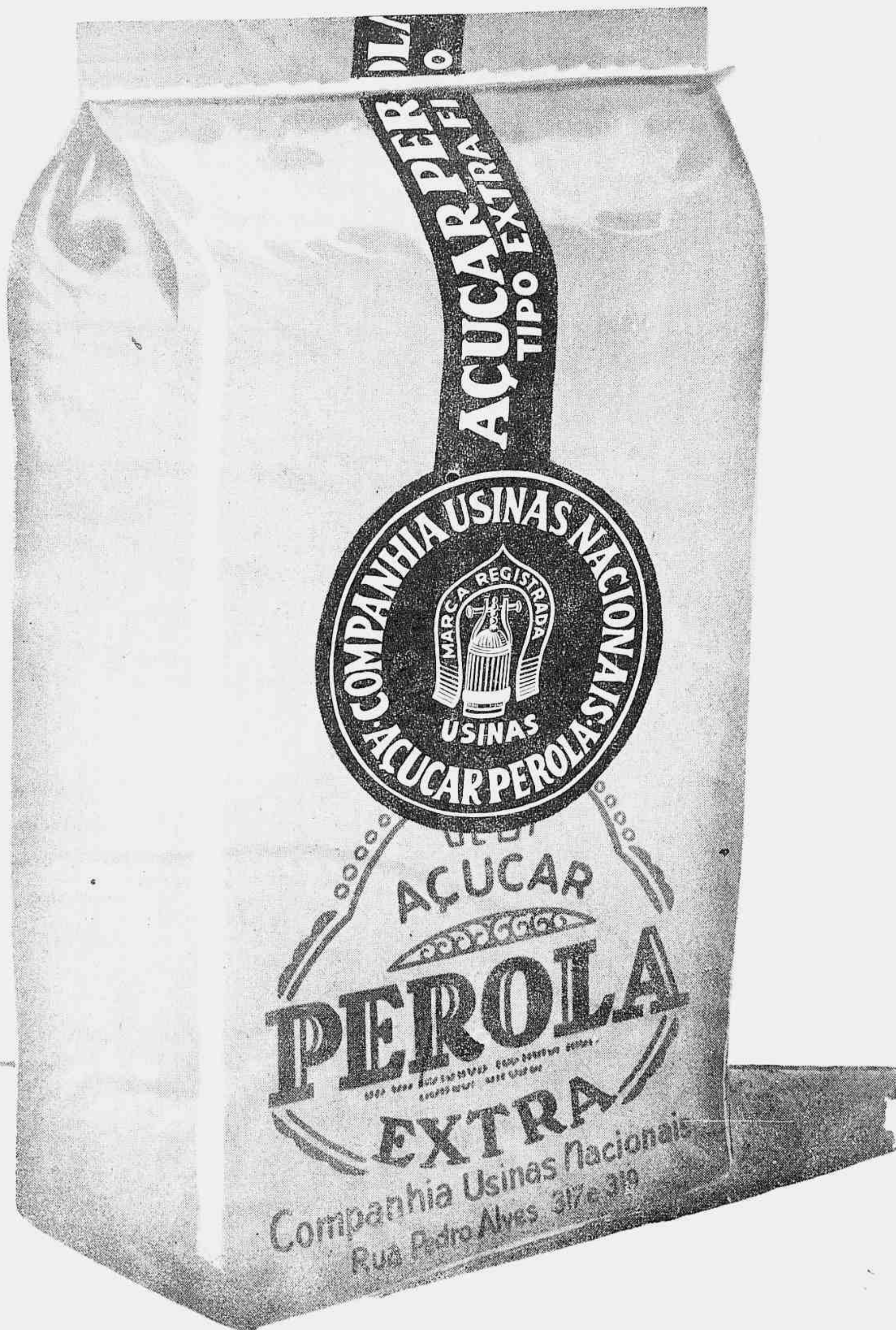
N.º 44

30-10-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:
SUPLEMENTO
FEMININO



E que será do Rio?

SEMPRE fui dos que reconheciam razões de inegável conveniência no mandamento da Constituição de 91 que determinava a transferência da Capital da República para o interior do país. Antigamente, o argumento estratégico era, para mim, bastante. Hoje, confesso que não poderei dar-lhe a mesma eminência, depois que a guerra provou não haver mais lugares garantidos, imunes de perigos. Nem na estratosfera existirá um "porto-seguro". Se as coisas continuarem como vão, talvez não se encontre mais tranquilidade na Lua, ou em Marte. Na beira-mar ou no planalto, ninguém se livrará de bombardeios aéreos, se a guerra vier. Mas é indiscutível que quem estiver à beira-mar correrá maiores riscos.

A verdade, no entanto, é que a razão estratégica não foi a única que justificava a medida, nem as demais perderam com o tempo seu peso e sua atualidade. Governo é reflexão e é presença. No Brasil, como em qualquer parte do mundo e da vida, reflexão exige, pelo menos, calma, relativa quietude, isenção de trepidações e abalos que são tão comuns nas grandes metrópoles. E a presença, num país como o nosso, — uma vez que não poderá ser nunca a ubiquidade, — terá de ser a equidistância, a localização central.

Não sei se será fácil ou difícil a transferência da capital, agora em pleno planejamento. Quero crer que no Brasil já foram feitas coisas mais árduas; e raras que tenham tal envergadura, tal influência no futuro econômico da nação. É possível que este ponto de vista me leve a considerar fato consumado a mudança da cidade "caput". E como carioca, — cariocas de todos os Estados do Brasil, que somos os que moram no Rio, — começo a imaginar a Cidade Maravilhosa sem os braços de sua eminência política, sem suas casas de governo, sem os pergaminhos de sua hegemonia tri-secular. Em vez de pensar no que vai ser a capital nova, na Chapada dos Veadeiros ou no Triângulo Mineiro, no Tocantins, no Paranaíba, ou no Espigão Mestre, procuro ver o que sucederá com o "Estado da Guanabara", tal como o define o parágrafo 4.º do 4.º artigo das Disposições Transitórias da Constituição, de setembro de 1946.

O Rio, naturalmente, nunca deixará de ser o Rio. E talvez até ganhe, com o nome futuro, a caracterização, que lhe falta, passando a ser dono, para si mesmo, daquilo que hoje é seu, para todos.

O Rio é muito menos uma entidade política do que uma entidade físico-geográfica. Se quiséssemos encontrar antecedentes históricos, fatos antigos com que se pudessem comparar os que povoaram as praias e os morros da Guanabara, talvez tivéssemos de ir aos tempos primeiros da Grécia, onde não foram as riquezas, nem foi o clima, como assinalou Will Durant, — mas "a beleza das ilhas, o furta-côr dos montes, erguidos, como templos, junto ao espelho das águas", — que fizeram a civilização. Na verdade, foram "as águas propícias". "A primavera dos poetas", a que se referiu Bougainville; "as alegres cenas de ópera, ou dos grandes teatros", de que Darwin falou; "os braços macios, femininos, de quem atrai e se abandona, com volúpia", como está nas páginas do infelizmente Zweig, um dos últimos cronistas da "cidade-soberba".

Se o Rio não fôsse muito mais que uma figura política, talvez lhe fizesse dano a mudança da capital. Mas os seus destinos, — escreve Alberto Lamago num esplêndido livro deste ano: — "O homem e a Guanabara", — apenas começam a ser precisados; os fatores geográficos da baía farão dela sempre o grande porto natural do Sul; e o futuro Rio de Janeiro, declara o abalizado técnico, se estenderá por todo o recôncavo.

Tem-se a impressão de que, deixando de ser "cabeça", o Rio, — se a não perdeu ainda nos desvarios do seu Carnaval famoso, se ainda a conserva na alegria esfusante de sua gente jovial, se ainda a mantém controlada, apesar do ritmo buliçoso do seu samba, da música desnortante de sua "verve", não a perderá por isso... Pode ser que não ponha, como Nova York, uma "estátua de sua liberdade" na barra da baía. Mas a cidade, que desceu do Castelo para a planície nos passados séculos, bem pode dar uma lição nova: a de que a remoção de montanhas também é um sentido de progresso, com o ser, como todos sabem, uma força de fé.

Mário Travassos definira o Brasil como "um dos mais sugestivos exemplos de um grande suporte continental à mercê das atrações marítimas". Para ele, observador e homem de ciência, "a atuação secular das linhas de menor resistência das serras, como traço de união entre as populações litorâneas e as continentais, do planalto", criara os portos, inclusive o do Rio de Janeiro, cuja força de penetração e influência é notável no Estado do Rio, no Espírito Santo, no norte de São Paulo e em grande parte do território de Minas.

Essa ação secular se consolidou em linhas duradouras, decalcadas nas rotas imemoriais. Irradiavam do recôncavo da Guanabara, como gigantescos arcos do hemicírculo, bordado ao norte pelas escarpas das serras. Eram as vias de transposição do beiral do planalto, pelas quais pudemos deixar de ser o que já se chamou a civilização "carangueijos", que arranhava as areias e se espalhava pelos mangues e as restingas. O caminho dos goianás, o caminho-novo, a garganta do Embaú, as velhas estradas reais, — tudo se retificou nos eixos das ferrovias e, nos últimos tempos, nas pistas dos veículos motorizados. Findaram-se os caminhos agrestes dos tropeiros, os lençóis líquidos dos rios da baixada, o aranhol de braços de água por onde desciam, atufadas de sacas, oscilando os cascos escuros, as barcas do Surui, da Estrela e de Magé. Mas ficou, aperfeiçoado pela experiência dos anos, o indelével esquema da penetração. Não era uma solução passageira, porque fôra, desde os primeiros tempos, uma imposição natural. O grande porto uniu, em sua história ampla, movimentada e fascinante, a sugestão de uma eterna beleza, igual ou maior que a das ilhas helênicas, aos pórticos majestosos que os talhos abriram nas cordilheiras, em gargantas alpestres, em calhas do imenso paredão rochoso.

Foi por essa forma que o Rio ajudou a fecundar a terra virgem do Brasil. Dessas nupcias nasceriam os frutos de sua maturidade, sazoados na violência das mutações. Nessas nupcias se aprimoraria a vida estuante da terra, cheia da prole interminável de cidade, de vilas, de aldeias, de povoados, de arraiais.

Flor de sua mocidade magnífica, espelho de seus ainda escondidos encantos, poderá o Rio perder a força deliberante, a vontade, a decisão, nos negócios políticos dessa terra que ainda cresce e se faz mais linda em plena maternidade. Mas nunca perderá o calor moço, a tentadora volúpia da carne luminosa, que palpita e fremente nas curvas de seio de sua incomparável baía; e na maciez de lábios de sua ternura imortal.

PAULO GAMA

REVISTA DA SEMANA

LITERATURA

Livros Novos (João Luso)	43
Jules Romain fala à REVISTA (Nelson Vainer)	9

RÁDIO

Broadcast (Armando Migueis)	20
-----------------------------	----

BIOGRAFIA

A vida de Dostoyevsky (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	18
--	----

REPORTAGENS

Também há favelas nas cidades novas (Ruy Saulo)	6/8
Que há no porão? (Péricles Leal)	11/14
Nas urnas livres da Democracia	15/17
Miss Brasil-Miss Universo (Sílvia Augusta)	30/31

CONTOS

Avelino procura emprego (Moysés Duek)	19
---------------------------------------	----

Maria do Ahú (José Régio)	42
---------------------------	----

CINEMA

No coração do oeste	45
---------------------	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu	47
-----------------------	----

CARICATURA

Bom humor	10
-----------	----

SEÇÕES PERMANENTES

E que será do Rio? (Paulo Gama)	3
A Semana em Revista	4
A personalidade da semana	4
O Mundo Marcha	5
Artes plásticas	47

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	21
Para o grande dia	22
Blusas modernas	23
Feminilidade	24
Interiores	24
Chapéus de verão	25
Sugestões de Hollywood	26/27
Para o seu guarda-roupa de férias	28/29
Simplicidade	32
Elegância	33
Decotes modernos	34
Pescoço e colo merecem cuidados especiais	35
Detalhes	36/37
"Week-end" na cozinha	37
Mães e filhos	38
Festa	39

FOLHETIM

Drago	57/58
-------	-------

ILUSTRAÇÕES

Armando Pacheco	
M. Queiroz	

NOSSA CAPA

Apresentamos hoje na capa da REVISTA a figura simpática de Andrea King, uma das mais novas e promissoras belidades de Hollywood. Miss King terminou há pouco para a Universal-International "Do lodo brotou uma flor" e "Ele e a sereia", nos quais tem como galãs Robert Montgomery e William Powell, respectivamente.





O cinema norte-americano viu-se desfalcado de mais um elemento de grande valor com o falecimento, ocorrido no dia vinte e um do corrente de Elissa Landi.

Novelista e protagonista de vários filmes de sucesso, todos baseados em temas históricos, Elissa Landi teve a vida inteira dedicada ao cinema, contando com uma legião de admiradores em todos os quadrantes da terra.

O falecimento da "estrêla", foi motivado por um câncer que lhe atingiu o cérebro, sendo vão todos os esforços médicos enviados para salvar sua vida. Morreu contando quarenta e três anos de idade, no Hospital Kingston, de Nova York.

Elissa Landi era uma atriz de grandes recursos. Bonita, de grande poder de expressão, nos



filmes históricos em que apareceu desempenhando papéis da máxima responsabilidade, soube imprimir ao seu trabalho vigor, naturalidade e acurada sensibilidade.

Entre os seus filmes de maior aceitação, podemos citar "O Sinal da Cruz", grande produção de Cecil B. de Mille, onde a "estrêla" recém-falecida teve um dos pontos altos de sua carreira.

A morte de Elissa Landi veio colher de surpresa os seus fãs que, é bom dizer de passagem, já estavam estranhando a sua longa ausência das telas naturalmente devido à sua enfermidade.

Com o desaparecimento de Elissa Landi, fica desfalcada de mais uma "estrêla" de primeira grandeza a "constelação" hollywoodiana.

a SEMANA EM REVISTA

GRACINHA DE JUIZ

Em recente processo de habilitação de casamento, o juiz da 7ª Circunscrição da 4ª Zona do Registro Civil, verificando que, pelo documento junto, o noivo teria dois dias de idade, proferiu o seguinte despacho: "O habilitando, segundo o atestado de fls. 5 a 5-v, só tem dois dias de idade. E — coisa curiosa! — em 10 de setembro do corrente ano, quando ainda nascituro, já assinava o memorial de fls. 2 a 2-v. Fenômeno inédito e inexplicável! Positivamente a bomba atômica termina por mudar a face do mundo... Harmonizem, pois, os habilitandos o atestado de fls. 5 a 5-v com a certidão de fls. 3". O curioso, porém, em tudo isto não é o erro de cópia do documento ou mesmo a má fé do interessado; o estranho é o hábito que infelizmente está se acentuando no Foro do Rio, isto é, gracejos de juizes nos autos, o que constitui péssimo exemplo e até parece mais um dos sinais dos tempos. E como são cacetes essas piadas de toga que em nada recomendam o judiciário! Não vamos dizer que o juiz moderno use cartola, ande de fraque, conserve o bigode, não pratique esportes, não dirija o seu próprio automóvel, etc. Os tempos são outros, a vida tem simplificado tudo; e não há dúvida de que um magistrado, num regime democrático, é um cidadão, ou melhor, um homem como outro qualquer. Mas o juiz, o magistrado, em sua função, não pode deixar de ser diferente. A compostura nas auditorias, ou melhor, das audiências, é uma condição elementar do bom exercício da magistratura; e a compostura dentro dos autos, esta é elementaríssima, pois o que está no processo está escrito!



UM CHAPÉU DE AZAR

E' razoável que não demos muito crédito a certas coisas misteriosas desta vida; mas, francamente, há episódios que nos induzem a acreditar que tanto homens como coisas são capazes de trazer sintomas de calporismo. Relatam notícias de certa cidade brasileira que por pouco ia havendo sério conflito entre pessoas de bom tom pelo insignificante caso de estar no meio um chapéu. Certo cidadão foi a uma loja e experimentou uma dessas peças para cobrir o crânio e completar o vestuário. Mas já aí começou sua desdita. Houve discussão entre ele e um outro freguês, em torno do nome gaúcho de picareta que se dá ao palheta ou palhinha. Por pouco não vão aos socos, o que seria escandaloso. Adquirido o chapéu, ou a picareta, como lhe chamava o comprador, saiu ele, ainda meio enfezado, e se dirigiu ao escritório de um amigo com o qual iria almoçar. Ao entrar no elevador já estava este quase lotado. Onze pessoas. Naquele momento as abas do seu picareta roçaram o rosto delicado de uma senhora que ia de braço com o esposo, um senhor atlético e de cara amarrada. Como o incômodo se repetisse, o homem-zarrão estrilou: "O senhor é um mal educado! Num elevador com senhoras devemos descobrir-nos!". Mas o atacado não teve dúvidas e replicou tiricamente: "Saiba o senhor que os cavalheiros só devem tirar o chapéu quando o elevador é de um clube, de uma associação privada, quando os passageiros são consócios. Num elevador comercial, não!". O outro replicou, e a coisa ia tomando ares de conflito, quando o dono do chapéu saiu do elevador e, com insopitável explosão de raiva, estracalhou a provocadora picareta...



A VINGANÇA DA CIGARRA

Desde que Phœdro se aproveitou da existência de certos bichos para fazer paralelos entre eles e os homens, confrontos esses em que quase sempre os chamados animais irracionais saem perdendo, houve nos meios da bicharada diversas assembléias para que exigissem explicações à poderosa raça humana sobre as calúnias aos animais inferiores. Infelizmente nada se conseguiu entre homens e bichos. Depois apareceu outro explorador de animais em gabinetes literários: o famoso sr. La Fontaine, tortura de nossas gerações passadas quando a mocidade ainda fazia traduções fabulosas. La Fontaine seguiu a política de Phœdro e encheu de páginas deliciosas sua bibliografia traduzida em todas as línguas. Dentre os animais ridicularizados está a poética cigarra. Ridicularizada duas vezes. Primeiro, porque o fabulista francês dá ao grande hemíptero as piores qualidades que inutilizam uma criatura: a preguiça aliada à farrá; e, em segundo lugar, naquela obra de La Fontaine o desenho não é de cigarra, e sim de um grilo! Ora, é evidente que, para uma cigarra decente e briosa como são todos os indivíduos de sua família de tenores, sair um clichê assim tão acintosamente errado, era a mesma coisa que uma declaração de guerra. Apesar da delicadeza de alguns poetas que conseguiram, através de versos, atenuar o ódio das cigarras contra todos nós leitores de La Fontaine, elas juraram vingar-se da ingratidão e injustiça dos homens. As formigas, suas rivais desde que o mundo é mundo, nunca deixaram de atacar os homens e seus haveres. Entretanto, a humanidade não se cansa de exaltar o espírito da formiga, chegando mesmo a fundar organizações sociais com esse nome, em homenagem ao perigoso inseto. E agora surge a primeira notícia da vingança das cigarras contra nós. Em Sergipe os canaviais estão sendo violentamente devastados pelas "cigarrinhas". Se as crianças do seu reino são assim terríveis, que será de nós quando entrarem em ação as "cigarronas"?

PREMIANDO ANALFABETOS

Já o povo carioca, irreverente e divertido em face do sem-jeito, está levando a Câmara Municipal ao pelourinho de suas sátiras e ironias através de anedotas. Como todos sabem, há poucos dias a Câmara de Vereadores do Rio, alvo de veementes críticas por parte da imprensa, foi louvada nas justas censuras que o vereador Osório Borba fizera da tribuna daquele legislativo contra os responsáveis pelo escândalo das nomeações ilícitas para a Secretaria da mesma casa. Conta o vereador revoltado que, estando a escrever uma carta numa das salas da Câmara, percebeu alguém que parecia procurar ler o que ia sendo pôsto no papel. Osório Borba não se indignou contra aquele mal educado que se tornava assim tão indiscreto. Voltando-se, provocou ligeira conversa com o cidadão, vindo imediatamente a saber que se tratava de um dos nomeados pela escandalosa proteção da Mesa da Câmara com a cumplicidade de muitos dos colegas vereadores. Dessa palestra resultou que Osório ficou sabendo que não havia nenhum perigo de ser lida sua carta por cima do ombro, porquanto o pobre homem era apenas analfabeto! Antes era cozinheiro de um dos vereadores, o qual, para premiá-lo pelo excelente tempêro, conseguira nomeá-lo para a Câmara. Esta a versão verdadeira, sem nenhuma criação popular. Mas já o povo conta a coisa um pouco diferente. Quando Osório perguntou àquele cozinheiro se ele conhecia a nova ortografia, o homem ficou pálido de espanto e falou com voz de súplica: — "Inhor, não, dr. Osório... Num cunheço ainda essa nova vareadora... Será qui ela vai sé contra eu?!"



ATITUDES NOBRES

Nahilda Martins de Sousa era operária da fábrica de tecidos Corcovado, nesta cidade, quando foi vítima de sedução por parte de Ari Lopes Neto, soldado da Polícia Militar do Distrito Federal. Até aí, nada de mais. Sucedeu, porém, que o sedutor da jovem, num desses impulsos a que a facilidade de manejar uma arma ocasiona a ida de uma pessoa para o necrotério e a outra para a cadeia, deu ao gatilho, prostrando-a ao chão, nas agonias da morte. Prêso, confessou o crime. A justiça pública lhe arrumou em cima o respectivo artigo do Código Penal e ele esperou pelo julgamento no banco dos réus do Tribunal Popular. A jovem não morreu. Hospitalizada, seu organismo reagiu e ela está em vésperas de deixar o leito de baleada, podendo cuidar do filho que se aproxima. E' agora que começa o drama. A vida dessa humilde operária está escrita em três atos: uma tragédia, um drama e... (o Destino ainda não escreveu o terceiro e último ato da vida de Nahilda). Ela, porém, recuperando toda a consciência de sua situação, está auxiliando o Destino na elaboração de seu futuro. Vendo que vai ser mãe, renunciou a tudo neste mundo, para poder dar ao filho uma situação legal e digna perante a sociedade. De seu leito de ultrajada e vítima de um ato brutal e violento, ela dirigiu comoventes cartas aos juizes, ao representante do Ministério Público, a advogados, suplicando que absolvam o homem que pretendeu matá-la, pois ela, a própria vítima, duas vezes ofendida, duas vezes martirizada, confessa que ele não é culpado dos tiros que lhe desfecharam. Eis aí um dos mais belos exemplos de nobreza de uma jovem mulher que já fala com as lágrimas de mãe na defesa do filho que ainda não nasceu.



O JOVEM-PORCO

Divulgou a United Press, em telegrama de Caracas para o Brasil, que naquela capital foi descoberto um sér monstruoso. Segundo a notícia, trata-se de um rapaz de 17 anos dos quais passou onze imundas primaveras metido num chiqueiro, uma pocilga lamacenta e sem luz. Muita gente, tocada pelos naturais impulsos de piedade, diante de tão grande desgraça, deve estar dirigindo suas preces a Deus para que o infeliz moço venha a reintegrar-se no gênero humano, deixando o reino dos suínos. Com efeito, o desgraçado bem merece a piedade do mundo. A teratologia que o marcou na vida é qualquer coisa de repugnante. Contudo, por mais esforços que façamos, sentimos que estamos cada vez mais desconfiados da veracidade dessa notícia. Diz o telegrama que ele, o bicho, não fala. Como souberam, então, que o jovem-porco tem precisamente 17 anos e que já passou onze no chiqueiro? A quem pertence essa prisão imunda? Durante todo esse tempo, quem alimentava o mostrengo? De onde veio, ou como surgiu o porco-jovem, ou o jovem-porco? E' produto de gente humana ou de outro bicho ainda não classificado? Eslarece ainda o telegrama que o sér exótico não tem ossos; ou melhor, os tem, mas são de composição diferente da comum. São moles, gelatinosos, ossos tipo "mignon". Se são assim, como admitir que possua dentes fortes e pontagudos como os de javali ou caietu? Como pode morder as pessoas que dele se aproximam? Pensamos que essa história veio muito adiantada. Era coisa para o próximo primeiro de abril, na certa. Se, porém, confrimar-se, é necessário que o espécime seja atentamente examinado. Daí, talvez, se chegue à conclusão de que é produto de alguma experiência clandestina de sábios misteriosos que conseguiram o hibridismo entre suínos e nematódios. Ficamos, porém, à espera de novas notícias de Caracas. Caracoles!

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 44 — 30-10-48

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia, Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 87 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



Regressa ao Brasil Maximiliano Sahischmidt, ex-locutor do programa "Salada Mista", da Rádio de Berlim, durante a última guerra. Condenado a um mês de prisão e à multa de 10 mil francos o ator Henri Garat, acusado de uso de entorpecentes. Em desastre ferroviário, ocorrido na Bahia, foram vitimadas quarenta pessoas. Anunciada no Uruguai a visita do presidente Eurico Dutra. O almirante Gago Coutinho parte para a Europa, declarando, aos jornalistas, que vai em viagem de pesquisas sobre o roteiro dos descobridores portugueses. Registra-se um desastre de avião em Santa Cruz, sem vítimas a lamentar. No Estado de Carabobo é descoberto um homem que tem aparência de porco. Falece von Brauchsch, um dos comandantes do exército alemão durante a 2ª Guerra Mundial. Destruido pelas chamas um bombardeiro da Força Aérea Brasileira, no aeroporto de Guararapes, no Recife. Desastre de trem em Santo Amaro, na Bahia, com cerca de noventa vítimas. Descoberto um "complot" contra o generalíssimo Franco, que seria assassinado em Lisboa por ocasião de sua visita à capital portuguesa. Informam da China que foram massacrados pelos guerrilheiros chineses 100 mil soldados legalistas, em Cheng-Shien. Inaugurada, na Câmara Municipal, a exposição do escultor Bruno Giorgi. Chega aos Estados Unidos o produtor inglês J. Arthur Rank. Incêndio na rua principal de Curitiba, com elevados danos. Informa-se que os aluguéis atuais não serão aumentados. Desastre de avião, na Escócia, perecendo trinta e seis pessoas. Informa um matutino carioca que foi apreendida no Distrito Federal grande quantidade de filmes de propaganda soviética vindos diretamente de Moscou. Continua agitada a situação na França, com o alastramento das greves por todo o país. Falece o cardeal August Hlond. O marechal Montgomery, na véspera do aniversário da batalha de El-Alamein, previne o mundo contra os perigos da hora atual. Constituirá monopólio do Estado o seguro contra acidentes do trabalho, ao que se informa. A erupção do vulcão Villarica, no Chile, causa dezenas de vítimas. Descoberto ouro na localidade de Aurizona, no Maranhão, que é colhido à flor da terra. O sr. Raul Fernandes mostra-se pessimista quanto às possibilidades de um acordo entre os Aliados Ocidentais e a Rússia, no caso de Berlim. Num incêndio irrompido no Hipódromo de Hawthorne, em Chicago, morrem queimados 25 cavalos de corrida. Rejeitada, na O.N.U., a proposta que proibia a bomba atômica. Informam os jornais que sobe a mais de um milhão e meio o "deficit" orçamentário de 1948. Falece a "estrela" cinematográfica Elissa Landi. O cidadão americano John Bernatowicz, de 59 anos de idade, morre sufocado devido à sua imprudência em retirar, para exibir a amigos, a traquéia artificial que usava, não sabendo recolocá-la, em seguida. Ação de despejo contra o Tribunal Regional do Trabalho de S. Paulo. A Presidência da República manda arquivar o processo em que a escritora Ítala Gomes Vaz de Carvalho pede auxílio para montar a ópera "Salvador Rosa", de Carlos Gomes, por uma empresa italiana. Transcorre o 110º aniversário do Instituto Histórico. Comemorado o centenário da cidade de Pouso Alegre, no Estado de Minas Gerais. Chega ao Rio de Janeiro o produtor cinematográfico português Antônio Lopes Ribeiro. Ainda continua sem solução o "impasse" de Berlim, entre anglo-franco-"yankees" e soviéticos. Vendo as suas árvores e plantações serem derrubadas para conter o surto de febre bubônica, na Bahia, um fazendeiro enlouqueceu e outro suicidou-se, imaginando uma ruína financeira que tal medida acarretaria. Em inquérito recente, realizado nas escolas norte-americanas, noticiam os jornais, ficou provado que o uso dos quadros negros é prejudicial à vista das crianças. Voltam à luta árabes e judeus na Palestina, com pesadas baixas de ambos os lados. Onda de crimes no Rio. O vereador José Junqueira renuncia ao cargo de 2º secretário da Câmara Municipal. Anuncia-se que será ainda este ano o Congresso Nacional de Pecuaristas, a ter lugar no Estado de Minas. O general Douglas Mac Arthur reúne os comandantes americanos da zona do Pacífico e discute com eles as possibilidades de defesa em caso de guerra. Continua despertando debates o problema da sucessão da presidência do Flamengo. Numerosos líderes nacionais são favoráveis a uma ação do Itamarati no sentido de que a próxima reunião da Organização das Nações Unidas se realize no Brasil. O "Osservatore Romano", órgão oficial do Vaticano, tece elogios à delegação brasileira que toma parte na redação da Declaração dos Direitos do Homem na O.N.U. Iniciadas as comemorações da Semana da Asa. Toma posse no cargo de ministro do Trabalho o sr. Honório Monteiro, ex-presidente da Câmara dos Deputados.

As 2 grandes criações da fábrica CYMA

O modelo Automatic

O Relógio das 8 vantagens:

- ★ Automático
- ★ Impermeável
- ★ Inoxidável
- ★ Para choques
- ★ Antimagnético
- ★ Vidro inquebrável
- ★ Preciso
- ★ Elegante



e o despertador CYMA

que com uma corda só faz andar a máquina e a campainha



CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope:

Conto para a REVISTA DA SEMANA

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



UM NOME QUE VEIO DE CANUDOS ★ ESTUDOS DE GEOGRAFIA HUMANA ★ FAVELAS DE BELO HORIZONTE

Nas grandes cidades do norte do país, como o Recife, por exemplo, dava-se a esse desordenado e humilde panorama de pequenas habitações de taipa e zinco, o nome de **mocambos**. Termo africano. Favela é uma árvore dos desertos nordestinos e do alto sertão mineiro da bacia do S. Francisco. No Rio, porém, passaram a denominar favela ao que chamavam **mocambo** nas cidades do nordeste. De onde veio esse nome?

Conforme investigações de pacientes rebuscadores de nossos neologismos ou evolução da linguagem do povo, favela passou a ser o casebre dos morros do Rio, logo depois da guerra de Canudos. Os soldados que voltaram ao Rio e, com eles, centenas de prisioneiros na sua maioria constituídos de mulheres sem rumo, foram povoar o morro da Conceição, ali se erguendo uma cidade de mendigos. Como havia no reduto de Antônio Conselheiro um morro que se chamava da Favela, nome tirado do arbusto espinhento e de onde a tropa legal expulsou os jagunços e atacou decisivamente os fanáticos, os novos moradores do morro da Conceição, por associação de idéias ou por espírito de galhofa, passaram a chamar de favela aquele novo reduto dos desajustados de Canudos. Assim nasceu o «morro da Favela» da Capital da República.

Do Rio foi-se espalhando o novo termo e hoje, mesmo no Recife, já muitos dão aos mocambos o nome carioca de favela.

O fenômeno se nos apresenta como uma página aberta a estudos de geografia humana. Por que motivo se formam favelas dentro das cidades ou à sua-periferia?

No Brasil a causa gira especialmente dentro destes dois pontos: primeiro, economia de distâncias pelo trabalhador pobre; segundo, dificuldade de transporte.

No Rio surgem favelas de permeio com edificações luxuosas em bairros elegantes e aristocráticos como sejam Copacabana, Leblon, Ipanema. A pobreza que emprega sua atividade nas cozinhas, nas copas, em edificações, em fábricas, a depender de horários, certamente estaria diante de sério problema para a própria manutenção da vida, se fôsse morar distante de seus centros de emprego, em face da dificuldade de transporte e das enormes distâncias. Então se infiltram em qualquer zona e ali instalam mocambos, casebres, iniciando a condenável favela.

Isolada, erguida no alto de um morro, vista à luz do luar, entre penedos e árvores, com as ladeiras sinuosas e mal cuidadas, a favela é até poética. E se mora por ali algum seresteiro, então o cenário se converte em harmonia e encanto, tudo embelezado pelo som plangente de violões que fazem esquecer as mágoas da vida...

Mas, quando a favela surge entre áreas já definitivamente urbanizadas e elegantes, torna-se indesejável e pernicioso. Antros que atraem a fina flor da delinquência, as favelas vizinhas a zonas aristocráticas não podem inspirar poesias, e sim intranquilidade social e muito trabalho à polícia. Daí a inegável necessidade de afastar dos centros urbanos já evoluídos para a civilização, a existência de quistos humanos onde vicejem os mais baixos instintos, muitas vezes nutridos pelos confrontos das condições da vida em face dos contrastes sociais.

Ao contrário do que muitos julgam, a formação das favelas não é uma contingência ou fatalidade inerente às velhas capitais. Há no Brasil uma grande cidade com apenas cinquenta anos de existência, que já apresenta em vários de seus bairros periféricos, as manchas humilhantes dos casebres. É Belo Horizonte, a garrida e progressista capital de Minas Gerais.

Até 1930, na cidade — que surgiu do povoado de Curral del Rey, e se estendia através de largas avenidas traçadas mas ainda não habitadas — não se via um só vestígio de favela.

Mas, com o desenvolvimento da cidade e seu surto de progresso nas indústrias de construção civil, e pelo crescente número de fábricas, foi-se formando o parque proletário e, com ele, começaram a florescer os barracos. Barracão, no Rio, é casa de pobre, plebeia, construção de favela. Em Belo Horizonte, barracão é um chalézinho em fundos de terreno, com tacos encerrados, em meio de jardim garrido. Barraco é sinônimo de favela, mas muito mais decente e bem parecido.

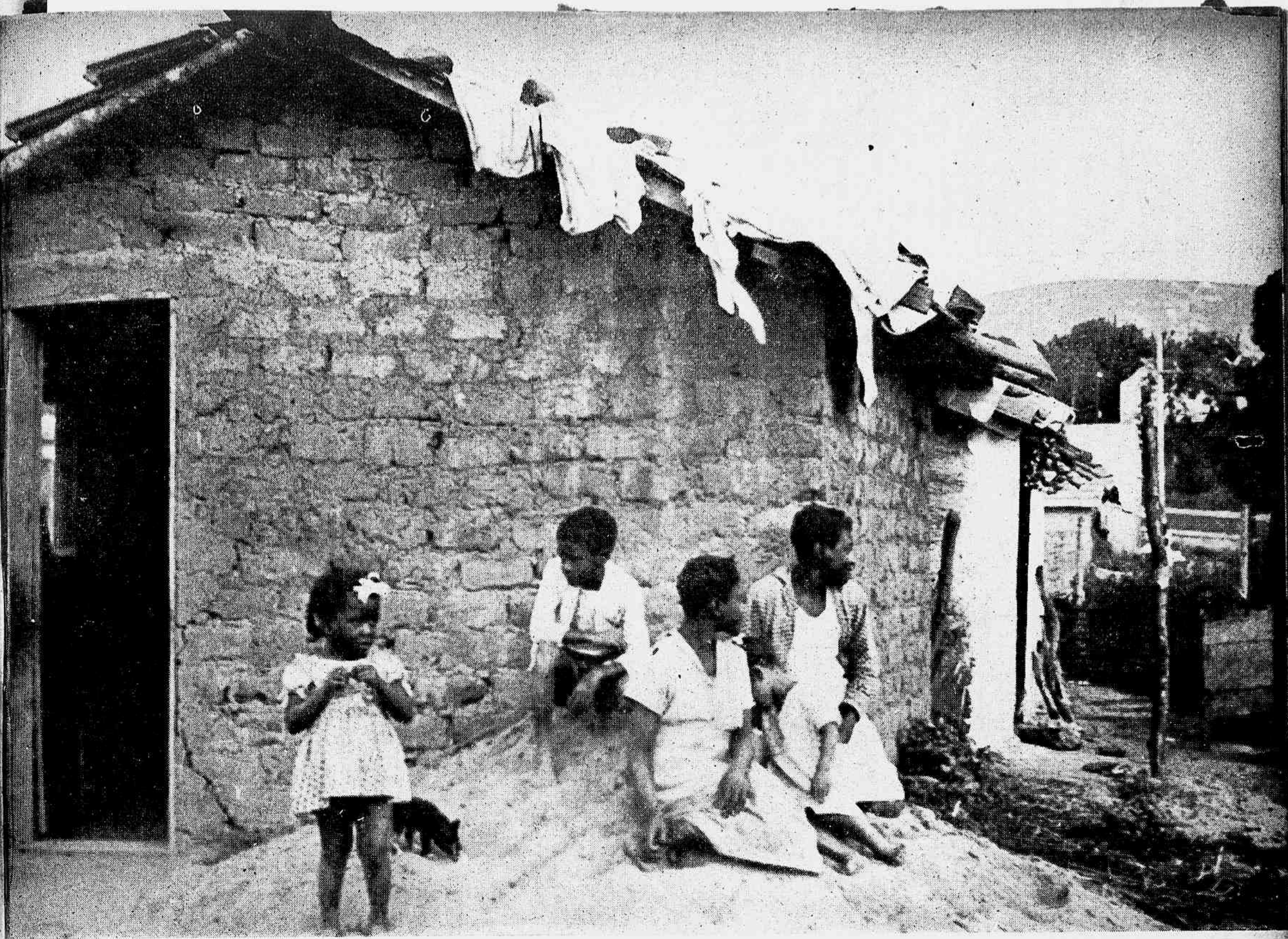
Qual o motivo por que os poderes públicos toleraram erir-se favela na capital?

Belo Horizonte cresceu veloz e desmedidamente, com surpresa geral. Onde hoje se erguem favelas de barracos, o que havia há poucos anos era mata, muito distante do centro.

Os fundadores da capital mineira estavam longe de supor que a antiga Curral del Rey viesse a tornar-se em cinquenta anos, a sexta cidade do país, com uma população cosmopolita, labo-

Também há
favelas nas
cidades
novas

Reportagem de Ruy Saulo



Conversa fiada na porta de casa: o aspecto não é de todo desagradável. O "banco" é de areia; o laço de fita na cabeça da garota e o porquinho são sintomas de que há alguma sobra em casa

riosa, progressista, desbordando através dos limites da Avenida do Contorno a subir morros, a povoar valados em tôdas as direções, deixando a capital de ser uma cidade de funcionários públicos e de estudantes, para exibir uma fisionomia de grande metrópole com arranha-céus de 25 andares.

Com a invasão de recursos econômicos e financeiros, a conquista de mercados e a atração da cidade, que sempre foi o sonho do homem do interior, Belo Horizonte começou a apresentar os sintomas de moléstia das grandes cidades antigas: as favelas.

O trabalhador que precisa estar às sete horas na fábrica, na olaria ou na construção, não poderia morar em Betim, em Sabará ou em Nova Lima. Era preciso arranjar um jeito para não perder o emprêgo ou ver descontados de sua fêria, dias e mais dias de trabalho.

E o primeiro levantou seu barraco às margens do Arrudas, entre a serra e Santa Teresa.

Como naquele meio o zinco é mais difícil do que o ouro, e a madeira tão cara e difícil como o zinco, êle conseguiu tijolos à margem das olarias que povoavam todos os arredores, e levantou as paredes do casebre. As telhas francêsas, únicas que se usam na capital mineira também lhe chegaram às mãos com relativa facilidade. E eis a primeira casinha do operário ou do soldado desarranchado.

Muito distantes do centro urbano, propriamente dito, tais habitações não chegavam a provocar denúncias, nem preocupações de cuidado urbanístico aos administradores públicos.

Mas, quanto mais a vida se civilizava do centro para as margens, mais crescia o número de casebres, mais se adensava a população proletária, mais crianças maltrapilhas e obesas vinham às vendas das pontas de trilhos da Companhia de Bondes, provocando comentários, dando motivo a queixas, despertando apetites de grieiros gananciosos...

Que fazer com centenas e mesmo milhares de favelados dos arredores de Belo Horizonte?

Aumentar os trens suburbanos, criar outros, construir vilas operárias nos arredores da capital. Houve um Prefeito que levou o caso a sério e atenuou a situação da capital mineira.

Muitas vilas foram inauguradas.

Bairros inteiros surgiram ostentando edificações simpáticas que eram alugadas ou vendidas a preço inacreditável.

Mas a cidade continuava a crescer com impetuosos de maré de agosto em praias planas. Mudaram os prefeitos que sentiram o assunto como êle deve ser tratado. A cidade manteve sua expansão em franca vitalidade. Mas paralisaram-se as obras para gente pobre, e os operários tiveram que, por sua conta e risco,

enfrentar a tempestade da falta de habitação ao lado da carência de meios de transporte.

E' hoje a capital de Minas, apesar de apenas contar meio século de vida, uma cidade com os deploráveis aspectos da favela, símbolo de pobreza humana.

Na área que vai das faldas de Santa Teresa, nas margens do Arrudas, às ondulações orográficas de Santa Efigênia, Calafate, etc. foi justamente onde mais proliferaram as edificações provisórias para o homisio da massa de proletários.



O cachorro não falta. Quase podemos dizer: onde há gente, há cachorro.



A ESQUERDA — Flagrante tomado no interior de uma casinha. Notam-se muitas latas, mas ao repórter não foi possível esclarecer se foram compradas chelas, ou adquiridas vazias. A DIREITA — Este "hotêl" é algo como uma favela, não tem janela. Em frente vai passando alguém que conduz um carrinho de mão, sobre de terra, cheio de telhas francesas.

A causa é óbvia. Vizinhança de água para serviço de limpeza doméstica numa via comum para os despejos que a ausência de sistema de esgoto não podia exaurir.

Outras zonas operárias também foram lavadas pelo construtor de favelas, como sucedeu com os conflitos do Rio, onde se instalaram as oficinas da E. C. do Brasil e algumas indústrias.

Entretanto a Prefeitura atalhou em tempo o sorto de mais um mocambal e as famílias mais

modestas conseguiram livrar-se dessa fatalidade que persegue as povoações trabalhadoras de todas as grandes cidades do país.

Quantos casabros há em Belo Horizonte? Procede-se recentemente a um rigoroso recenseamento da população da capital como contribuição demográfica aos festejos de seu primeiro centenário. Porém, que foram registrados cerca de quatro mil, o que já representa verdadeira alarme para os administradores futuros. Há, entretanto, uma particularidade que não

passa despercebida ao observador. As favelas de Belo Horizonte se diferenciam das demais de outras grandes cidades do Brasil, pelo seu tipo mais aperfeiçoado.

A favela típica é a que se encontra nos mangues do Recife e nos morros do Rio. Construções de um primitivismo africano característico, essas casuchas são cobertas de zinco ou de tábuas de caixões de querosene, colocando-se pedras ou tijolos para proteger o telhado contra as ventanias. Suas paredes são de zinco ou de tábuas, e se há palmeiras pelos arredores, as palhas substituem a taipa ou a madeira.

As favelas de Belo Horizonte são todas elas de tijolo e cobertas de telhas francesas. No seu interior se nota aquela miséria própria dos lares indigentes. Muitas são caídas e se mais não fazem os seus construtores é porque tais edifícios têm sobre suas cumeeiras a espada de Damocles das posturas municipais: virão abaixo a qualquer hora.

A chamada «ilha dos Urubus» se situa na região do «Arrudas» à beira do leito da E. F. C. B. e recebeu este nome pela afluência de urubus que por ali se vê durante todo o dia, graças a uma fábrica de banha, cujos detritos constituem saboroso menu a esses delegados gratuitos da limpeza pública.

Estão procurando combater o fenômeno urbano das favelas, construindo em vários bairros proletários algumas centenas de casas modestas mas confortáveis, onde o problema do transporte não venha mais tarde frustrar esses esforços, obrigando os trabalhadores a abandonar casas mais decentes voltando a construir suas choças em lugares estrategicamente mais favoráveis aos seus deveres profissionais.

A pandemia favelosa que também atingiu a capital mineira, não é insuperável. É apenas um sintoma de necessidades de melhorias humanas a lutar pela vida, aplicando inconscientemente o princípio da lei de menor esforço diante das dificuldades que a vida apresenta e que o poder público nem sempre dispõe de recursos para anular.



Vista geral de uma favela em Belo Horizonte, note-se que quase não há janelas. É um "hotêl" no casarão.

Em 1936, por ocasião do Congresso Internacional dos PEN clubes em Buenos Aires, passou pelo Brasil uma pleiade de escritores notáveis, dos maiores da literatura universal, dos quais alguns se demoraram certo tempo em nosso país.

Redator de um periódico da imprensa paulistana, procurei entrevistar todos os grandes homens de letras que transitaram por São Paulo, mas só consegui falar com Stefan Zweig e Marinetti, que ficaram na Paulicéia alguns dias. Deixei de entrevistar Jules Romain, escritor que sempre admirava, porque ele se demorou apenas algumas horas na Capital Bandeirante. Mas estava escrito no Livro do Destino que eu havia de entrevistar também esse notável arquiteto de pensamentos e, como o mundo é muito pequeno, tendo ido 12 anos depois, a Paris, como correspondente da REVISTA DA SEMANA e várias outras publicações da imprensa nacional, tive o grande ensejo de encontrar-me várias vezes com o autor de "Os homens de boa vontade". E foi num dos nossos encontros que Jules Romain, sem saber que estava sendo entrevistado, contou-me alguns episódios da sua vida, que vou contar agora aos meus leitores:

NA RESIDÊNCIA DE JULES ROMAINS

Jules Romain mora num luxuoso apartamento da rua Solferino, num dos mais pitorescos bairros de Paris. O seu gabinete de trabalho está instalado na sala de visita que é, ao mesmo tempo, a sua biblioteca. Enorme e rica. Muitos livros preciosos, alguns quadros, estatuas, vários objetos de arte, fotos e gravuras. Numa das fotos, que se acham sobre as paredes, aparece Jules Romain em companhia do Professor Einstein; "a melhor recordação da minha vida", me disse o ilustre escritor ao apontar a foto em questão. Jules Romain é um homem de idade, de estatura média, rosto grande, cabelos castanhos e olhos sonhadores, um tanto melancólicos. Fala devagar e não pode esconder os seus gestos e suas atitudes de pedagogo. Observei-o nos primeiros minutos do nosso encontro, o que se confirmou alguns dias depois, quando, ao procurar dados biográficos de vários escritores franceses, li alhures que Jules Romain exerceu durante muitos anos função de professor em alguns ginásios da França. Nas várias conversas que mantive com ele, contou-me Jules Romain como se tornou escritor. A sua carreira literária remonta há muito anos. Começou a escrever aos... 9 anos de idade! Escreveu, então, uma comédia em um ato e, cinco anos depois, uma tragédia e meincos atos, intitulada "Czar". Mas a sua verdadeira carreira literária



Jules Romain, há anos, quando professor de filosofia num ginásio de Paris



O escritor Jules Romain em companhia de Nelson Vainer, ex-correspondente da REVISTA DA SEMANA na Europa

JULES ROMAINS, FALA À "REVISTA DA SEMANA"

De N. VAINER para "REVISTA DA SEMANA" — Fotos de KATHLEEN GREY

data desde os seus 18 anos de idade, quando já manteve relações com alguns dos maiores escritores e poetas da época.

O GRUPO ABBAYE

Naquele tempo, existia em Paris um punhado de jovens homens de letras, dos quais vários se tornaram célebres, como, por exemplo, Georges Duhamel e Charles Vildrac. Foi esse grupo que lançou a lume o primeiro livro de Jules Romain. Tratava-se de um volume de poemas líricos, que se tornou conhecido como uma teoria sob o nome de UNANIMISME.

Esse livro obteve um grande sucesso, tão grande que outro, no seu lugar, abandonaria as demais atividades para dedicar-se exclusivamente à literatura. Jules Romain, porém, não se deixou arrastar pelo seu primeiro triunfo; "para conservar a pureza da minha obra, compreendi que não devia fazer dela um ganha-pão" — disse-me certa vez o ilustre escritor. Entrou, pois, para a Universidade, donde saiu apto para exercer a função de professor de filosofia. Mas nunca deixou de escrever, dedicando-se a vários gêneros literários. Escreveu romances, poemas, contos, peças teatrais.

O sucesso de suas peças teatrais foi tão grande que, durante alguns anos, deixou de ser poeta. Quem lucrou com isso foi o teatro francês, que se viu enriquecido com algumas dezenas de peças teatrais. Ao mesmo tempo, publicou muitos ensaios e vários romances, dos quais, o mais fecundo é "OS HOMENS DE BOA VONTADE", em 27 volumes, que a editora Flammarion lançou no ano passado. Trata-se de uma longa epopéia que começa antes da primeira guerra mundial e termina em nossos dias. Focaliza os maiores acontecimentos

da época, do flacre à era da energia atômica. Como hábil fotógrafo, Jules Romain fotografou nas páginas do seu grande romance tudo quanto ele observou não como simples mortal, mas como um homem que nasce predestinado a legar para as gerações vindouras uma obra imortal.

Apenas concluída a sua obra de 27 volumes, com mais de 300 páginas cada, vi, no departamento comercial das Editions Flammarion, nada menos de 15.000 pedidos, o que dispensa quaisquer comentários. Quero apenas dizer que a situação atual na França é tão crítica que poucos franceses pensam em comprar livros caros. E, se em tal situação, quinze mil pessoas procuram adquirir uma obra de 27 volumes, sem dúvida uma fortuna hoje em dia, — essa obra deve ser algo de extraordinário, que não pode, nem deve faltar nas estantes de leitores de boa literatura. Jules Romain falou-me também de suas longas viagens através do mundo, sempre em missão cultural, tomando parte nos grandes congressos literários, como representante da França. Visitou muitos países e esteve prestes a visitar o Brasil, a pedido do seu pobre amigo Stefan Zweig. Mas a guerra frustrou os seus planos. Durante a segunda guerra mundial viveu nos Estados Unidos pouco mais de cinco anos e um ano no México.

Um fato interessante e curioso com relação à sua entrada para a Academia Francêsa: residindo no México e já prestes a retornar à França, foi eleito para a Academia Francêsa, mesmo quando ausente, caso inédito naquele cenáculo das letras francesas pois, como se sabe, essa instituição tem por costume a visita protocolar dos candidatos à imortalidade e Jules Romain se achava então no estrangeiro!

"Fui eleito na ausência, — disse-me o notável homem de letras — o que prova que os meus confrades conhecem perfeitamente a minha obra e me têm em grande estima".

E agora, antes de terminar: a tradução de OS HOMENS DE BOA VONTADE daria ao nosso público leitor a oportunidade de conhecer de perto os grandes dramas do nosso século, magistralmente narrados nessa grande obra que é um documento vivo dos acontecimentos da primeira metade do século XX.



— Acho que não ficará zangado se lhe der uma gorjeta.

BOM HUMOR



TOM HENDERSON

— Ótima, a sua idéia de convidar o Tio Zeca para o lanche.



— Ah! Como é bom recordar o passado...



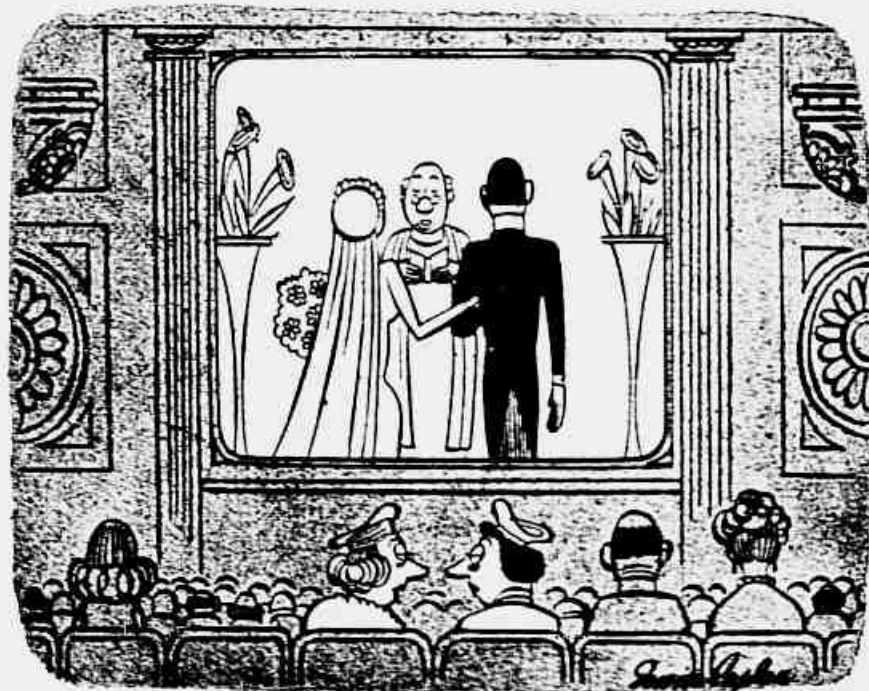
SHIRAZI

— Pode entrar...



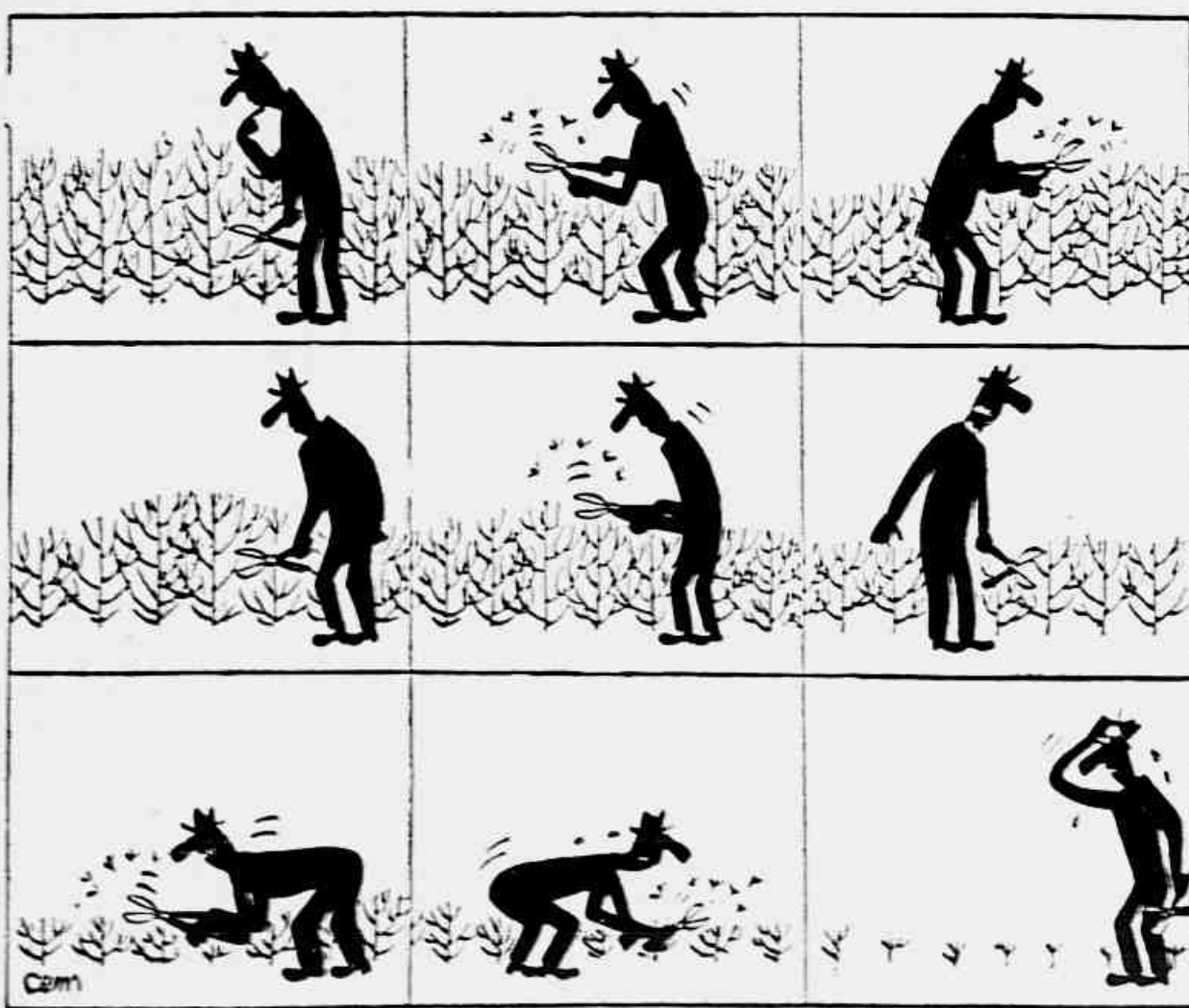
JOÃO CARLOS

— Agora está facilíssimo, Miss Lamay, pois vou preparar-lhe para a cena da velhice.



JOÃO CARLOS

— Não sei porque no livro eles não contam o que acontece depois.



CEMI



TOM HENDERSON

— Agora terá o prazer de conhecer o vizinho do apartamento de cima.



SOCIALISMO NA PINTURA — Nêstes trainéis, pintores de tô das as épocas e variadas escolas, dormem o seu sono eterno...

Texto de **PÉRICLES LEAL** ★ Fotos de **A. VIEIRA**

Sempre se tem curiosidade de ver o que está escondido aos olhos do público. Isto é uma qualidade inata no homem. Desêjo de reparar naquilo que o vizinho não notou, vontade de saber o que se passa por trás da porta fechada, adiante da linha do horizonte.

Dai a nossa curiosidade de conhecer o porão do Museu Nacional de Belas Artes, onde, segundo denúncia publicada num matutino da cidade, graves irregularidades estariam sendo cometidas.

Ademais, havia a aventura de penetrar no porão do Museu, um lugar sossegado onde somente um vigia passa uma vez por dia a fim de ver como "vão as coisas"...

Em suas duas salas, estão setenta e sete enormes trainéis, onde se encontram mil quatrocentos e trinta (1.430) quadros, dispostos em coleções separadas, ou reunidos por escolas, autores etc.

As coleções estão assim organizadas: Barão de São Joaquim, Luis Rezende, Luis Fernandes, Sala da Mulher Brasileira, Prêmios de Viagem, Auto-retratos e Gravura.

E as escolas: por país, obedecem à colocação seguinte: Italiana, Francêsa, Belga e Holandêsa, Portuguêsa, Brasileira.

Autores: Vitor Meirelles, Pedro Américo, Zeferino da Costa, Amoêdo e Boudin.

Existem, ainda, a relação de obras de autores ignorados, algumas magníficas obras-primas que não foram identifica-

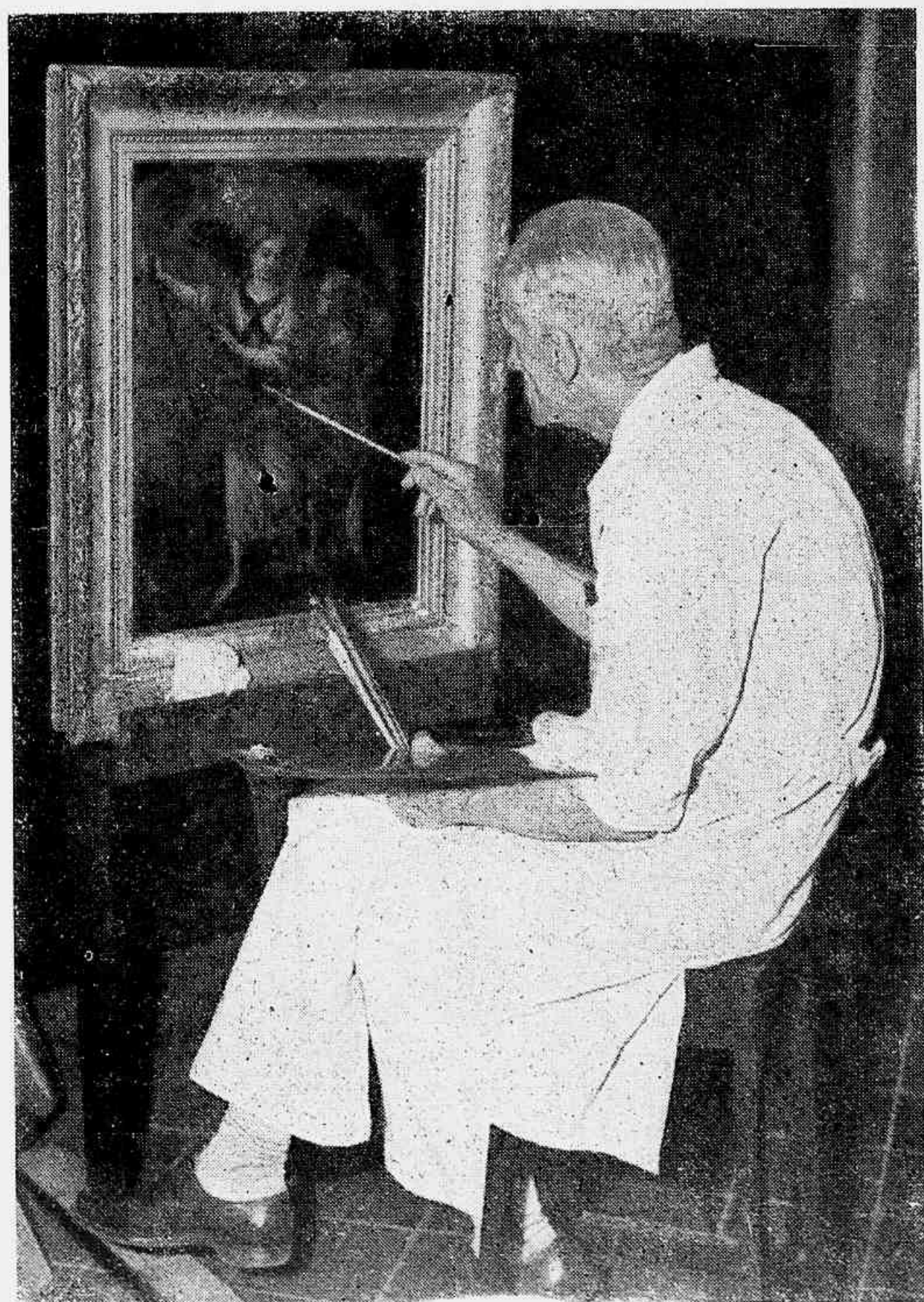
das. Além da relação que publicamos acima, figuram nos trainéis centenas de outros quadros de diversos autores nacionais e estrangeiros, catalogados na primeira relação, isto é, na de escola por país.

E muitas, muitas outras coisas curiosas observamos na nossa ronda pelos porões...

THOMAZ, O REMENDÃO

Há um homenzinho magro, a cabeça completamente branca, curvado pelos anos e pelo trabalho contínuo que vem fazendo há muito, que desempenha papel da maior importância no Museu, mas que fica sempre no anonimato, uma vez que assim manda a sua profissão. Chama-se Thomaz. Por entre galerias onde se apinhavam centenas de quadros e esculturas, chegamos até ao cubículo onde Thomaz exerce as suas funções de restaurador. É um cubículo espaçoso, com telas por todos os lados e uma grande mesa que toma quase todo o compartimento. Ali fomos encontrar Thomaz. "Tobias e o Anjo". O primeiro executava o serviço de restauração nos dois outros. Com grande paciência, o remendão plástico se esmerava no importante trabalho de preencher as lacunas, criadas pelo tempo, no belo quadro.

O serviço de Thomaz é ingrato e lhe dá muitas dores de cabeça. É preciso estudar cuidadosamente uma tela antes de



"Tobias e o Anjo" têm uma entrevista com o restaurador Thomaz

AINDA QUE PAREÇA INCRÍVEL, Oswaldo Teixeira tem especial cuidado na conservação deste quadro de Cândido Portinari

começar o trabalho da reparação, procurar precisar exatamente a cor da tinta que falta, a força, o matiz, a natureza do traço e uma infinidade de outras coisas que podem parecer insignificantes ao leigo, mas que, mesmo assim, vem embraqueada vez mais a cabeça de Thomaz.

No porão do Museu não há apenas quadros velhos e novos, belos e horríveis, limpos e empoeirados. Há também a história de cada um dos seus empregados. E a que nos pareceu mais interessante, foi, justamente, a de Thomaz.

Ora, Thomaz foi um menino sonhador como um milhão de garotos de cabeças ao ar que existem por todo este mundo em fora. Menino travesso, desses que até parecem incansáveis, uma vez que desafiavam o dia de sol a sol, fazendo "artes" que são as dores de cabeças de suas mães.

No entanto, logo cedo, o pequeno Thomaz começou a compreender que a vida era muito mais que simples correrias. Devia haver algo maior, algo grandioso. Ele ouvia falar de homens que se chamavam *artistas* e quando a gente grande falava desses homens, tomava um ar grave, como quando se referiam a Deus ou aos santos. Seriam esses seres algo tão sobrenatural assim?

E o garoto quis ser artista. Não teve muita dificuldade, pois o sangue que lhe fervilhava nas veias era dessa espécie.

Assim é que, quando rapazola, Thomaz começou as suas aulas de desenho com João José da Silva, restaurador do Museu Nacional de Belas Artes, que tinha como diretor, por essa época, ao escultor Rodolfo Bernardelli.

Revelando-se sempre um aluno dedicado e compreensivo, Thomaz em breve tornou-se um auxiliar competente do velho João José, de quem recebia sempre este conselho:

— Menino, lembre-se sempre de uma coisa: o homem ou serve a Deus ou ao Diabo. No caso? Ou é pintor ou restaurador.

A princípio, Thomaz confessa ao repórter, resistira contra esta coisa. Ora, se um simples restaurador faria um serviço de reparação dos melhores, um pintor, artista consumado, logicamente que teria muito mais possibilidades de realizar um trabalho mais perfeito. Entretanto, o passar dos anos revelaria o seu engano.

Rodolfo Bernardelli, por esse tempo, insistia com os poderes centrais para a instalação do Museu e da Escola de Belas Artes em plena cidade, num local onde estivesse sempre acessível ao público, facilitando a mostra das constantes exposições das galerias, assim como de pinturas de exposições temporárias. Um dia o saudoso artista viu consumado o seu ideal. Então, instalado o Museu e a Escola na avenida, viu Bernardelli que o serviço de restauração das telas era serviço por demais pesado para um só homem. Pediu a João José que indicasse um assistente. O velho restaurador instantaneamente lembrou-se do seu jovem discípulo. E na tarde do dia seguinte, trê-



mulo e emocionado, Thomaz viu-se diante de Bernardelli que, então, lhe fez o convite pessoalmente, perguntando, em seguida, se aceitava.

— Ora, senhor — começara Thomaz — era tudo que eu podia desejar... Bernardelli sorria do embaraço do moço, acrescentando:

— Mas, meu caro, não é muito. Segundo me disse João José, você está perfeitamente integrado no "métier".

— De fato, senhor, eu conheço um pouquinho do assunto...

— Bom, então o lugar de assistente é seu. Pode começar desde logo.

— Muito obrigado, sr. diretor.

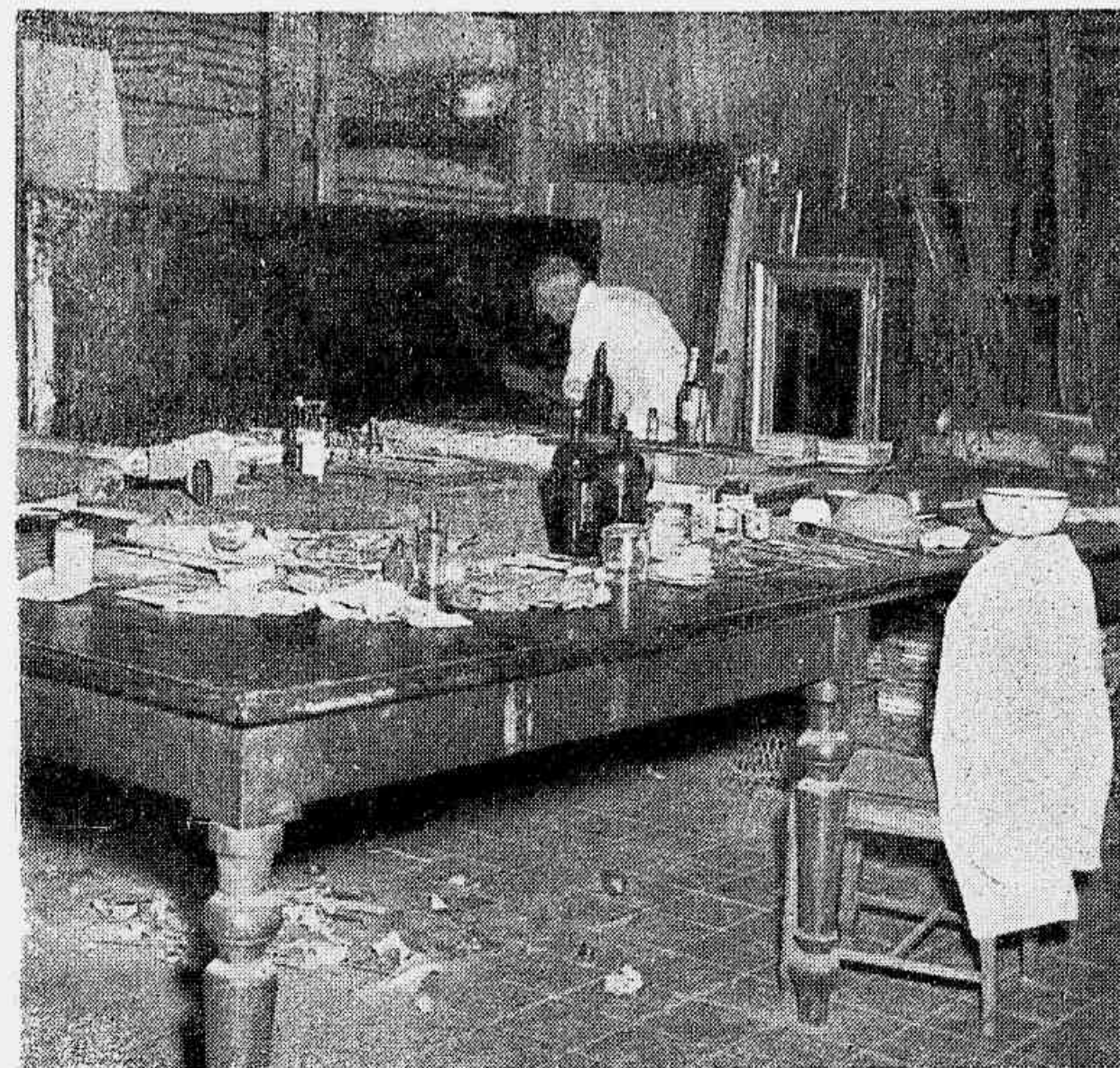
— Outra coisa: o ordenado inicial é de 100 cruzeiros apenas. É pouco, mas farei o possível para incluí-lo no reajustamento que está em elaboração. Está bem?

— Repito, senhor, que trabalhar no Museu, para mim, representa uma honra.

A partir deste dia, Thomaz integrou-se de corpo e alma ao seu mistério. Logo compreendeu que a restauração também é uma arte. E apaixonou-se pelo seu serviço.

E hoje esclarece à reportagem:

— O pintor possui a sua técnica própria, o seu estilo. Ele tem que ser original, tem que revelar-se sempre um só. Ao passo que o restaurador se metamorfosea miríades de vezes. Se nos cabe a restauração de um quadro clássico, temos de estudar e apreender detidamente o traço



A SEÇÃO DOS "REMENDOS" — Aqui, os quadros são cuidadosamente reparados

do artista para realizar um trabalho perfeito, sem falhas, como verdadeiramente convém. Muitas vezes tive pela frente, num só dia, telas pertencentes às mais díspares escolas. E a todas tive de me amoldar para não quebrar a sua uniformidade.

— E nunca pensou em pintar o seu próprio quadro?

— Não tenho tempo. Ademais, como disse, o serviço de restauração requer muita atenção e, acima de tudo, despersonalização completa do pincel do restaurador.

É ainda nessa seção que as molduras estragadas são substituídas. E isto se dá frequentemente, levando-se em conta que os bichinhos comedores de madeira não possuem senso de patriotismo, roendo incansavelmente as mais ricas molduras do Museu... A substituição, segundo nos esclareceu Oswaldo Teixeira, é feita por madeira de lei, especialmente jacarandá.

Os bichinhos roedores são por demais irreverentes, pelo que podemos constatar. Não respeitam o patrimônio nacional, isto já ficou dito. E, além desta grave falta, não estão reparando para a natureza do alvo, se pertencem à escola clássica, cubista, surrealista, ou o que lá seja. O objetivo é roer. E eis que até Cândido Portinari sofre uma investida dos bichinhos...

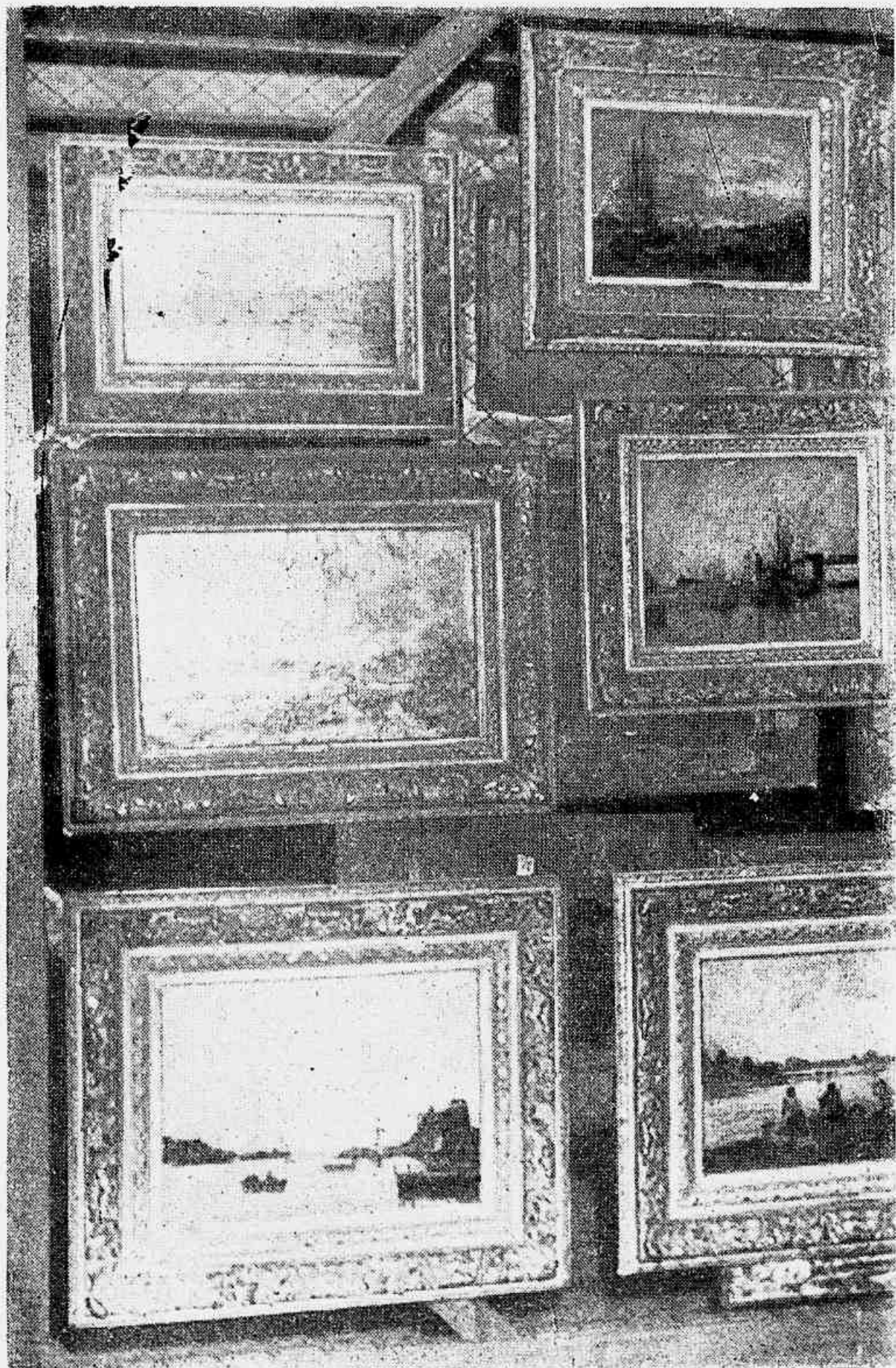
E Oswaldo Teixeira se explica:

— Dizem que eu tenho prevenção contra os modernos. Mas não é nada disto. Repare neste quadro de Portinari (que, aqui p'ra nós, é uma boa droga). O bicho tinha estragado em grande parte o fôrro e, imediatamente, mandei substituir.

Era um retrato do poeta Olegário Mariano, executado pelo mestre da moderna pintura brasileira. E Oswaldo Teixeira voltou à comentar:

— Não gostei, não. Não merecia o Prêmio de Viagem que conquistou. Francamente...

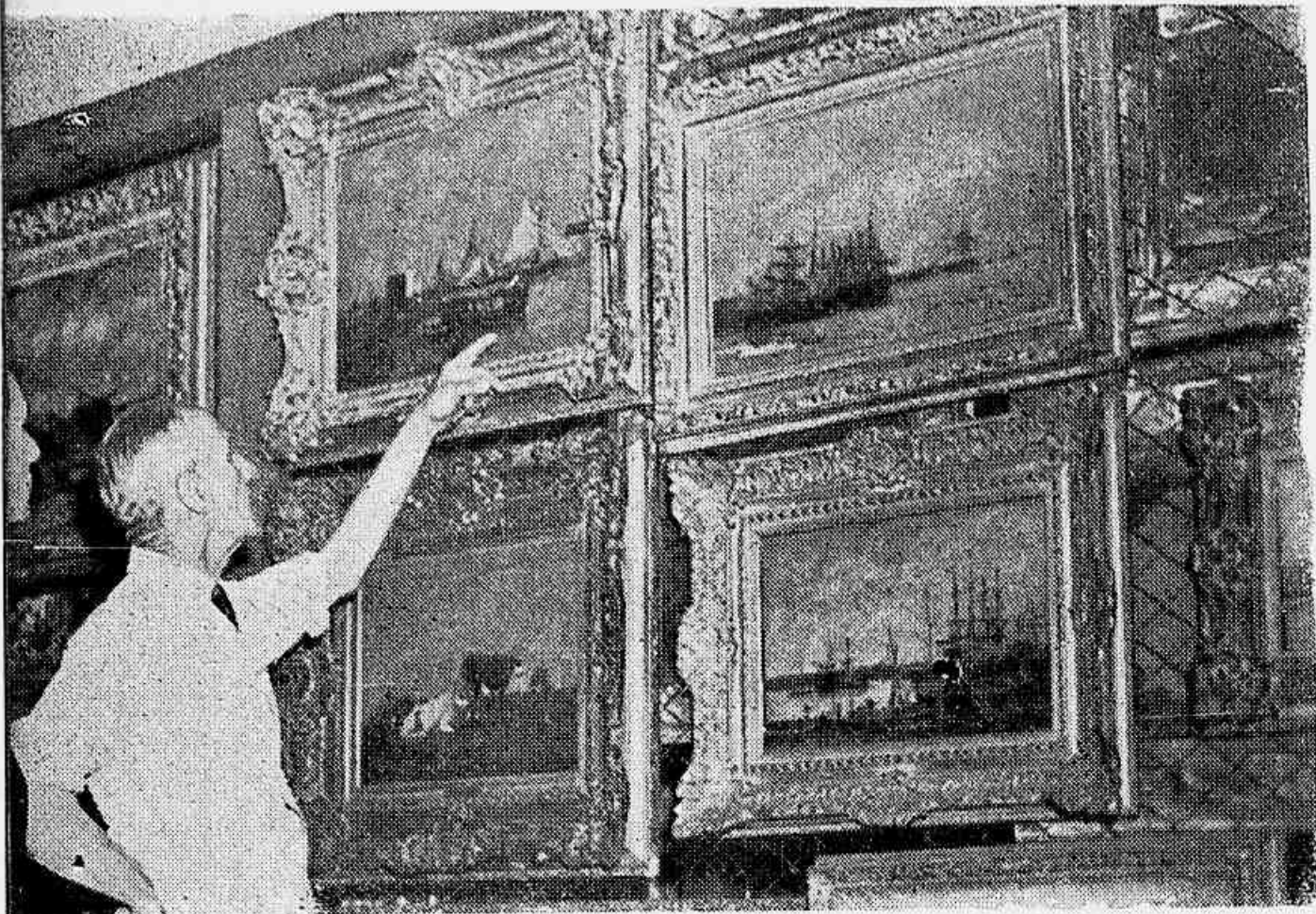
Mais adiante, o diretor do Museu Nacional de Belas Artes lembrou-se dos ata-



A ESQUERDA — PARTE DA COLEÇÃO BOUDIN, uma das relíquias do porão. A DIREITA — RETRATO DO CONDE DE FIGUEIREDO, um dos mais importantes doadores do Museu

Artes PLÁSTICAS

Texto de ANGELUS RAVEL



O restaurador aponta pequenas falhas num quadro de Boudin, devidas ao tempo que o jornal lhe fizera. Entre as acusações figurava a de que a Coleção Boudin estava abandonada, entregue às traças. Um dos grandes trainéis foi afastado e parte da Coleção Boudin nos foi exibida. Outro trainel afastado e o restante da coleção famosa nos apareceu diante dos olhos. E o restaurador, com a sua vista de lince, já descobria pequenas falhas, feitas pelo tempo, numa das telas, acrescentando :

— Esta, daqui há pouco, vai ter que ir para o meu "hospital"...

O SONO NO PORÃO

Tôdas aquelas telas, grandes e pequenas, velhas e novas, belas e horríveis, claras e escuras — estão gozando um sono reparador nos porões do Museu. Tôdas elas tiveram uma vida agitada, desde a mais medíocre até a mais original. Inicialmente, viveram com o pintor, com ele rolaram, escostadas no *atelier*, aguardando número para a exposição; um dia, foram expostas e, depois de uma saga que fuge à nossa observação, veio dar com os costados ali. Muito bem. Quadro recém-chegado é quadro para exposição nas melhores galerias. E lá se vão, balançando devido às fortes pancadas do martelo no prego, suspensos sob o solo. Gente que chega, que olha, que admira, que torce o nariz... Poeira que ninguém sabe como entra, mas que entra. E o eterno, o indefectível inimigo das artes plásticas: o bichinho roedor. Depois, devido justamente à chegada de novos quadros, remessa recente, portanto necessitando da galeria, lá vai a tela para o porão. Aí é preciso arranjar uma vaga, pois as grades, apesar de numerosas, ain-

da são em quantidade insuficiente. Se conseguem uma vagazinha, são penduradas entre outras centenas que dormem há bom espaço de tempo. Se não, ficam a cochilar pelos cantos das paredes.

O sono dos quadros é algo solene e merece todo o nosso respeito. Aquilo são centenas de anos, centenas de vidas turbulentas que, enfim, repousam num silêncio esquisito.

Um dia o vigia passa e com a sua possante luz elétrica observa os quadros e as molduras. Se encontra alguma falha, dá o alarme. E lá vai a tela para o restaurador que as cuida como a filhas enfermas.

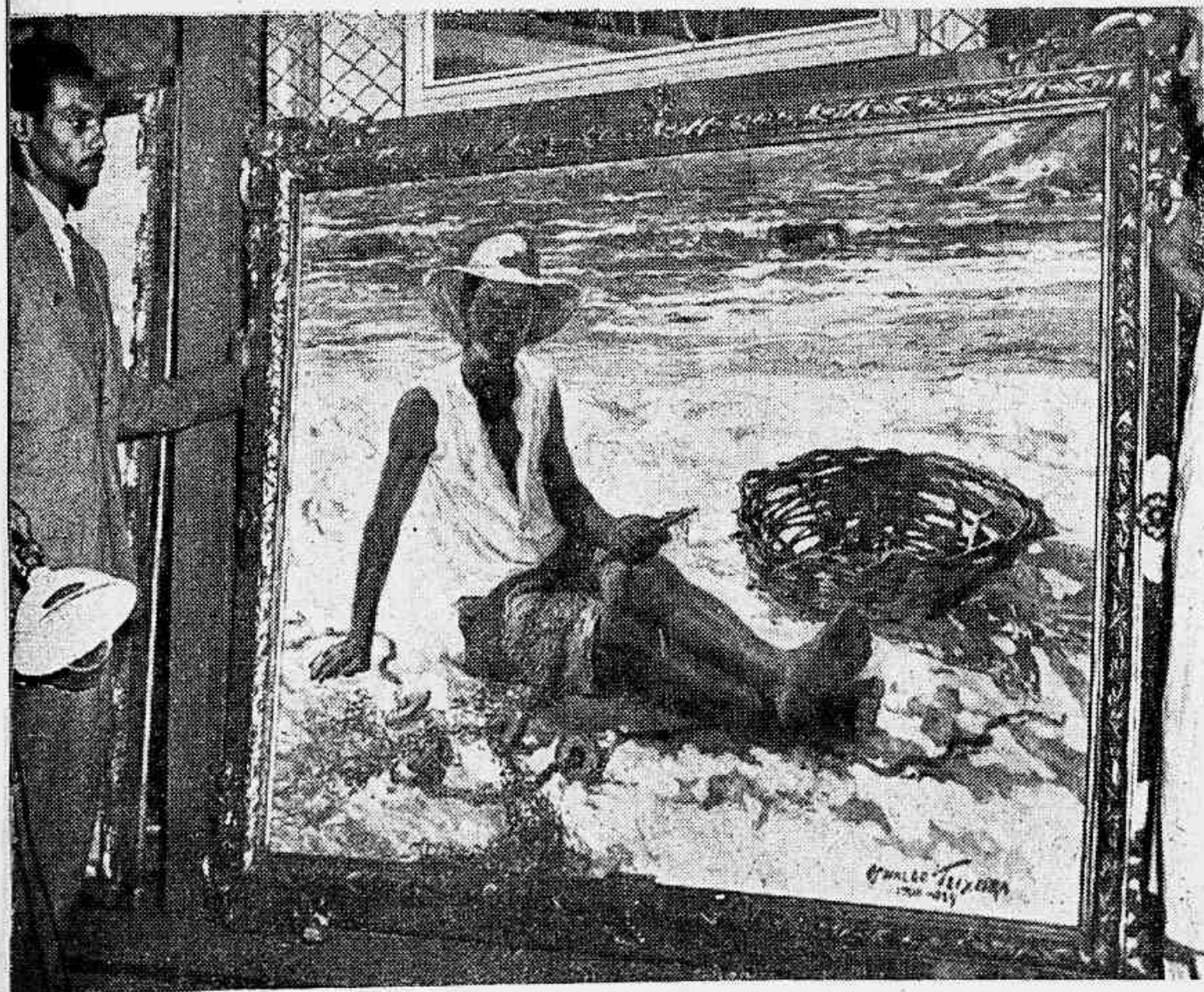
No porão, encontramos também um grande benfeitor do Museu: o Conde de Figueiredo, num retrato de Aman-jean. Segundo esclarecimentos que nos foram prestados, o nobre foi um dos mais importantes doadores daquele estabelecimento, sendo incontável, o número de coleções que ele presenteou ao Museu.

FALTA DE ESPAÇO

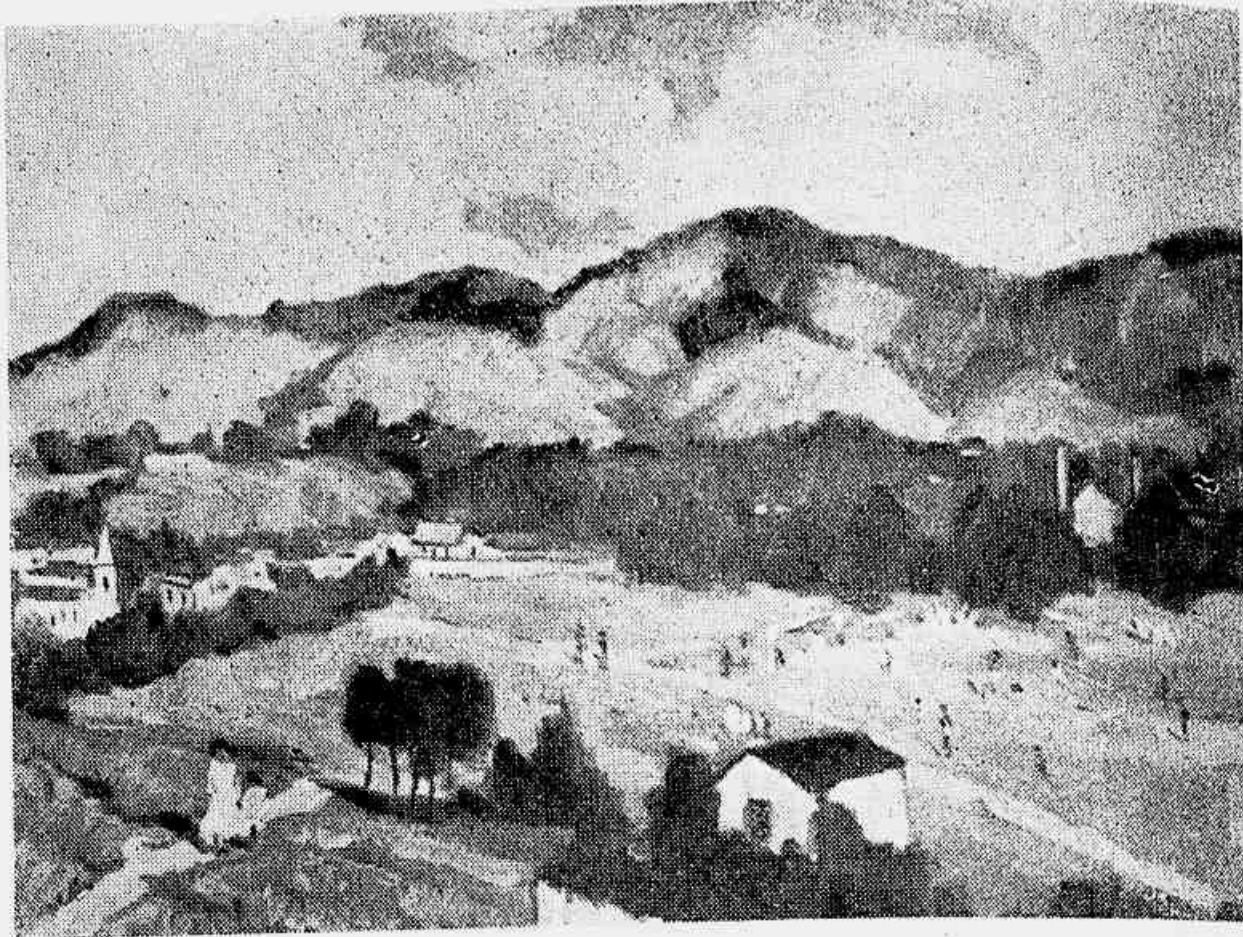
Justificando todo aquele ajuntamento nos porões, o diretor Oswaldo Teixeira afirmou que, nas galerias, não havia um único lugar disponível. Todos os recantos se encontram ocupados, milhares de quadros arrumados pelas paredes sabe lá Deus como.

E voltou a defender-se das acusações: — Olhe aqui. Até eu estou dormindo no porão.

E exibiu o seu "pescador brasileiro", prêmio de viagem de 1924, na grade onde se encontram dezenas de outras telas que conquistaram aquela distinção dos salões oficiais.



"Pescador Brasileiro", de Oswaldo Teixeira, que conquistou o prêmio de viagem do Salão de 1924, está no porão



"FOOT-BALL"

No salão nobre do Palace-Hotel, verificou-se a amostra de pintura de Bustamante Sá, contando com trinta e dois quadros, nem todos bons.

Contudo, podemos notar em Bustamante Sá o que em larga escala, faltou na grande maioria dos expositores da semana passada: senso estético, sentido do valor plástico e, acima de tudo, o que aliás fez com que nos prendêssemos mais à sua pintura, a sua honestidade na procura de novos valores plásticos.

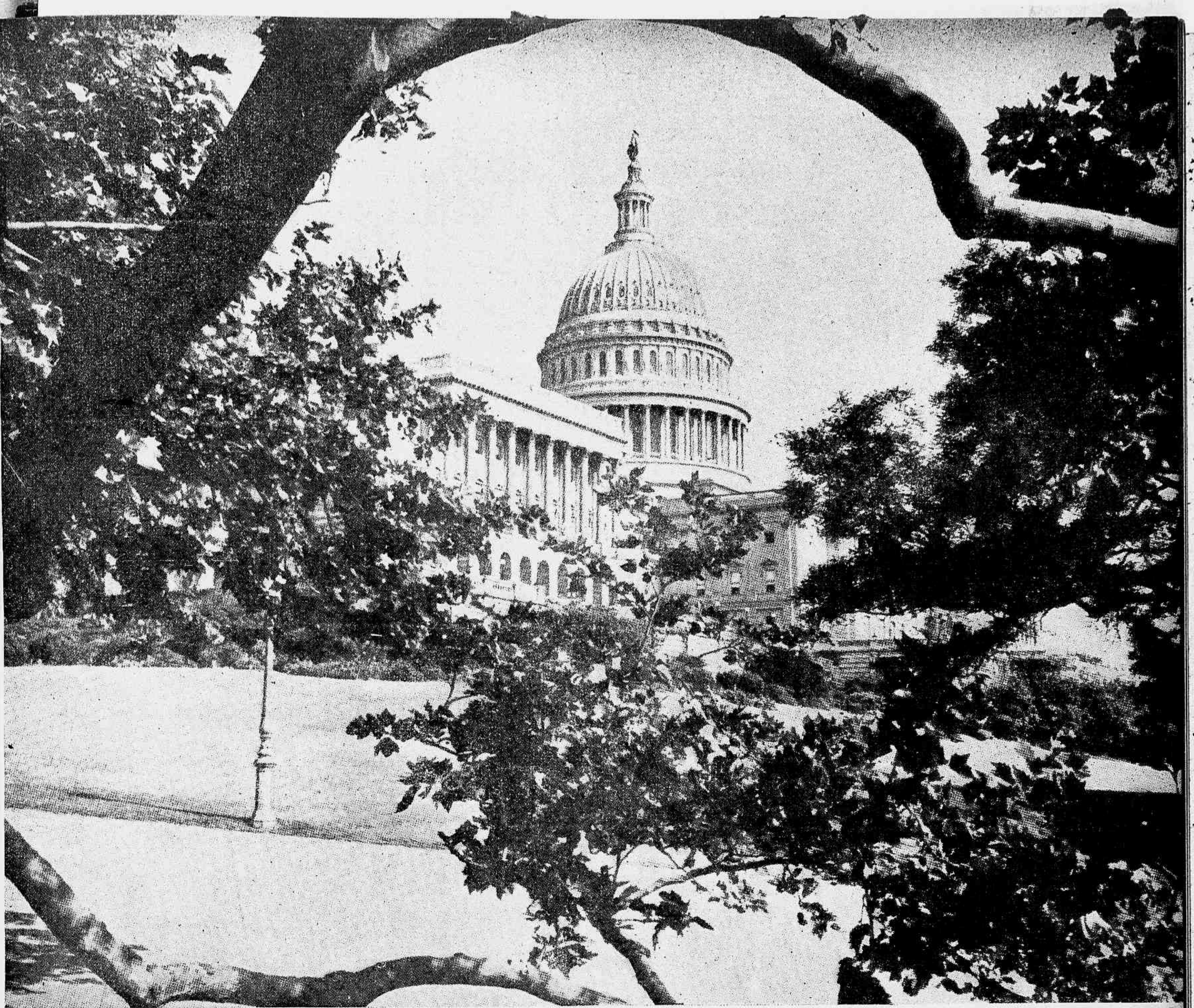
Assim, cremos que pela primeira vez no Brasil, um artista fixou na tela o jogo do futebol, a alma do povo brasileiro. Nesta coluna não cabe a defesa nem a acusação desse esporte. O que não se pode negar é que o futebol representa quase tudo para a gente brasileira. Daí o interesse com que Bustamante Sá foi procurar, e fixou com os seus traços largos, o jogo de bola do subúrbio que ilustra esta página.

Nascido no Distrito Federal, o artista, com quem ora nos ocupamos, empreendeu os seus primeiros vôos pelas tintas na Casa da Moeda, vindo a terminar seu curso na Escola Nacional de Belas Artes. E' detentor de um prêmio de viagem pelo Brasil, conquistado em 1938.

"Catucha (Nú)" e "Paisagem de Santa Tereza" completam o trio dos melhores trabalhos apresentados por Bustamante Sá na sua recente exposição. Em "Catucha (Nú)" podemos observar muito do traço genial de Paul Gauguin.



"PAISAGEM DE SANTA TEREZA"



O CAPITÓLIO é um dos mais altos símbolos da Democracia norte-americana. Está no centro de Washington, no Distrito Federal de Columbia e é a sede do Parlamento dos Estados Unidos. Sua imponente cúpula eleva-se como a própria majestade da Lei, destacando-se do soberbo quadro dos magníficos edifícios do Governo. Sua pedra fundamental foi colocada por George Washington, em 1792

NAS URNAS LIVRES DA DEMOCRACIA

A CASA BRANCA E SEU FUTURO OCUPANTE ★ O PLEITO PRESIDENCIAL DOS EE. UU. E OS GRANDES NÚCLEOS VOTANTES DE LESTE, DO CENTRO, DO OESTE E DO SUL ★ DESDE OS 47 VOTOS DE NOVA YORK AOS 3 VOTOS DE VERMONT, DELAWARE, NEVADA E WYOMING ★ OS QUATRO CANDIDATOS DE 1948 ★ COMO ROOSEVELT VENCEU EM 7 DE NOVEMBRO DE 1944

A Casa-Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos da América do Norte, irá receber, dentro de pouco tempo, seu novo morador, — que poderá ser, se o presidente Truman se reeleger, o mesmo que a ocupa desde 1945. Esse ilustre morador é o chefe da mais poderosa nação de todos os tempos e líder de um mundo novo, no Novo-Mundo. Por isso mesmo, a atenção de todos os povos da Terra estará voltada, no dia 2 de novembro, para o grande pleito democrático que se travará nos Estados Unidos.

Ainda não se apagou, nem se apagará nunca, a chama cívica que animou o povo norte-americano e iluminou de esperança o globo inteiro, neste mês de quatro anos atrás, em 1944, quando as urnas levaram à presidência da República, pela quarta vez, Franklin Delano Roosevelt, o grande líder da Democracia. Novo quadriênio se abre agora ao pronunciamento do maior eleitorado que, no mundo, é chamado a escolher seus representantes no sistema pluri-partidário em que se arregimenta a sua livre opinião.

Dois desses partidos são tradicionais na história política norte-americana: o Partido Democrático, pelo qual concorre às urnas o atual presidente Harry Truman, e o Partido Republicano, de que é candidato, pela segunda vez, Thomas Dewey, governador do Estado de Nova York. O terceiro candidato, de que também muito se diz e escreve, é Henry

Wallace, ex-vice-presidente da República, agora fundador do que se tem chamado o "Terceiro Partido", que seus correligionários cognominam o "Partido do Povo". Wallace é o líder que resumiu numa frase de seus discursos (e ela se fez título do livro de predicação que publicou) toda sua ideologia de combate: "Este século é o século do homem do povo".

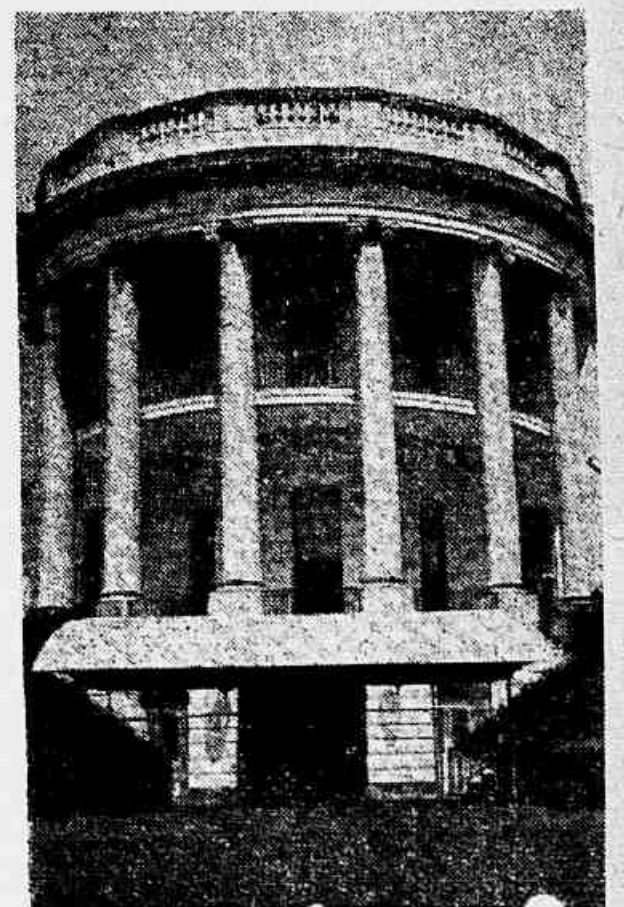
E há um quarto candidato, de quem não se tem falado muito: J. Strom Thurmond, governador da Carolina do Sul, cuja influência se diz grande nos Estados do baixo Mississippi, (Luisiânia, Mississippi, Alabama) e no Estado que governa, assim como, talvez, no de Geórgia, limítrofe do seu.

Entre esses quatro candidatos vai ferir-se o pleito cuja campanha acaba de encerrar-se. Truman representa, com Dewey, as conhecidas e tradicionais diretrizes da ideologia democrática, nos Estados Unidos. Os dois grandes ramos partidários nacionais fizeram-se leitões amplos onde se canalizou a opinião pública, esclarecida e pugnaz. Têm eles travado luta cuja lembrança é imperecível e o exemplo salutar dessa porfia elevada é um sustentáculo seguro das próprias instituições. No último pleito, a batalha foi entre um dos candidatos de hoje, Thomas Dewey, e o inolvidável Franklin Delano Roosevelt, que ganhou a palma da vitória. Ferir-se-a agora entre o mesmo Dewey e o sucessor de Roosevelt, o presidente Truman, e, como há quatro anos, o pleito poderá ser, ao lado de

um pronunciamento em face a dois programas partidários e a duas tendências especiais, também um julgamento do povo sobre o governo cujo mandato termina e as diretrizes de sua política, no país e no mundo. O terceiro candidato, Wallace, levanta como bandeira o que se tem chamado "esquerdismo ideológico" e está sendo combatido pelos adversários porque o têm como "colorido demais", para o painel de luz imaculadamente branca que é a que constitui o clarão de sol da Democracia. O quarto candidato, Thurmond, ergue a bandeira do que proclama ser "o direito democrático dos Estados", suscitando como tema de escolha, ao eleitorado, a questão da discriminação racial.

★

Nos Estados Unidos, o presidente e o vice-presidente são eleitos por um "colégio eleitoral" ao qual os Estados designam números de representantes que variam, conforme a expressão demográfica que possuem. Crescem de importância, por isso, os Estados populosos, onde as cidades maiores se agrupam. Os Estados do Leste estão em posição vantajosa nesse particular. Seguem-se os Estados do Meio-Leste que se situam ao norte, nas vizinhanças dos Grandes Lagos. Depois, os do Centro do Meio-Leste, e os do Sul, avultando a Florida. No Oeste é a Califórnia o grande núcleo eleitoral. O candidato que vencer nesses Estados de



O Portico da Casa-Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos. Na "Time" o presidente Truman ferson, como há pouco salientou (informa "Time") o presidente Truman

Quando se pensa que estão agrupadas no centro de Washington as casas representativas do Governo Democrático que em duas guerras universais colocou suas armas, seu sangue e seu sonho a serviço da salvação da Democracia, é preciso considerar a capital dos Estados Unidos como um verdadeiro santuário do pensamento livre dos povos. Nesta vista, tomada em aéro-fotografia naval, está o eixo dos sítios mais expressivos dos Poderes Públicos nos Estados Unidos

maior índice de votos no Colégio Eleitoral e os fizer, como consequência, a todos esses votos, terá sua eleição assegurada. As campanhas ferem-se, por isso, em torno dos grandes eleitorados. O maior coeficiente eleitoral do Colégio é dado pelo Estado de Nova York (exatamente aquele de que Dewey é governador) com 47 votos. Os menores coeficientes são os dos Estados de Delaware, Vermont, Wyoming e Nevada, com 3 votos cada um.

O candidato que dominar em Nova York (47 votos), Pennsylvania (35 votos), Illinois (28), California (25), Ohio (25), Texas (23), Michigan (19), Massachusetts (16), New Jersey (16), terá só nesses nove Estados, garantidos 234 votos. Ora: o número total de votos eleitorais do Colégio é de 531. Bastarão, pois 266 para a vitória. Nove Estados, apenas, contribuem com 234 votos. Há poucos dias a revista "Time" informava que seus correspondentes nas diversas unidades norte-americanas davam a Dewey as preferências eleitorais de 29 Estados, com 350 votos, e entre eles haveria oito dos nove grandes núcleos votantes. Mas isso, naturalmente, é uma simples previsão. Somente as urnas poderão tirar as dúvidas que existirão inevitavelmente num pleito.

A Casa-Branca é o mais antigo edifício público de Washington. Foram George Washington e Thomas Jefferson seus construtores e terminadores. O primeiro presidente que nela morou foi John Adams. Num interessante artigo publicado no ano passado em "National Geographic Magazine", Albert Atwood acentua que "casa do mais alto cidadão dos Estados Unidos, e casa do próprio povo, por isso mesmo, a residência presidencial tem sido tratada como se fosse um ser humano, uma pessoa, uma entidade viva, pensante, deliberante, inteligente. E por isso se usava dizer: "A Casa-Branca falou...", ou "A Casa-Branca pensa..."

A representatividade do edifício, — que se diz tão simples e despretensioso, mas tão nobre e expressivo como toda a Nação, — é, destarte, imensa. Só não residu nela o primeiro presidente, George Washington. Todos os demais — trinta e um, afinal, — dali falaram e pensaram,

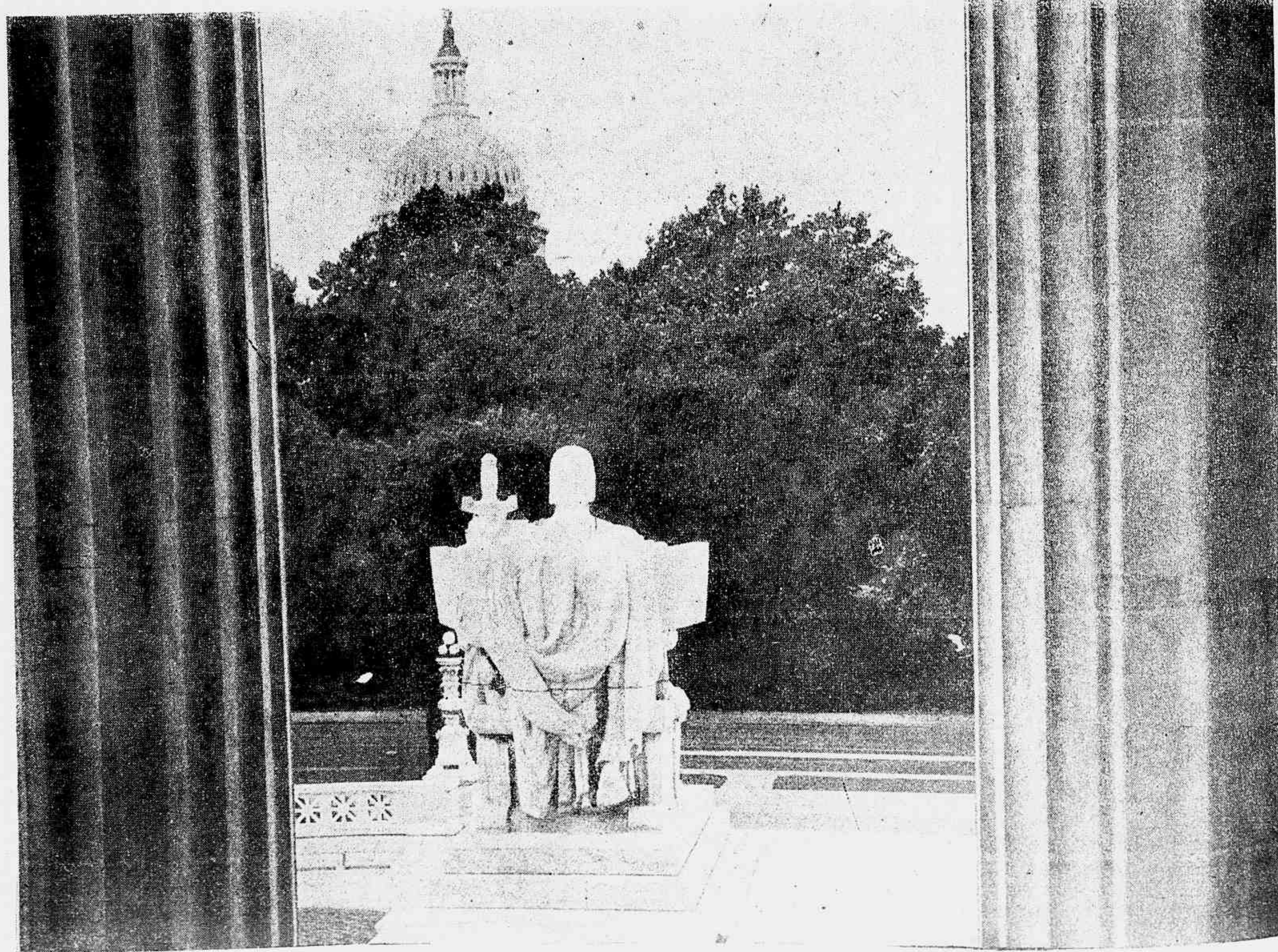
na sequência, no revezamento, na sucessão contínua que é a mesma vitalidade da Democracia. Essa substituição de homens, através dos anos, compensa-se com a aquisição de uma unidade, uma continuidade, uma inteireza que ficam a residir nas próprias paredes, nas próprias salas, firmes e severas, onde mora a Nação. Os homens que ali estiveram, passam a ser, em suma, os nomes do próprio povo: John Adams, Thomas Jefferson, Madison, Monroe, Quincy Adams, Jackson, Van Buren, Harrison, John Tyler, Polk, Taylor, Fillmore, Pierce, Buchanan, Abraham Lincoln, Johnson, Grant, Hayes, Garfield, Chester, Cleveland, Mac Kinley, Theodore Roosevelt, Taft, Woodrow Wilson, Th. Harding, Coolidge, Herbert Hoover, Franklin Delano Roosevelt e Harry Truman.

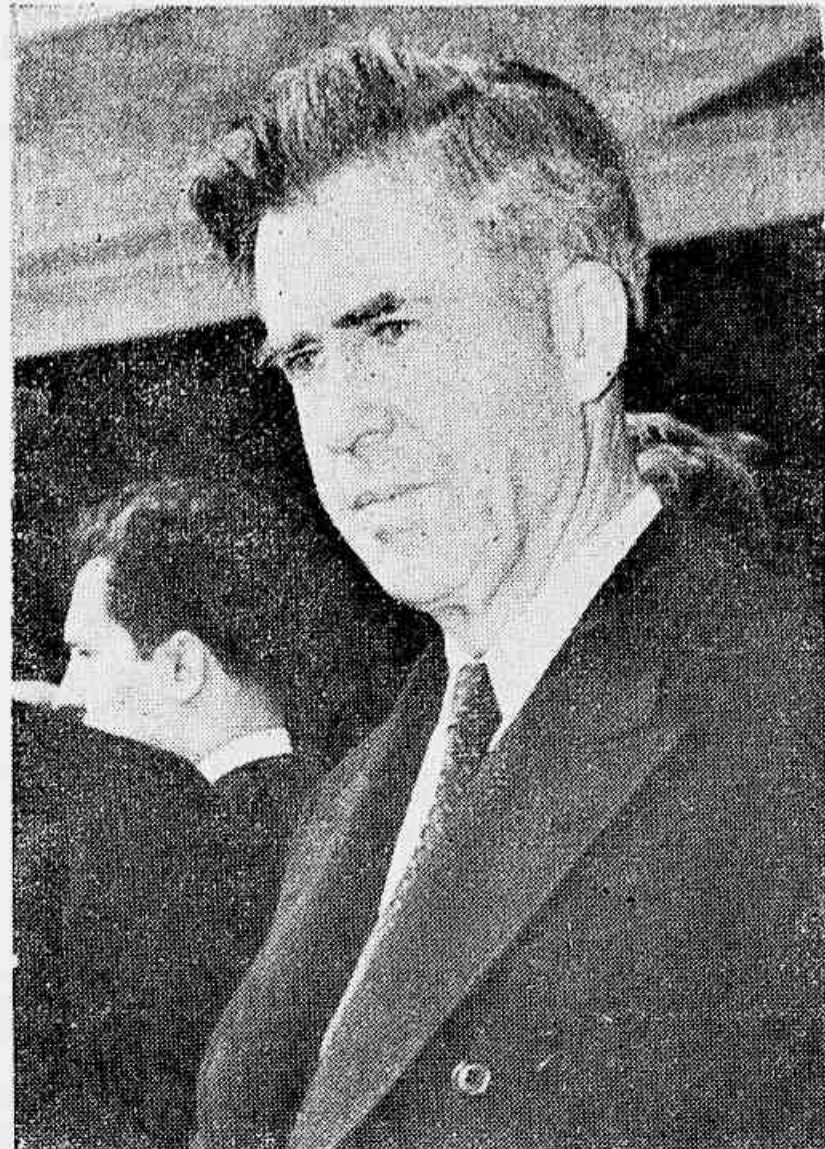
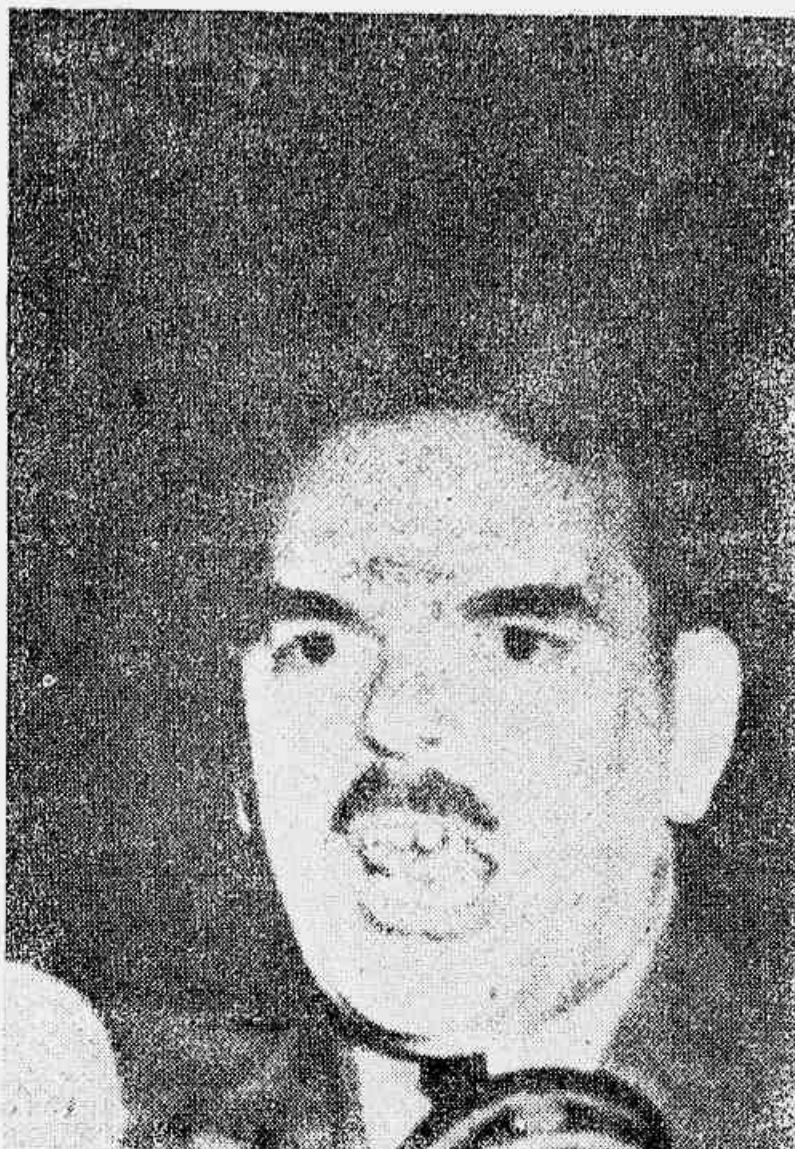
O último pleito eleitoral foi realizado em 7 de novembro de 1944. O primeiro, dentro do período de 80 anos, que se travou em pleno período de guerra, e, depois do célebre pleito de 1916, em que Wilson derrotou por pequena margem a Charles Hughes, foi o mais renhido de toda a história eleitoral americana. Nesse pleito memorável, chegou a se dizer que o povo não apenas prestara seu tributo de gratidão ao grande presidente de três períodos consecutivos, como ainda decidira opinar contra o "isolacionismo", homologando a política rooseveltiana de integração dos Estados Unidos nos destinos universais.

Roosevelt venceu espetacularmente o pleito, por cerca de três milhões de votos populares e trezentos e trinta e três votos eleitorais de maioria, no Colégio. Em 11 de novembro, anunciava-se que os votos populares alcançavam a cifra de cinquenta milhões e eram assim distribuídos: Roosevelt, 24.513.885; Dewey, 21.355.724. Quanto aos votos eleitorais, do Colégio, Roosevelt conquistava 432, vencendo em 36 Estados, ou seja exatamente três quartos; Dewey tinha 99, vencendo em 12 Estados.

Nessas eleições foi verificado que mesmo que faltassem a Roosevelt os votos maciços dos chamados "Estados Democráticos do Sul", em número de 127, perfazendo onze Estados, ainda assim vence-

Da Casa da Justiça, sede do Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos, avista-se a Casa da Lei, que é o Capitólio. Não será casual essa disposição. Os homens togados, que decidem da aplicação dos preceitos legais, que interpretam e resguardam a autoridade dos códigos, terão suas vistas voltadas sempre para o lugar de onde as leis emanam, como expressão da vontade do povo soberano





Os três candidatos para cujos nomes se voltam, hoje, as atenções de todo o mundo, são: Harry Truman (à esquerda da gravura), representante do Partido Democrático; Thomas Dewey (ao centro da gravura), representante do Partido Republicano; e Henry Wallace (à direita da gravura), fundador do chamado "Terceiro Partido". Mas existe um quarto candidato, que nem todos sabem: J. Strom Thurmond, pregoeiro dos "direitos dos Estados", cuja influência não é de desprezar nos Estados do Sul.

ria o pleito. Este ano, esses votos, que seriam de Truman, correligionário e sucessor de Roosevelt, parecem algo divididos, e na Florida, por exemplo, a batalha é grande entre o candidato democrata e o republicano.

Em regra, no mesmo dia das eleições é possível ter uma idéia nítida da índole da votação e conhecer o vitorioso. As 15 horas começam a ser sabidos os resultados, com encerramento da votação em New Hampshire. Cerca de 20 horas terminam as votações em Pennsylvania e

Massachusetts, dois poderosos Estados, que muito influem no resultado geral. Apenas ao findar o dia é que California, Oregon e os grandes Estados do Oeste se definem.

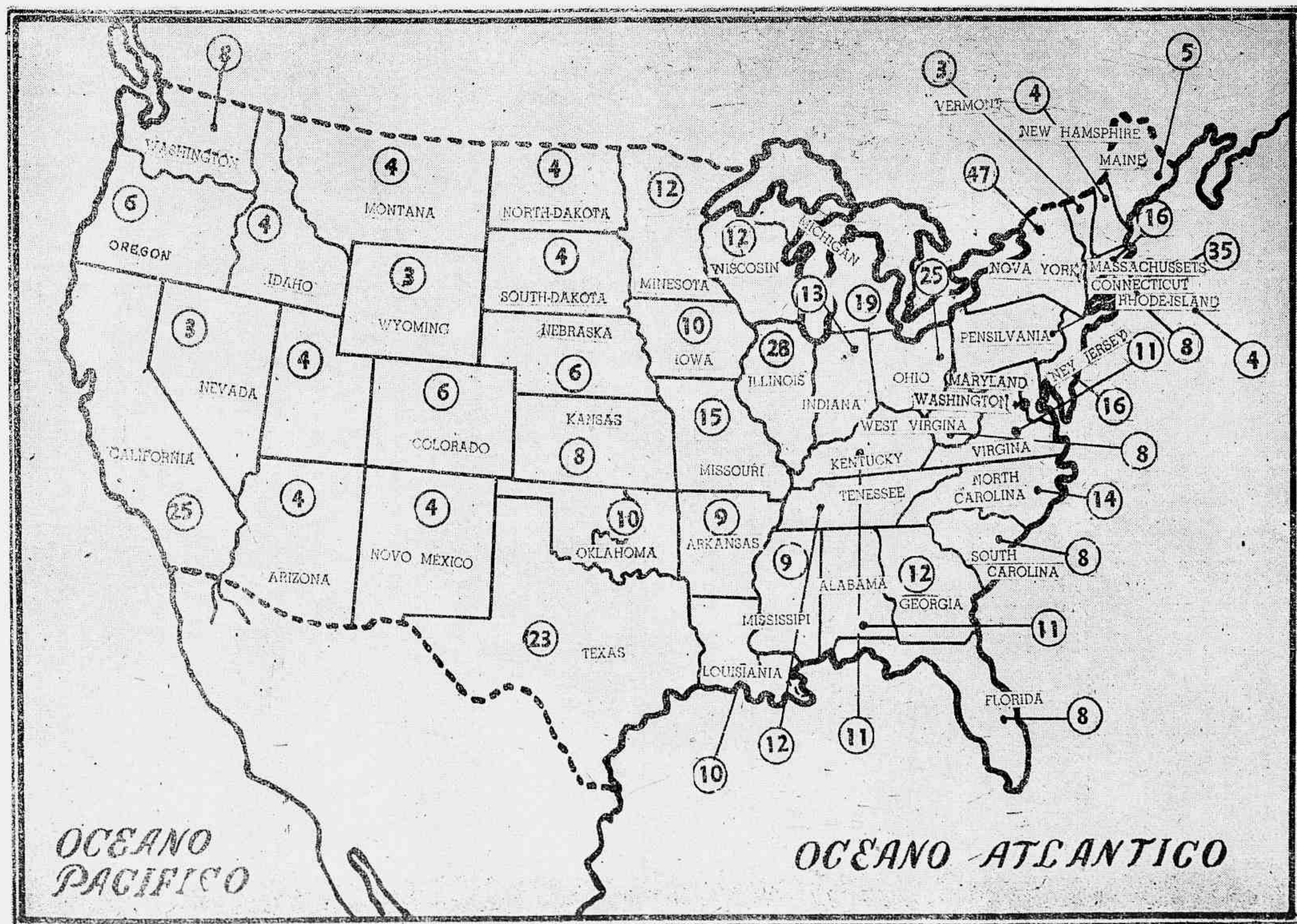
Muitos fatos de relevância mundial e outros, de significação apenas nacional, irão influir, sem dúvida, na manifestação do eleitorado norte-americano, nas eleições de 2 de novembro. Suas tendências, o desfecho do pleito, a vitória de "A" ou de "B", podem ser aferidas logo às primeiras notícias, pela propensão demonstrada pelos grandes centros

eleitorais. Nova York, Pennsylvania, Illinois, California, Ohio, Texas, Michigan, Massachusetts, New Jersey, Indiana, Tennessee, Wisconsin, Kentucky, Carolina do Norte, Alabama, Georgia, Minnesota, Missouri e Virginia, todos com mais de dez votos eleitorais no Colégio. A maioria nesse Colégio é indispensável para a eleição do presidente da República.

O fato sócio-econômico e o fato político (até e principalmente o fato político universal) talvez sejam as duas alavancas que mais profundamente acionarão os atos deliberativos de um imenso

eleitorado de elite, como é o norte-americano. Tanto o futuro doméstico como o futuro mundial. Os rumos dos sufrágios não são mais, em parte alguma do mundo, traçados pelas meras considerações locais. O mundo, como disse um dos homens que mais destaque têm tido no cenário político dos Estados Unidos — Wendell Wilkie, — "é hoje um mundo só". E os Estados Unidos, como a sua Casa-Branca, constituem um pensamento, uma consciência, uma vocação. Que têm tido e terão sempre um grande papel nos destinos do século.

O presidente dos Estados Unidos é eleito pelo sufrágio universal. Mas sua eleição está diretamente ligada ao êxito de sua votação pelos diversos Estados da União. Cada Estado possui certo número de votos eleitorais, que variam desde os 47 votos do Estado de Nova York até os 3 votos, somente, de Delaware e Nevada, por exemplo. Por essa razão, a sorte é decidida pela vitória nos Estados maiores: Nova York, Pennsylvania, Illinois, California, Ohio, Texas, Michigan, etc. No mapa abaixo assinalados os quarenta e oito Estados, com seus diferentes números de votos eleitorais, ao todo 531, bastando 266 para a vitória.



A vida de Dostoyevsky

(1821-1881)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

O RIGINARIAMENTE os Dostoyevskys eram uma família católica da Lituânia, com sangue escandinavo nas veias. Descendentes de um sacerdote grego ortodoxo, eram orgulhosos, intolerantes e devotos. E também muito pobres. Tinham fome da palavra de Deus e fome de trigo igualmente. Emigraram para a Ucrânia, trocaram sua religião por alguma coisa mais compatível com a índole do sangue normando que lhes corria nas veias e procuraram alimento e a eterna resposta para o eterno problema da alma. Eram uma tribo de intelectuais nômades que iriam aonde o levasse um impulso — para o céu ou para o inferno, mas nunca para a obscuridade.

Feodor nasceu em 1821 dessa estranha raça de catolicismo normando, afigurando o esplendor. Seu pai pertencia ao corpo médico de um hospital de indigentes em Moscou. Foi inculcado na mente do menino que os intelectuais existem não em virtude de sua inteligência mas porque são membros do corpo médico de um hospital de indigentes... No inverno, Moscou sofre a fúria de um vento que deixa não só uma melodia no ouvido mas uma punhalada no coração. Há no hospital do dr. Dostoyevsky toda a sorte de marcas de que a natureza trata o homem com excessivo rigor. No verão, quando o vento é quente, crianças sem uma perna, velhos a consumirem-se na enfermidade e no desasseio são vistos arrastando-se pelo jardim do hospital próximo à de Feodor — loucos pontos de interrogação num vivo contraste com a paisagem risonha.

O jardim dos doentes. Foi esta uma das primeiras lembranças de Feodor. Seu intelecto logo percebeu o espantoso paradoxo da vida: o sofrimento do homem no meio da formosura da natureza. Abalou-o até o mais íntimo de seu ser o estrepitoso choque de contrastes da vida.

Um muro alto separava a casa de Feodor do jardim. Mas logo que ele aprendeu a andar, descobriu que nada o separava daquela beleza e daquele sofrimento. No muro havia um portão. Ele o abriu... E eis que uma noite seu pai, dominado por terrível irritação, bateu-lhe o portão na cara e disse-lhe que jamais voltasse a abri-lo. Mas Feodor sabia que o portão estava à espera de alguém que o abrisse, alguém que desafiasse uma surra, alguém que até acolhesse bem uma surra. Resolveu que enquanto seu pai guardasse consigo a chave do portão, como carcereiro, ele infligiria a si mesmo uma surra três vezes por dia pela simples alegria de se sentir ligado pelo sofrimento aos que sofriam do outro lado do muro. Sofredores no meio da beleza. Era necessário que se sentisse dor para que se pudesse andar por um jardim...

O doutor Dostoyevsky era muito severo com Feodor e seu irmão Mikhail. Sempre que havia um portão num muro, ele o trancava. E quando não havia nenhum muro, mandava construir um. Os meninos não tinham permissão de andar com pessoa alguma fora do âmbito familiar. Como resultado dessa severidade, Feodor, crescendo, tornou-se um recluso. Quando entrou na Escola de Engenharia de S. Petersburgo (tinha então 16 anos) tanto os professores como os alunos o consideravam um esnobe. Seus únicos companheiros eram seus sonhos. "Eu sonho com o que é grandioso e belo. Vivo num mundo de sonhos. Estou escrevendo um drama romântico".

Vivia num mundo abstrato porque seu pai nunca lhe permitira viver dentro da realidade. Que sabia ele de um drama romântico? Seu pai ordenara ao seu puritano rebento que nunca mencionasse as mulheres... a não ser em algum verso dramático. Aos 16 anos os jovens e endiabrados alunos da Escola de Engenharia sabiam tudo o que é possível saber-se acerca das mulheres. Escarneciam e insultavam o pequeno poeta-monge de pele alva que vivia no meio deles.

Entretanto, pouco tempo depois, a amizade chegou até ele mas por trâmites pouco legais! Feodor encontrara alguns jovens, como ele dados à literatura, gente que lia Pushkin e escrevia versos e que, às vezes, procurava também a companhia de mulheres. Feodor se afeiçoara ternamente a esses rapazes. Mas essa amizade estava além da compreensão de seu pai. "Constrói um muro em volta de ti mesmo. Conserva-te a salvo do contágio dos teus colegas". Feodor escrevera ao pai pedindo-lhe um pouco de dinheiro para comprar um terno novo, jantar fora com seus amigos e pecar um pouco. A resposta que obteve para esses pedidos, foram palavras ásperas. Seu pai deixara o hospital e mudara-se para uma propriedade rural. As despesas com essa propriedade, quixava-se ele, estavam esgotando todos os seus recursos. Se os filhos, prosseguia, não deixassem de lhe pedir dinheiro, seriam, depois de sua morte, simples mendigos, pois estavam sempre reclamando "mais e mais dinheiro"...

Feodor notou que a caligrafia não era firme. Beber vodka em quantidades excessivas era uma das fraquezas de seu pai. E um dia Feodor recebeu uma carta de casa, escrita não com a letra do pai, mas com a de outra pessoa. Nela leu que seu pai saíra para ver umas terras e que não regressara... Fôra encontrado morto, sufocado debaixo das almofadas do carro... O cocheiro desaparecera levando os cavalos. Falou-se num crime de vingança que teria sido cometido pelos servos, cansados de suportar a crueldade do senhor de terras, Dostoyevsky. E muitos dos aldeões, rosnavam-se, haviam tomado parte na trama.

Feodor nunca mais mencionou o nome de seu pai. Mas o assassinio do velho Dostoyevsky e sua causa provável produziram um violento tumulto em sua alma. Era como se tivesse sido lançada contra ele a maldição de Caim. Feodor mergulhou o olhar dentro das trevas da noite.

II

E a noite estava povoada de visões que o intrigavam e aterrorizavam, sugerindo-lhe grandes lições morais. E ele pôs estas visões no papel: histórias psicológicas de aventura, dramas que se desenrolavam não fora de seus personagens mas dentro deles. E uma abstração ganhou forma na figura de um monstro que lhe estava sempre diante dos olhos — o povo russo. Ele iria interpretá-lo, trabalhar para ele, escravizar-se por ele. Carregaria água e fogo para seu gênio... e o moldaria dos desmarcados pés à cabeça até dar-lhe expressão. Em S. Petersburgo, entre os intelectuais, ele vira apenas a cabeça do povo russo. Agora faltava-lhe ver os pés. Os milhões de sofredores que formavam os pés exprimiam-se com mais liberdade na taberna, diante de um copo de vodka — era o que lhe sugeria a sua observação. Apesar de acanhado e melindroso, Feodor penetrou nas tascas de S. Petersburgo para ouvir "os enteados da Mãe Terra". Ele não era desses homens com quem um desconhecido conversa, mal os encontra. Sua cara não era bonita e era de poucos amigos e ele olhava de soslaio. Por isso não convidava os homens para conversas mas para uma partida de bilhar durante a qual o rosto naturalmente se conserva abaixado e os ouvidos ficam atentos.

Feodor era mau jogador e um bom ouvinte: perdia dinheiro e ganhava sabedoria. E um dia um manuscrito seu caiu nas mãos de um arguto crítico russo. Este mandou chamar Dostoyevsky. "Rapaz", pergunta-lhe, "você sabe o que escreveu aqui? Não, não sabe. Você ainda não pode compreender".

O título do manuscrito era *Gente pobre*. Era a história de homens que tinham sido

criados apenas pela metade — miséres pedaços de barro imperfeitamente modelados pelos dedos de anjos canhestros. Corpos e espíritos aleijados. Paradoxos humanos. Idiotas com olhos bonitos, gigantes de membros retorcidos. Dostoyevsky contemplava a vida dessa pobre gente e nela não encontrava nem tom nem som.

E voltou-se novamente para os intelectuais. Eles, pelo menos, o ajudariam a encontrar uma ordem na criação, um sentido na vida. Esses intelectuais iriam mudar a face da sociedade, derribariam o czar da Rússia e, em seu lugar, estabeleceriam uma república de homens livres. Não Deus mas o próprio Homem devia ser seu Salvador. A mente humana devia ser posta a funcionar para, aquecendo o coração do homem, levá-lo do sofrimento ao êxtase.

Feodor assiste às reuniões desses intelectuais radicais que iriam mudar o coração do mundo. Junta sua voz à grita dos que clamam contra a injustiça dos agentes do governo. Em uma dessas reuniões é preso. Segue-se um julgamento puramente formal e ele é enviado para a Fortaleza de Pedro Paulo à espera de sua condenação junto com outros criminosos políticos.

Seu corpo está no cárcere. Mas como poderão aprisionar a sua mente? Como encarcerar o infinito entre as quatro paredes de uma cela?

Metem-no em um carro e levam-no para o Campo de Instrução em Semenov. E a estação do Natal. O ar é áspero. Chegam outros carros trazendo mais presos políticos. Pelotões mantêm-se em posição de sentido, prontos a executar a sentença do tribunal militar, isto é — morte. Um sacerdote, com um crucifixo nas mãos, marcha à frente dos prisioneiros, até chegarem diante de um estrado coberto de pano preto. Levam-nos aos magotes que são postados em frente ao pelotão de fuzilamento. Feodor faz parte do terceiro magote. Imagina que lhe restam uns cinco minutos de vida. É estranho como seu espírito pode estar tão lícido num momento como aquele...

E quando os soldados levantam seus fuzis, um cavaleiro galopa em direção ao estrado, trazendo uma mensagem do czar. Uma ordem de suspensão da sentença dos prisioneiros. A pena de morte fôra comutada para o exílio na Sibéria. Uma pilhéria de mau gosto de Sua Majestade... um dos prisioneiros, ao ouvir a comutação da pena, enlouquece. Outro grita com angústia: "Antes me tivessem fuzilado!". E' que eles sabem que a morte lenta na Sibéria é um castigo pior que um fuzilamento rápido.

III

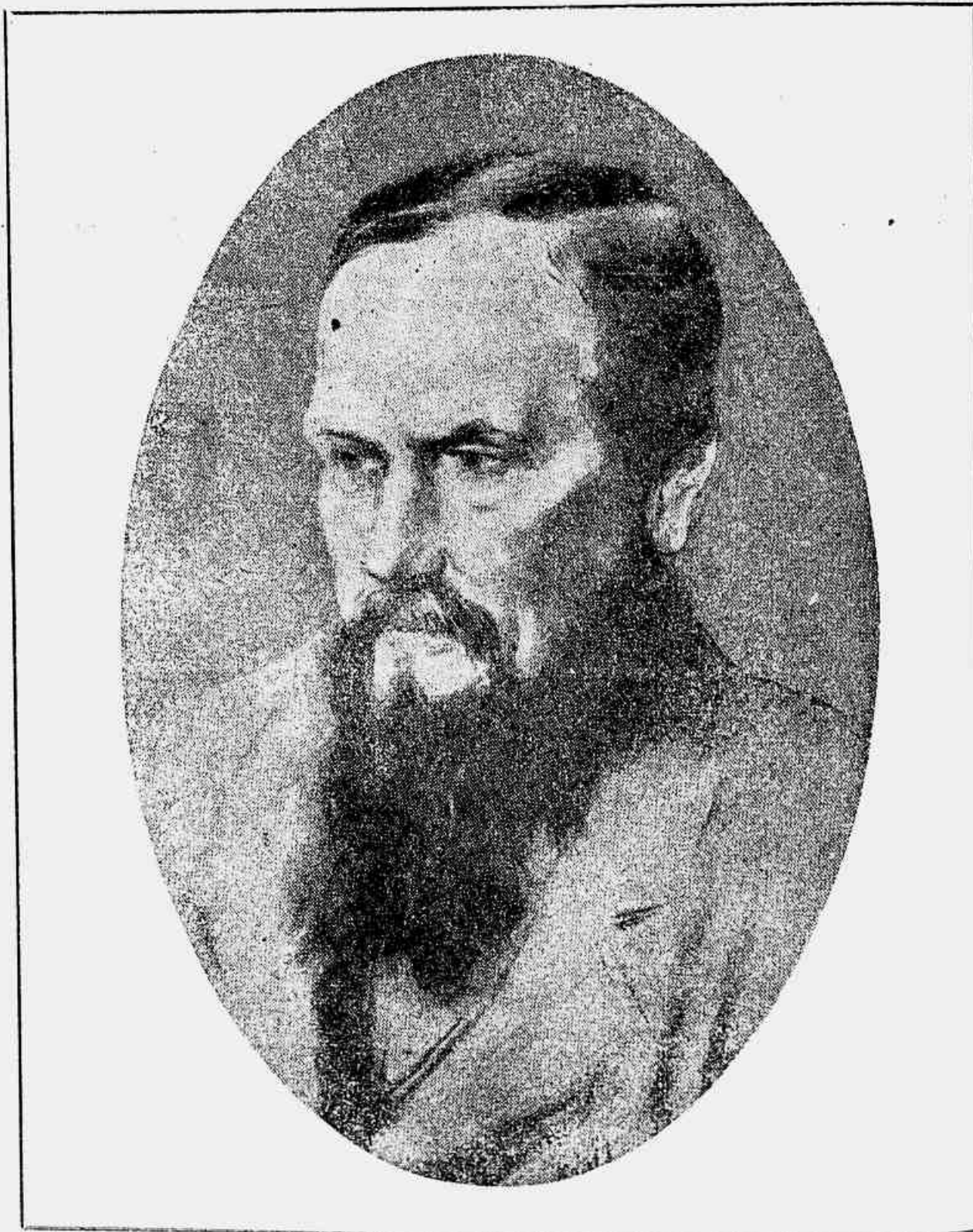
Na véspera de Natal conduziram Dostoyevsky escoltado da Fortaleza de Pedro Paulo para o trem da Sibéria. Na primeira parada, uma mulher meteu-lhe uma Bíblia nas mãos. Entre as páginas do livro sagrado Dostoyevsky encontrou uma nota de 25 rublos, o bastante para comprar fumo, roupa branca, sabão e pão alvo.

Mas aquele dinheiro não era suficiente para comprar para ele a paz de espírito. Para um jovem elegante, amigo do conforto, não era fácil passar o teu tempo num uniforme de condenado com as pernas e os punhos algemados. Suas mãos, que nunca haviam suportado outro peso que não fosse o de uma caneta, ocupavam-se agora no trabalho forçado. Excessivamente acanhado e tímido, via-se agora entre os mais famigerados ladrões e assassinos da Rússia. Os incorrigíveis eram os seus companheiros de todos os instantes. Intronçavam-se em seus pensamentos e ameaçavam cometer um crime ainda mais horrível que todos os anteriormente perpetrados. Este crime era assassinar sem armas um espírito.

Mas o espírito de Dostoyevsky recusou-se a ser assassinado. Na terrível perplexidade em que se encontrava, veio mais uma vez torturá-lo o magno problema do destino humano. E descobriu que o campo de prisioneiros da Sibéria era como outro salão de bilhar em S. Petersburgo...

E, enquanto se embestia em suas reflexões, desceu sobre ele uma nova luz. Compreendia agora que a redenção dos irredimíveis não vinha através do homem mas através de um poder exterior ao homem. Voltou-se ainda mais sequioso para a Bíblia entre cujas páginas encontrara uma nota de vinte e cinco rublos, o bastante para comprar um pão alvo. E em sua mensagem descobriu uma nova espécie de pão, ainda mais nutritivo — o pão branco da alma... E' Deus quem salva o homem, tanto o justo como o pecador...

(Continua na página 52)



FEODOR MIKHAILOVICH DOSTOYEVSKY

Avelino procura emprego

Conto de **Moysés Duek** (Especial para "Revista da Semana")

A VELINO não teve a noite tranquila. Inicialmente custou a dormir. Experimentou todas as reentrâncias do colchão mas nem assim acomodou-se bem. Deitou de bruços, encolheu-se, esticou as pernas desenhando uma tesoura aberta na cama. Tudo em vão. Pensava, pensava... Afinal iria ter o seu bom dinheiro. De vez em quando, um presentezinho para a sua mãe. Outras vezes, um presente para o seu amor. E, ao lhe entregar a lembrança, ele diria: "Você me dá o seu amor. Para você, Isabel, o meu amor é pouco"... Não, não diria isso! Afinal, seria humilhante! Ele já lhe dava todo seu afeto! Ela ocupava todo o seu pensamento. Não, diria apenas: "Isabel, aqui está uma lembrança para você". Isabel — ele já imaginava — tomaria o embrulho de suas mãos. Beijar-lhe-ia nos lábios e começaria a desenrolar o envoltório. E Avelino ficaria ali, olhando-a. Tão linda, tão loura, tão deusa! Os olhos baixos de Isabel, escondendo as maravilhosas pupilas negras, brilhantes, aveludadas. Depois ela faria um "Oh!" de contentamento e o tomaria e o beijaria com amor e reconhecimento. E ele talvez dissesse: "Escolhi este broche porque penso que ficará bem você usá-lo no segundo ato de tal peça". Ela olharia o objeto com atenção e talvez concordasse. E Avelino haveria de se justificar: "Por hoje foi isso que eu lhe trouxe. Mais tarde, quando eu melhorar na vida, só trarei jóias de brilhantes de verdade para você".

Avelino revolveu-se na cama por mais de duas horas, sempre com os olhos abertos. A lua passou no retângulo da janela aberta. Afinal ele adormeceu. Sonhou a noite toda. Ora pesadelos, ora inquietações. Uma vez até viu o homem a quem ia pedir emprego levantar-se por detrás da secretária e, apontando-lhe um dedo pejado de brilhantes, dizer-lhe: "O senhor com esta cabeleira vermelha mais parece um espanhalho. Não tenho emprego para o senhor". E Avelino viu uma grossa corrente de ouro atravessando o ventre do homem gordo; no meio da corrente havia uma grande medalha com um cometa e estas palavras: "Deus te guie". Avelino foi saindo cabisbaixo do escritório, muito encabulado, sem saber se cobria com as mãos o seu rosto ou a sua cabeleira vermelha. E acordou dando um pulo na cama. Noutra vez sonhou que estava ajoelhado diante de um homem muito alto, muito magro, de tão pálido tinha a cor esverdeada do limão, e os olhos escuros, brilhantes, enérgicos, encimados por espessas sobrancelhas negras que, unidas, formavam um longo pontilhão. Ajoelhado, com os braços para cima, em súplica, Avelino lhe pedia: "Por favor! Dê-me um emprego! Por favor!". Dessa vez, o suplício de Avelino era que o homem não lhe respondia, por mais que o pobre rapaz implorasse. Despertou agitado, com as mãos frias e a testa suada.

De manhã, foi necessário d. Ofélia bater à sua porta:

— Avelino! Levante-se, meu filho.

Avelino pulou da cama. Ainda dormia com um olho só, cambaleando de sono.

E começou a apressar-se. Tomou o banho e sentou-se à mesa para a primeira refeição. Abriu o pãozinho com meticulosidade e revestiu-o internamente de uma camada de manteiga.

D. Ofélia perguntou:

— Quer geléia, meu filho?

Não; Avelino não queria geléia. Comeu depressa o pão, bebeu o leite e voltou para o quarto.

Avelino abriu o guarda-roupa e começou a escolher um terno. O mais novo era o marron. Mas marron não dá azar? Dizem que a cor da sorte é o azul. Ele tinha um terno azul-marinho, mas já estava um pouco antigo. Ele mandou fazer aquela roupa quando seu irmão Estêvão se casou. Agora Estêvão já tinha um filho crescido, com a cabeleira vermelha como a de Avelino. Não, o terno já não estava muito bom, mas ele usaria este mesmo. Era a cor da sorte. Vestiu-o, bem com uma camisa branca, bem passada a ferro. Depois foi escolher a gravata. Avelino resolveu usar uma gravata azul com listras finas em vermelho. No lado interno, na ponta, havia uma etiqueta onde se lia: "Artigo de seda pura". Foi um presente de d. Ofélia. Em seu aniversário, d. Ofélia entrou em seu quarto, beijou-o no rosto, desejou-lhe felicidades e, entregando-lhe a caixa, disse com simplicidade: "E' para você, meu filho". Avelino abriu a caixa. Já sabia que era uma gravata, mas não sabia de que cor. Gostou muito. Agradeceu muito. E disse: "Mamãe, você tem muito bom gosto". D. Ofélia acariciou-lhe o rosto e disse: "Tenho bom gosto? Tenho sim, porque se antes de você nascer eu tivesse podido escolher o meu filho, era a você mesmo que eu ia escolher".

Essas coisas davam felicidades a Avelino. Ao seu melhor amigo, que é o seu confidente, disse Avelino mais de uma vez:

— Adolfo, sou um rapaz de sorte: tenho a mais perfeita das mães. E a mais bela das amantes.

Que d. Ofélia era perfeita, Adolfo estava de acordo. Mas que Isabel lhe conviesse, isso não!

Adolfo, em verdade, não simpatizava com Isabel. No fundo, no fundo, bem que Adolfo achou Isabel uma linda mulher. Mas ele não gostou de ver o seu jovem amigo, de quem era conselheiro e se dizia um irmão mais velho, se envolver em absorventes amores por Isabel. Muitas vezes Adolfo aconselhou:

— Avelino, você é muito jovem, meu caro. E quem é jovem não sabe nada da vida. Para as atrizes, os amores duram tanto quanto a representação de um papel. Se por vinte dias são Marguerite Gauthier, nos trinta dias seguintes serão qualquer outra heroína.

Mas não! Já ia por um ano que Avelino vinha obsedado por Isabel. Viu-a representar. Enviou-lhe um cartão pedindo para visitar-lhe no camarim. Depois ele foi lá. Encontrou Isabel ainda em trajes medievais de veludo roxo com largas mangas de gaze grossa. Os ombros desnudos; a cabeleira loura repousava numa sacola de tela de pérolas. Os olhos estavam alongados por traços negros e sombreados por um pó azul.

Avelino entrou e ficou parado no meio do camarim, com os pés unidos, o olhar parado, fixo, o chapéu seguro por ambas as mãos de encontro às coxas — exatamente como um colegial chamado ao gabinete do diretor.

Isabel voltou-se para ele, sempre sentada em sua banquetta à mesa de pentear. As oito lâmpadas que emolduravam o espelho do móvel ofuscavam a vista do rapaz. Porém, mais do que as luzes, a beleza crepitante de Isabel o perturbava.

Isabel voltou-se para ele e lhe disse, num sorriso:

— E então?

Foi aí que reparou melhor no rapaz. Viu-lhe os cabelos vermelhos, um vermelho de chama. Viu-lhe as faces magras, encovadas, viu-lhe os ombros curvos, reparou na sua pequena estatura — e enterneceu-se por ele.

Avelino não encontrava uma frase, nem mesmo uma palavra, ou um gesto ao menos.

— Sente-se, por favor — disse ela, amável.

Ele sentou-se, mais por obediência.

Isabel estendeu-lhe a mão. Aí ele beijou aquela mão branca e sensível. Não foi um beijo da amor. Eu gostaria, aqui, de escrever: "de devoção".

Foi o beijo que impressionou Isabel. Nunca lhe beijaram dessa forma. Era sempre por galanteria. Ou por amor. Nunca por um respeito elevado.

(Continua na página 51)

Ilustração de **Armando Pacheco**





Trabalhadores anônimos

HÁ no "broadcasting" nacional, milhares de trabalhadores anônimos. Entre esses, incluem-se os discotecários. São eles os construtores de agradáveis momentos para o apreciador da boa música em conserva. Buscando no escaninho das discotecas, o quanto de belo e agradável os grandes músicos nos legaram, essas laboriosas abelhas do rádio brasileiro contribuem para aumentar a projeção dos grandes compositores nas mais baixas camadas populares. E' através de um trabalho cansativo, e que reclama bastante interesse, que os discotecários organizam a programação diária de nossas emissoras, selecionando os números a serem irradiados. Assim, reclamamos das estações, maior importância ao serviço que lhes prestam esses trabalhadores anônimos. Por que não divulgar-lhes o nome, quando da apresentação de um programa de gravações, fazendo convergir para eles a atenção do ouvinte? Os discotecários, em maioria, têm absoluto conhecimento musical, compreendendo o gosto do público e auscultando-lhe os desejos. Tal como os produtores, eles compartilham da aceitação que este ou aquele programa tem, uma vez que lhes cabe responder pelos números musicais irradiados. Nada custaria mencionar o nome do discotecário responsável por uma boa apresentação. Que aproveitem a sugestão, os que respondem pela direção de nossos prefixos.



DEZ MINUTOS MAIS

(Fox-bolero)
Versão de Ewáldo Rul Barbosa
Disco Odeon 12.837

Fica mais um pouco
Volta fecha a porta
Fica aqui comigo
Um pouquinho mais
Deixa que outros digam
Que já não me queres
Nós nos pertencemos
Esta é a verdade
Fica um bocadinho
Deixa que eu te olhe
Minhas mãos desejam
Te acariciar
Quero que me beijes
E que me acaricies
Quero o que quiseres
Fica um pouco mais
Volta, fecha a porta
Joga-te em meus braços
Deixa que eu te adore
Deixa eu te beijar
Fica nos meus olhos
Fica em minhas mãos
Só mais um pouquinho
Dez minutos mais.



DISTANCIA

(samba-canção)

Fernando Lobo

Disco Odeon 12.847

Quanto mal você fez
Quanta coisa você premeditou con-
[tra mim
Insisti
Quis voltar
Mas você recusava
Somente p'ra folia
Veio o tempo
A distância
O brinquedo entre nós terminou
Definitivamente
Fingindo um fracasso entre nós
E todo seu
O fracasso vai mostrar
Que a culpada não fui eu.



TRES PALABRAS

Bolero de Oswaldo Farres

Ove la confesión de mi secreto
Nace de un corazón que esta de-
[ciendo
Con tres palabras te diré todas mis
[cosas
Coras de un corazón que son pre-
[ciosas.

Dame tus manos ven toma las mías
Que te voy a confiar las ansias mías
Son tres palabras solamente mías
[angustias
Y estas palabras son como me gus-
[tas.

BROADCAST

DIAS MELHORES VIRÃO — Volta a movimen-

tar-se o ambiente

radicônico da cidade. Rumores e mais rumores circulam em torno à nova ordem de coisas nas "emissoras associadas". O nome de Almirante é apontado para gerir os destinos da Tupi, enquanto Antônio Maria é colocado em posição secundária. José Mauro surge para comandar a linha de programações da PRG-3, tendo a coadjuv-lo, figuras de projeção no cenário artístico do "broadcasting" carioca Haroldo Barbosa, indiscutivelmente, um dos maiores produtores da PRE-8, ante a marcha dos acontecimentos, já assinou contrato com a estação "leader" do sr. Assis Chateaubriand, o mesmo acontecendo com o rádio-ator Berliet Junior. Até mesmo o nome de Max Nunes voltou a figurar na lista dos que formarão no novo quadro das "associadas", atendendo a necessidade imperiosa de fazer frente Nacional. E nessa marcha decisiva, em que tudo se promete para satisfazer o público ouvinte, não foi esquecida a situação da veterana e popular Tamoio. A PRB-7, seguindo as pegadas



A música de classe, nos dias que correm, tornou-se obrigatória na programação das emissoras cariocas. Daí o carinho com que são escolhidos seus intérpretes. A PRE-3, por exemplo, confiou a Maria Hermengarda, a interpretação dos números de classe. Assim, a consagrada artista poderá ser ouvida na faixa dos 1.180 quilociclos, todas as semanas

RÁDIO-FLASHES

★ Mário Lago está em franca atividade. Seu nome figura com destaque na linha de programações mayrinkianas, para a qual ele escreve curiosos e movimentados "broadcasts". Ainda agora, vêmo-lo assinando "Um trem e seis destinos", novela que a PRA-9 está apresentando, com o concurso de seu homogêneo "cast" rádio-teatral. E' mais um grande trabalho saído da imaginação do autor de "Aurora".

★ O cantor Wilson de Andrade, ao que parece, não deu muita sorte na capital bandeirante. Depois do insucesso com o empresário que o contratou, em que teve de recorrer ao Ministério do Trabalho, o apreciado intérprete das melodias internacionais, vem de sofrer a visita dos amigos do alheio, os quais lhe deixaram de tanga, pois carregaram todos os ternos de roupa.

★ Luís Martins, cronista de um jornal paulista, num de seus pitorescos comentários, afirma que "quando se escreve qualquer coisa mais severa em torno das

nossas radio-transmissões, não falta nunca, entre os que se sentem atingidos, quem diga: ele não entende de rádio". Como vêem, não só os astros do rádio carioca pensam dessa forma...

★ Antonieta Lopes voltou ao microfone. A folclorista baiana, desta vez, apresentou-se na onda da Guanabara, animando com sua voz bonita, um dos programas daquela emissora. Antonieta tomou parte num programa assinado por Bemvindo Edinaldo, tudo fazendo crer que a direção da PRC-8, a chame para formar em seu "cast", ora carecendo de bons elementos.

★ Lourival Marques, metido em sua absurda modéstia, continua a produzir para o "cast" mayrinkiano. Silenciosamente. Sem alardes. Assim, acaba de lançar "Meu Filho não Voltará", história em capítulos, irradiada através do microfone da Mayrink Veiga. Trata-se de uma novela digna do público ouvinte, tal o sentido humano que a envolve.

de sua co-irmã, voltará ao velho fausto, organizando sua própria programação e contratando seus próprios elementos. Extinguir-se-á a errônea e absurda tutela que lhe fôra imposta. A antiga Educadora, dentro dos moldes passados, prosseguirá na sua linha de agrado popular, organizando e pondo no ar, "broadcasts" para um público já firmado em seu prefixo. Também voltarão os programas de auditório, dando vida ao segundo andar do prédio da avenida Venezuela. A situação que se anuncia para as "emissoras associadas", com Almirante e José Mauro à frente, enche de esperanças a quantos acompanham a evolução do "broadcasting" nacional. Esses dois nomes são uma garantia para qualquer empreendimento de vulto, levando-se em consideração, o muito que têm realizado. Tudo quanto lhes tem saído da pena, traz o símbolo da honestidade e do triunfo. Aguardemos, portanto, mais esta fase das "emissoras associadas", confiantes nesses dois nomes que tanto vêm trabalhando para o engrandecimento da radiofonia brasileira.

A. MIGUEIS.

★ Maria Hermengarda e Wolney Camargo, dois intérpretes da música ligeira, constituem a novidade da PRE-3. Artistas de categoria, com repertório dos mais seletos, eles podem ser ouvidos na onda da Globo, cantando números bem apreciados, inclusive trechos de óperas.

★ Saint Clair Lopes voltou a representar o rádio brasileiro em importante conclave. Desta vez, o conhecido locutor da PRE-8 foi ao Chile, onde teve assento na Conferência de Radiocomunicações que ali se realiza. Em companhia de Saint Clair Lopes, seguiu o sr. Enéas Machado de Assis, além do coronel Raul de Albuquerque.

★ Berliet Junior assinou contrato com a Tupi, onde irá perceber dezesseis contos por mês, para escrever "Mercado de Bagdad" e "Minha vida contra o crime". Enquanto isso, desmente-se a saída de Raul Brunini da Globo, onde percebe doze mil cruzeiros na qualidade de seu locutor. Por sua vez, Nestor de Holanda, para produzir novelas para a PRE-8, ganhará oito mil cruzeiros por mês.

ZE' DO NORTE

Alfredo Ricardo do Nascimento, essa figura sertaneja que os ouvintes conhecem por Zé do Norte, iniciou sua carreira radiofônica através da Hora do Guri, irradiada pela Tupi. Mais tarde, levado por interesses comerciais e artísticos, veio a criar na Transmissora a "Hora Sertaneja", além do programa "Diz ligue, faz favor". A seguir, foi bater com os costados na Rádio Fluminense, de onde se transferiu para a Rádio Clube do Brasil, onde criou "Manhã na Roça". Nesse prefixo, em virtude de suas atividades particulares, teve de interromper o trabalho artístico. Passou, então, a trabalhar nos originais de "Brasil Sertanejo", livro que veio a ser publicado no decorrer deste ano, numa edição bem cuidada. Agora, o popular artista promete-nos, por intermédio da Guanabara, uma apresentação bem melhorada de "Manhã na Roça". Além disso, trabalha no livro "Folclore Fluminense", reunindo o que de interessante existe sobre o Estado do Rio. Também pretende lançar, ainda este ano, "Congresso Pitoresco", focalizando, de modo curioso, nossos parlamentares. Tudo isso, sem falarmos nas emboladas e cateretês que Zé do Norte continua a escrever para seus programas.





Modelo para a noite em organdi branco aberto em bordado inglês. Sugestão de Martha Hyer, da R.K.O.

A AUTO-CRÍTICA — A todas as crianças deveria ser ensinada a auto-crítica, tal como se ensinam boas maneiras e outras regras de boa educação. Com a auto-crítica, a finalidade seria a de evitar que ao crescer se tornassem criaturas pretenciosas, convencidas, inconvenientes e ridículas. A falta de espírito de auto-crítica é a maior responsável por tanta coisa estranha que vemos a cada passo e por tanto pretensão descabida. Basta observar-nos o que se passa nesses chamados "concursos de beleza", onde a maioria, se tivesse um pouco de honestidade consigo mesma, se possuísse um pouco que fosse de senso de auto-crítica, nunca permitiria que seus nomes fossem incluídos, seus retratos publicados, pois saberiam muito bem que não estavam em condições de entrar numa competição dessa natureza. No entanto, sem a menor cerimônia, aceitam tal situação, submetendo-se a toda espécie de vexames. Mas não para aí o mal causado pela ausência absoluta dessa qualidade que julgamos indispensável. Há as que se julgam capazes de ocupar cargos acima das suas possibilidades intelectuais; há as que pensam poder arcar com responsabilidades superiores às que os seus conhecimentos poderiam permitir, há as que se envolvem em assuntos que desconhecem, cometendo "gaffes" de toda a espécie; há ainda as que se julgam donas de um requintado bom gosto e daí entram a usar tudo o que se lhes dá na cabeça, saindo à rua, muitas vezes como verdadeiros mascates ambulantes... As primeiras passam despercebidas na rua, porque as suas "qualidades" só aparecem

com o convívio; com as outras, porém, as que não sabem se analisar honestamente diante de um espelho, tal não acontece. Chocam-nos com o seu mau gosto e irritam-nos com a sua visível pretensão de se tornarem originais e atraentes. Em geral usam cousas que não se adaptam, de maneira alguma ao seu tipo físico, à sua idade, etc. E, pior ainda, agem da mesma maneira. Ou são quarentonas que assumem atitudes e trejeitos de meninas de dezoito; ora são estas últimas que resolvem passar por "vamps" balzaquianas; ora são outras que acham interessante mostrar que não dão importância a preconceitos: todas enfim visam um só objetivo: "aparecer" de qualquer maneira. Para isso, lançam mão de todos os recursos e, como não possuem o senso da medida, a menor noção do que venha a ser o espírito de auto-crítica, são fatalmente levadas ao ridículo pela sua própria ação. E nada pode destruir tanto quanto o ridículo. A falta de inteligência, a falta de tato, a falta de requinte, são defeitos que se merecem comentários desfavoráveis, não chegam nunca a despertar o riso e a malícia, tal como acontece ao ridículo. E, no entanto, este não é o defeito mais difícil de ser corrigido; bastaria um pouco de observação, de honestidade e de sinceridade consigo mesma. Bastaria que alguém tivesse a coragem de dizer de si mesma: "não, realmente não sou tão bonita assim", "realmente isto não me vai bem", ou ainda "isto não está de acordo com a minha idade, com a minha personalidade, com o meu tipo, etc..."

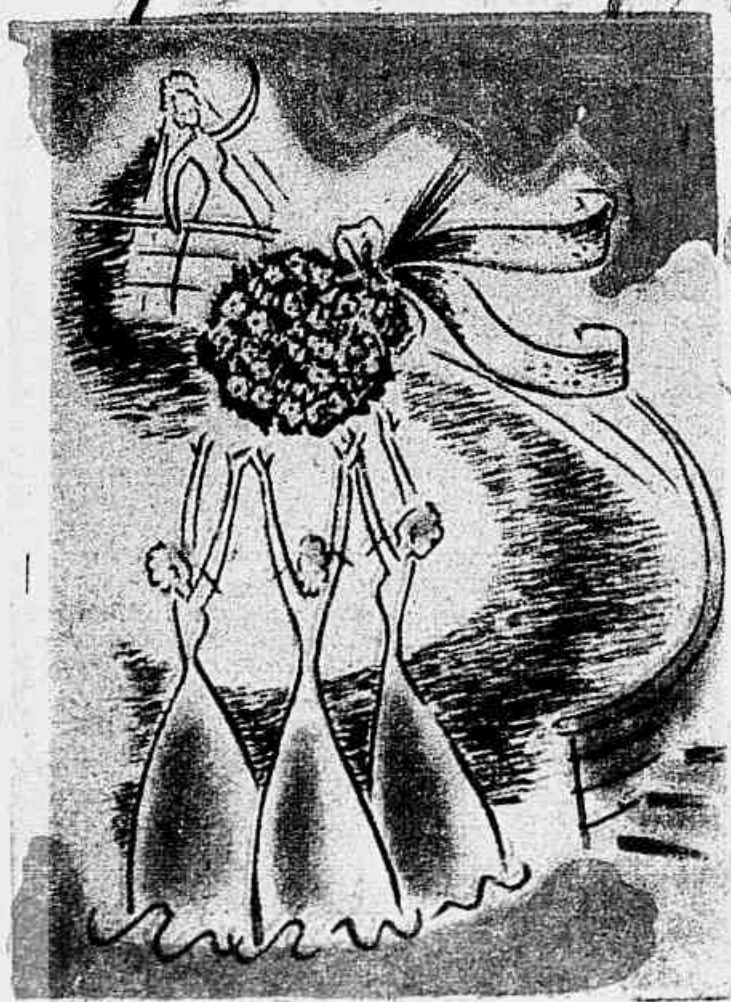
Será isto coisa tão difícil assim?

O. B.

Voz Bastidores Femininos

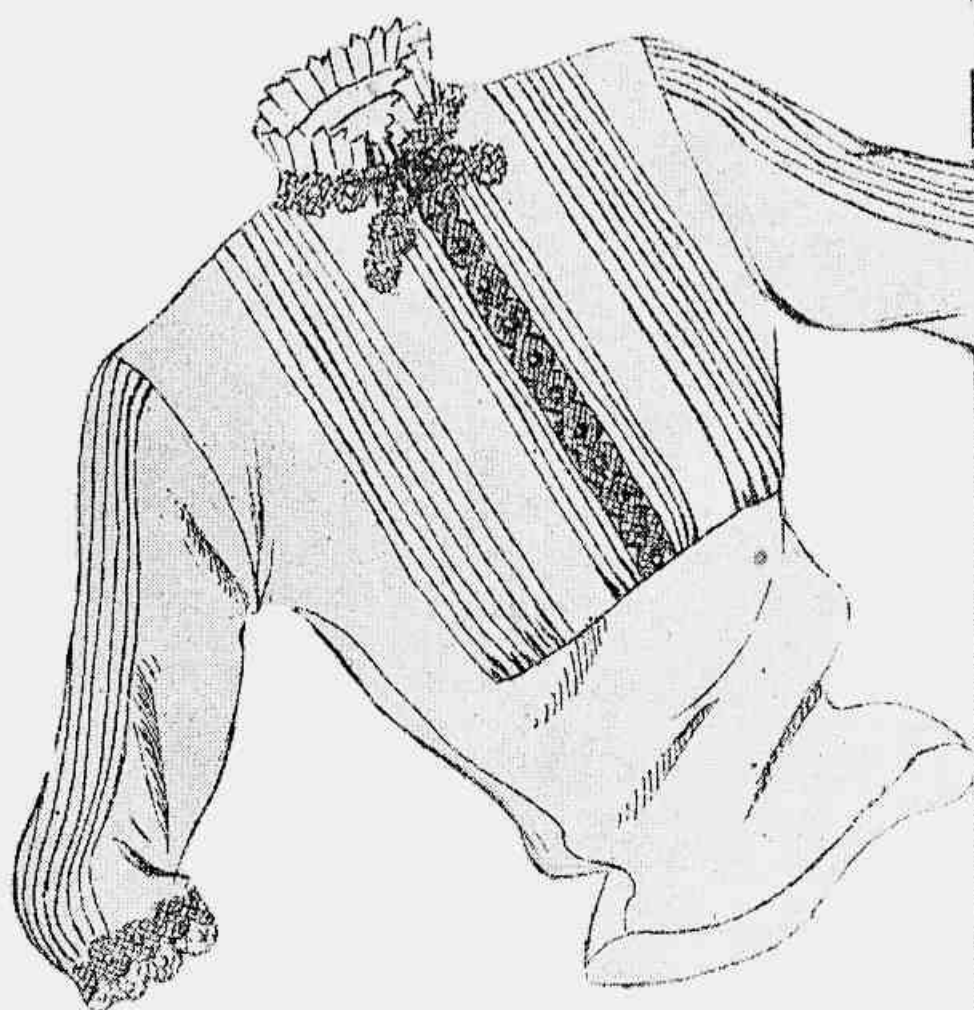


Para a noiva, modelo em cetim, abotoado na frente, em tôda a extensão. Cintura muito ajustada. Saia muito ampla. Véu de **tulle**, curto. Para a madrinha, modelo em **faille preto**. Gola e punhos brancos. Cinto de veludo. Para a "demoiselle", modelo em tafetá azul, gola de lamé laço de veludo



PARA O

Grande dia



As blusas modernas são uma evocação do... passado... Voltam agora a completar o guarda-roupa de uma elegante, os **rouches**, as nervuras, os entremeios de renda, as golas altas e plissadas, tudo aquilo enfim que fazia o orgulho de nossas avós... Aqui vocês têm três modelos de blusas realmente encantadoras. Em cambraia ou em **lingerie**, em linho ou **mousseline**, elas servirão para realçar a sua feminilidade e sua elegância



Ann Blyth, apresenta-nos esta linda blusa, em seda branca para ser usada com uma sala de "surah" quadriculado. Fita de veludo na gola

Blusas

MODERNAS

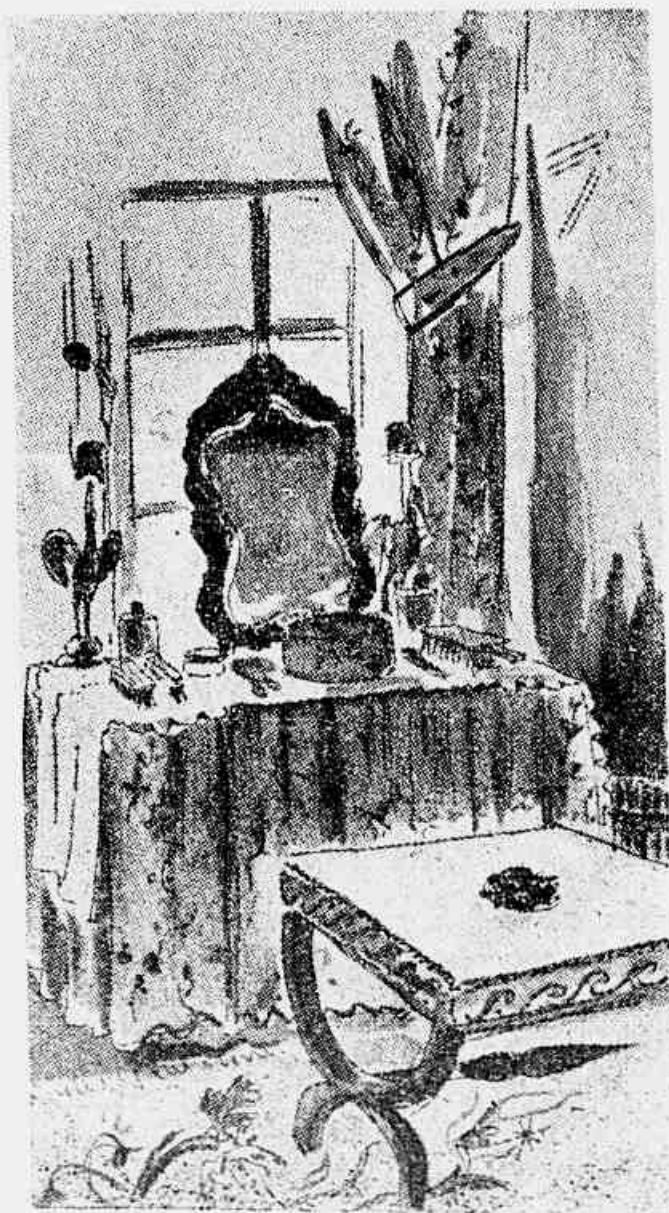
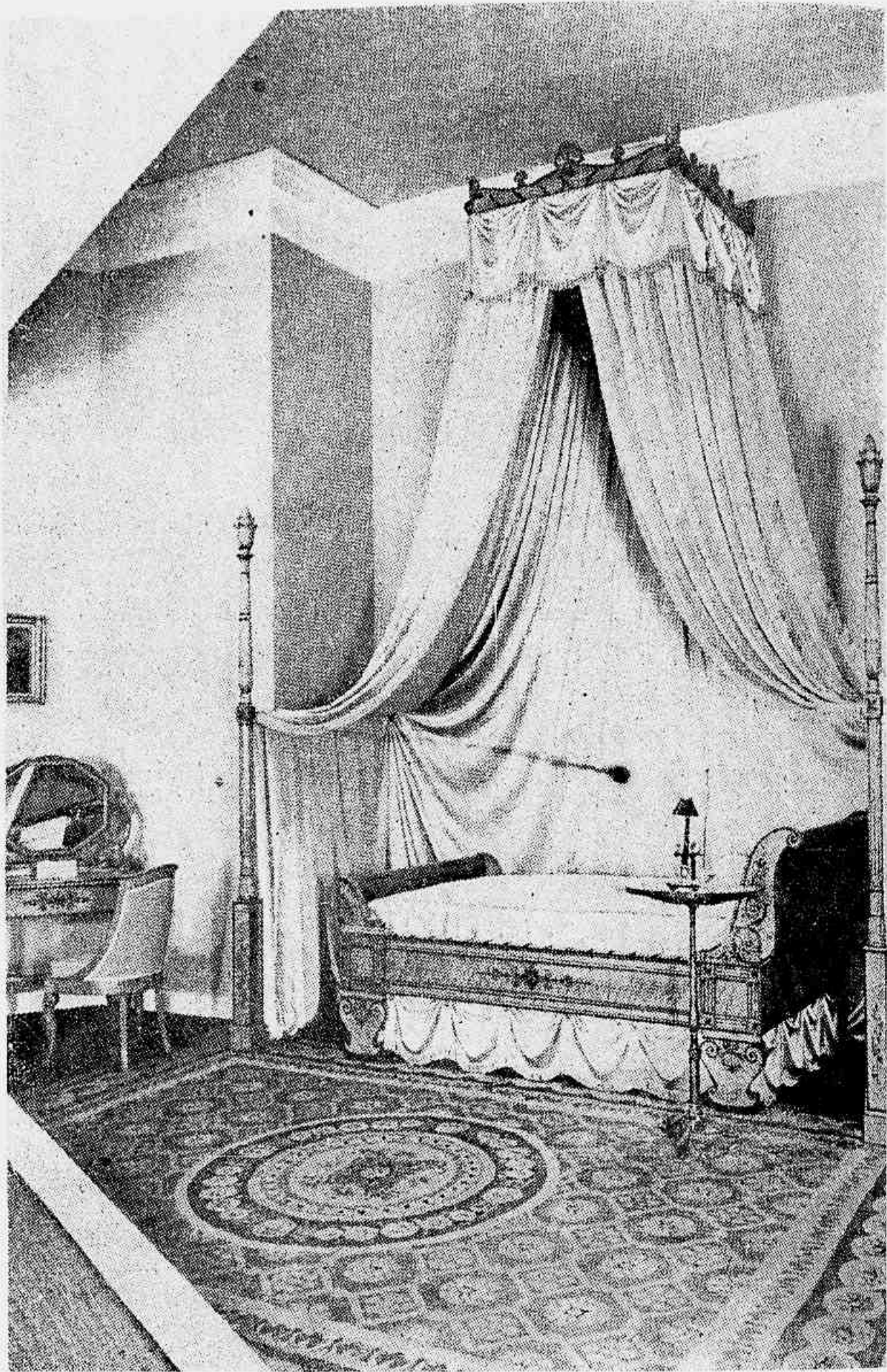
Interiores



FEMINILIDADE



Tôda a graça e todo o encanto de uma figura bem feminina, são realçados mais ainda por estas deliciosas camisolas de noite, a primeira de surah com pois, a segunda em crepe da China também com pois e a terceira em sêda natural com incrustações de renda



Para os que gostam de ambientes imponentes selecionamos êstes dois "cantos". O primeiro, mostra-nos um leito em madeira trabalhada, duas colunas, da mesma madeira, suportam o magnífico docel em cetim creme. O segundo mostra-nos uma penteadeira de linhas sóbrias, porém, com espêlho em moldura de prata, com dois candelabros de 1900 e um tamborete Luís XVII.



CHAPÉUS DE VERÃO

Para nos abrigarmos do sol e para completarmos a elegância de uma **toilette** de verão, os chapeleiros franceses criaram os modelos apresentados nesta páginas, em palha de diferentes espécies, guarnecidos de véus, flores, etc. Dentre êles destacamos o maravilhoso acima em palha creme, grande aba guarnecida de margaridas e fitas de veludo negro

CYD CHARISSE, Cathy O'Donnell, Jacqueline White e Martha Hyer, quatro belezas de Hcllywood, exibem aqui alguns dos seus modelos para verão. À esquerda — Modelo em sêda estampada em côres vivas, motivos romanos. Em baixo — "Duas-peças" em sêda estampada; jaqueta justa na cintura e drapeada sôbre os quadris. ★ Modelo em albêne branco, todo



aberto e fechando com botões de madeira.
 À direita, em baixo — Blusa de cassa bran-
 ca com "pois" também brancos, usada com
 saia de algodão estampado; saia de baixo
 do tecido da blusa. Ao alto — Com saia
 de algodão quadriculado, jaqueta de linho
 verde; ao redor dos bolsos, botões do mes-
 mo tecido. ★ Saia de "chintz" estampado;
 blusa em tom unido; decote amplo e original.



SUGESTÕES DE

Hollywood



PIERRE BALMAIN

Uma viagem de férias exige uma revisão completa no guarda-roupa. Os modelos deverão ser escolhidos com cuidado, merecendo atenção não só o feitio como também os tecidos a serem empregados. Um traje para o mar ou para o campo, deve refletir o bom gosto de sua dona. Para que tudo possa ser planejado e executado com calma, os mais famosos costureiros franceses colaboraram na organização d'êste guarda-roupa que julgamos perfeito: **Ao alto:** Pierre Balmain criou êste "duas-peças" para viagem propriamente dita. A saia é plissada. Gola e grande laço em tafetá listrado. **Ao alto:** Bruyère sugere saia e bolero em algodão estampado, predominando o vermelho. Marcelle Dormoy, modelo em algodão azul forte, com grandes pastilhas. Jacques Griffe, original traje para a praia em listras azuis e brancas. Paquin, vestido de sêda branca, com vivos em côr forte. **Ao centro:** Lucille Manguin, short de sêda em tom unido. Saia estampada. Madeleine Vramant, "duas-peças" em algodão listrado. Lucien Lelong, modelo muito juvenil em tecido quadriculado azul e branco. Patou, modelo em sêda estampada. **Em baixo:** Christian Dior, casaco em grandes quadrados, servindo para ser usado com shorts ou vestidos, Marcel Rochas, sêda em dois tons, trabalhada em bandas. Madeleine de Rauch, traje esportivo, saia listrada.

PARA O SEU GUARDA - ROUPA DE FÉRIAS



BRUYÈRE



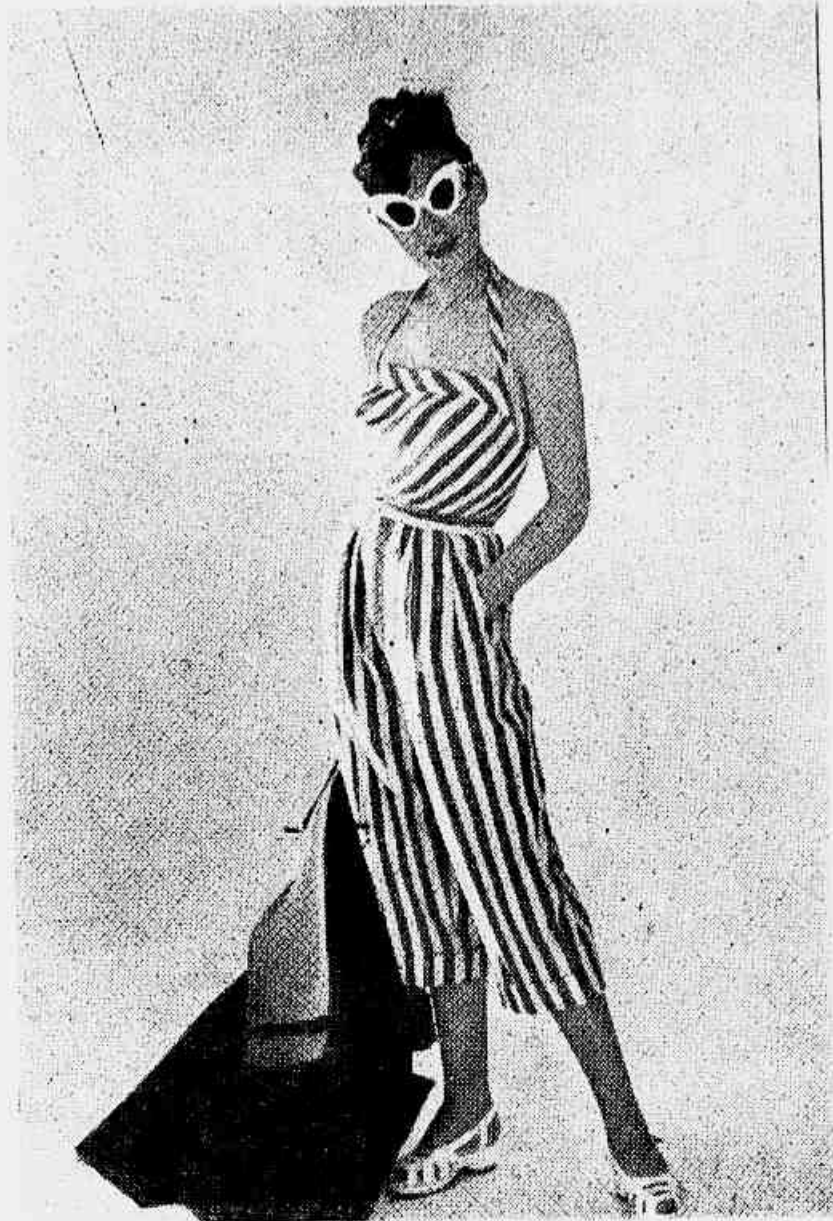
LUCILE MANGUIN



CHRISTIAN DIOR



MARCELLE DORMOY



JACQUES GRIFFE



PAQUIN



MADELEINE VRAMANT



LUCIEN LELONG



JEAN PATOU



MARCEL ROCHAS



MADELEINE DE RAUCH



JEANNE LAFAURIE

As fotografias que estampamos nestas páginas são referências à Maria Trizzuzzi

★

carta à Cinderela, uma carta cheia de encantamento e respeitoso cavalheirismo:

"Mi buena Maria"

Acaba de llegar a mis manos un ejemplar del "O Globo" de Rio de Janeiro en que está estampada su fotografía. Y al pasarle los ojos, he visto su rostro maravilloso y me sentí totalmente enamorado de él.

Yo le cuento que Ud. es muy atractiva, pero no quiere creer que la Naturaleza ha hubiese hecho tan perfecta sin que al mismo tiempo no le hubiese dado todos los otros meritos tan imprevedibles a su personalidad.

Se yo estuviese en Rio, no le daría un voto, pero le compraría una edición entera del "O Globo". Así, le dedico esta cartita para que Ud. se recuerde de un ardoroso admirador de la República Argentina. Con mis respetos — M. Pasi Hijo."

Que mulher não responderia a tais demonstrações de simpatia? Maria está no curso ginásial. E não procurou esconder a sua simplicidade, ao escrever, em resposta:

"Senhor:

Pudesse eu estar presente quando seus olhos lerem as primeiras palavras desta carta para satisfazer a curiosidade de meu espírito e sentir de perto a polidez de tão delicado galanteador. Com a sua carta em minhas mãos, meu coração latejou com ansiedade, pois é a primeira vez que me é endereçada uma correspondência dessa simpática Argentina, terra da música de minha predileção.

Satisfaz-me sinceramente a delicadeza da lisonja e sou-lhe verdadeiramente grata pelo ardor sincero e honesto de quem as escreveu. Agradeço o seu nobre gesto para comigo e quisera poder conhecê-lo da mesma forma que me conheceu."

O coração fala todas as línguas. E o amor nasceu. Mario Pasi Hijo abandonou a chefia da sua firma, despediu-se apressadamente dos pais e três dias depois estava no Rio. Não mandou o retrato que ela indiretamente pedira. Veio ele próprio, o original, conhecer a jovem brasileira a quem já amava por um simples retrato de jornal.

Na última apuração do concurso, Mario Pasi Hijo e Maria Trizzuzzi, a Cinderela do subúrbio de Quintino Bocaiuva, entraram de braços dados na redação do jornal, para assistir à contagem dos votos. Estão noivos. E ele não esconde o seu contentamento:

— "Maria es muy mais bela que en lo retrato. Yo la concebiera así mismo."

Mario conta vinte e quatro anos; Maria dezessete. Pode haver mais linda história de amor? E, ainda que pareça incrível, em pleno século vinte, na era da bomba atômica?...

O AMOR NO CERTAME DA BELEZA

MARIA TRIZZUZZI, A CINDERELA CARIOCA

Texto de SILVIA AUGUSTA

DESDE o lançamento do concurso de beleza que se realiza em todo o País, com o apoio entusiástico de várias dezenas de jornais, revistas e estações de rádio, a mocidade brasileira se mobilizou em torno da grande iniciativa para apontar, entre as mais belas jovens, o tipo ideal das suas preferências para representar a mulher patricia no grande cotejo internacional de formosura, a realizar-se em Paris, quando se dará a escolha de "Miss Universo".

Nesta capital, esse entusiasmo foi contagiante, transformando-se rapidamente o certame num grande movimento de elegância e bom gosto, centralizando as atividades sociais de todas as classes e de todos os bairros, dos mais elegantes aos mais modestos, dado o sentido altamente moral e patriótico da iniciativa. Organizam-se os entusiastas em Copacabana com a mesma vibração do Grajaú e dos subúrbios. E surgem tipos de mulher dos mais formosos, transformando a competição num quadro dos mais sugestivos, aparecendo figuras de rara beleza para a admiração geral.

Em S. Paulo, uma jovem modesta, filha de operários, vivendo num subúrbio longínquo, viu-se de repente rodeada de homenagens e ricos presentes: Carmem Moraes Joyas, cuja beleza já está inspirando poetas, conquistou o título de "Miss Garoa", estando pronta a disputar o título máximo da terra bandeirante — "Miss S. Paulo". Outra jovem, a senhorita Vera Constantino Ianni, mal foi lançada como candidata, arrebatou com a sua beleza

o coração de um milionário paulista com quem noivou, tendo, a seguir, de deixar a prova para casar-se...

Aqui, no Rio, tivemos também uma Cinderela: Maria Trizzuzzi. Foi a escolhida para representar o Grêmio Recreativo de Quintino Bocaiuva no grande pleito. Seus vizinhos e amigos do subúrbio sabiam que ela era realmente bela e acreditavam em que todo mundo logo reconheceria isto. Sua primeira fotografia estampada num matutino local quase que passou despercebida. Mas, quando apareceu pela primeira vez em uma das festas oferecidas às candidatas, arrancou exclamações de incontida admiração até das suas próprias concorrentes. E logo choveram votos e fãs...

O ROMANCE DA MOÇA POBRE

O romance da moça pobre e bela que sonha com um príncipe encantado não poderia retardar a sua chegada. E realmente chegou; entretanto em circunstâncias ainda mais românticas e sensacionais do que poderia conceber a imaginação de um ficcionista. Um jovem milionário argentino, Mario Pasi, ao comprar em Buenos Aires um exemplar de um jornal, viu o retrato da jovem candidata suburbana ao título de "Miss Distrito Federal". Foi tal a impressão que lhe causou a beleza de Maria Trizzuzzi que imediatamente comprou todos os exemplares do diário à venda e, recortando os votos emitidos, escreveu uma



Maria Trizzuzzi em companhia do noivo



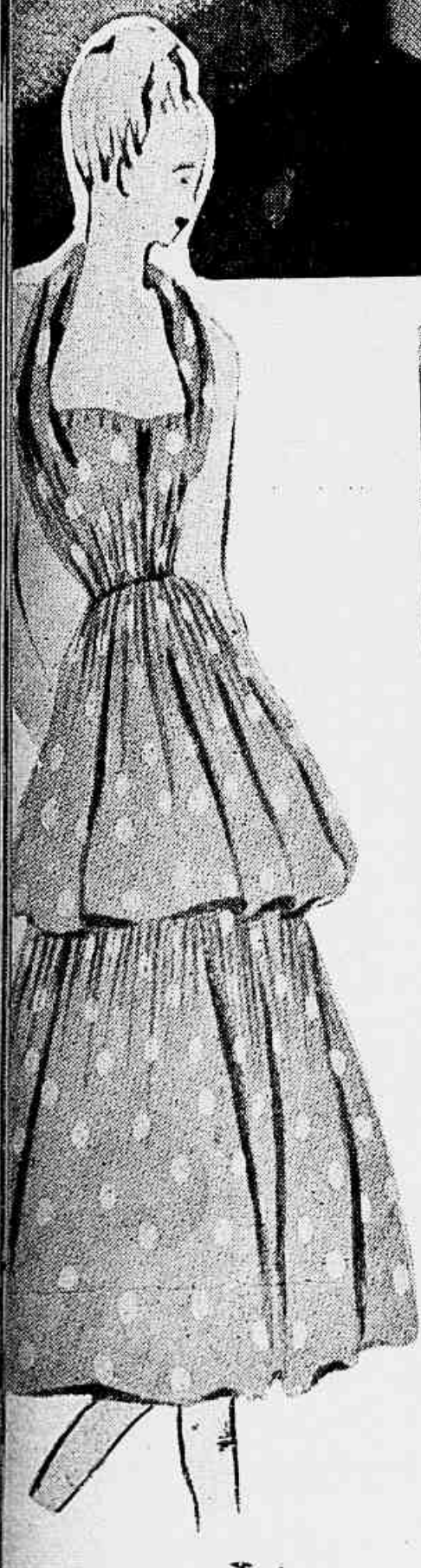
Simplicidade



Há nesses modelos uma elegante simplicidade; uma variedade de tons, de feitios, de bordados que os tornam alegres e juvenis, símbolos do verão que espalha a sua luz viva e ardente, embelezando ainda mais as criaturas

A esquerda: Modelo em linho de dois tons. Bordado em alamares na blusa e na saia

Elegância

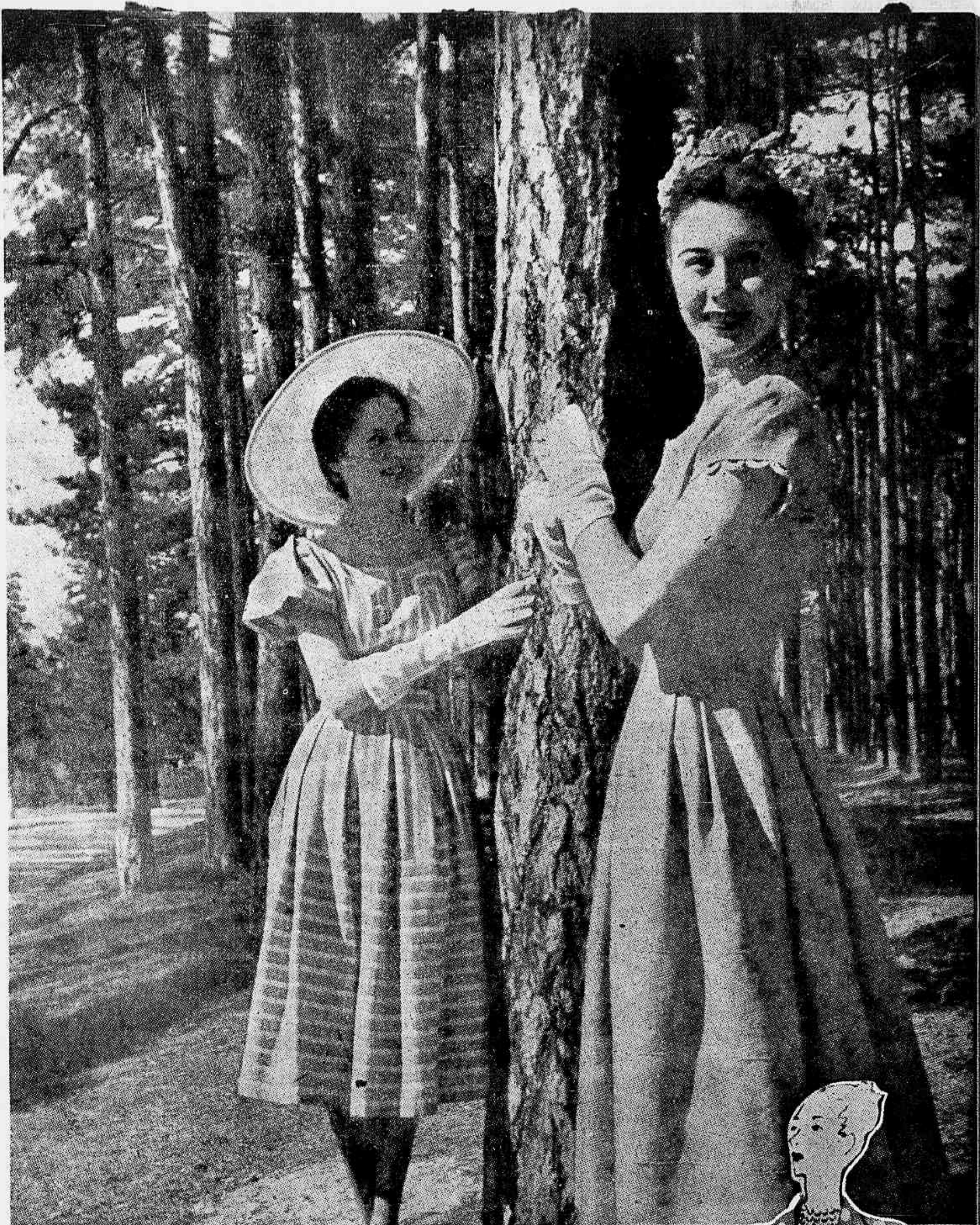




Ao alto, da esquerda para a direita: Com uma saia azul com pois brancos, blusa de linho azul. Vestido em sêda listrada rosa e branco. Parte da saia com listras verticais e outra com listras horizontais. Vestido de linho azul. Festão branco nas mangas e decote. Saia com pregas soltas

À direita: "Duas-peças" em sêda estampada. Jaqueta comprida. Saia godet

Na página, à esquerda: Vestido em linho amarelo, com bainhas na blusa. Bolsos embutidos na saia. Modêlo em shantung, com transpasse dando laço no lado esquerdo. Saia franzida. "Duas-peças" em shantung verde. Basque bordada. Saia em pregas soltas



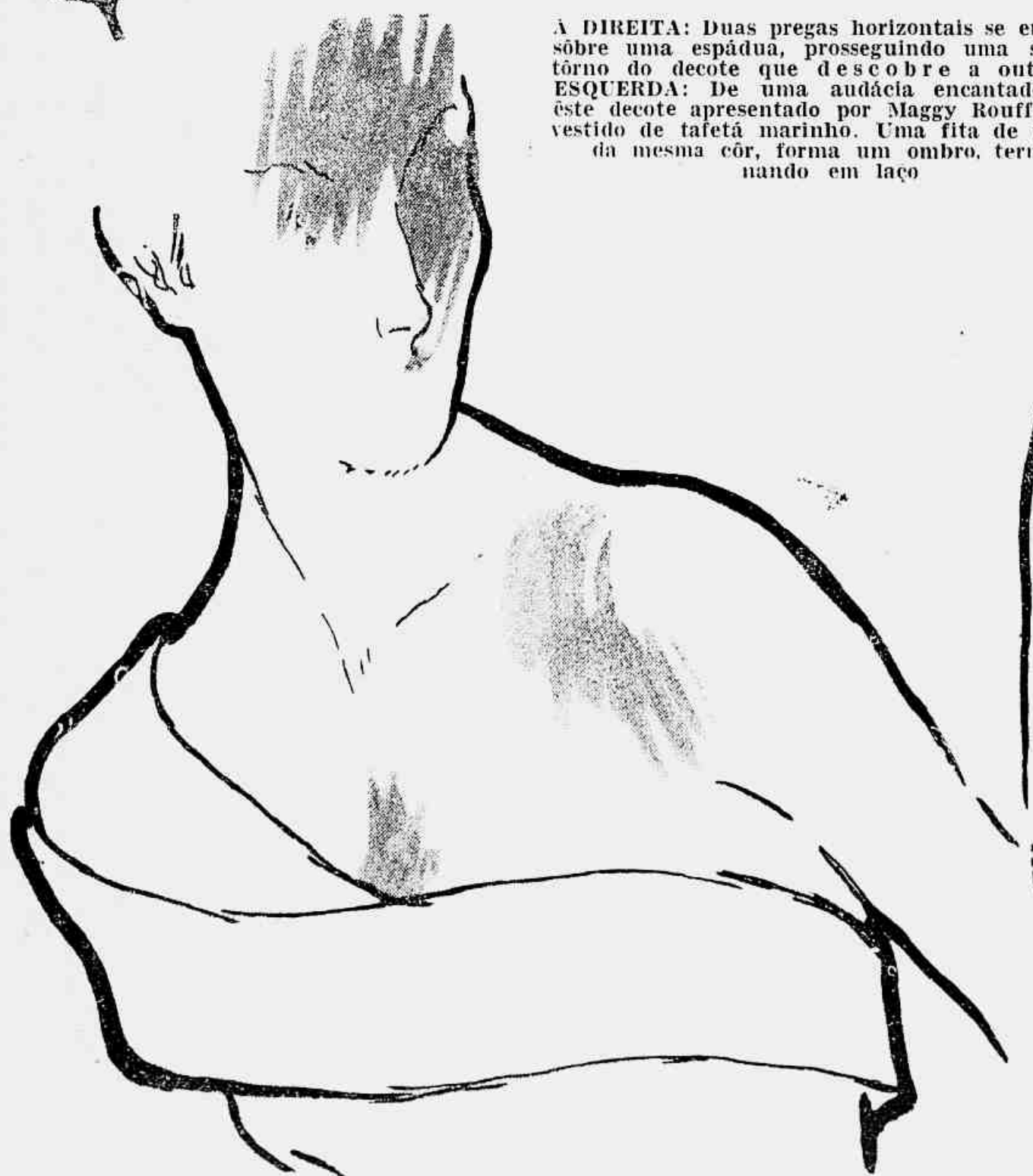
Modêlo em linho estampado. Saia franzida com babadinhos

DECOTES

modernity



AO ALTO: Aqui Jeanne Lafaurie mostra-nos o decote de um vestido preto, onde um drapeado descobre graciosamente a espádua direita. A ESQUERDA: Decote muito romântico, criado por Grés, para um vestido de jersey verde



A DIREITA: Duas pregas horizontais se enrolam sobre uma espádua, prosseguindo uma só em torno do decote que descobre a outra. A ESQUERDA: De uma audácia encantadora, é este decote apresentado por Maggy Rouff, num vestido de tafetá marinho. Uma fita de veludo da mesma cor, forma um ombro, terminando em laço



Entre a grande variedade de decotes modernos, a linha assimétrica tem lugar importante. Maggy Rouff, Grés, Jeanne Lafaurie e Jean Patou, são os quatro grandes nomes da costura francesa que apresentam aqui as suas mais recentes criações, em matéria de decotes

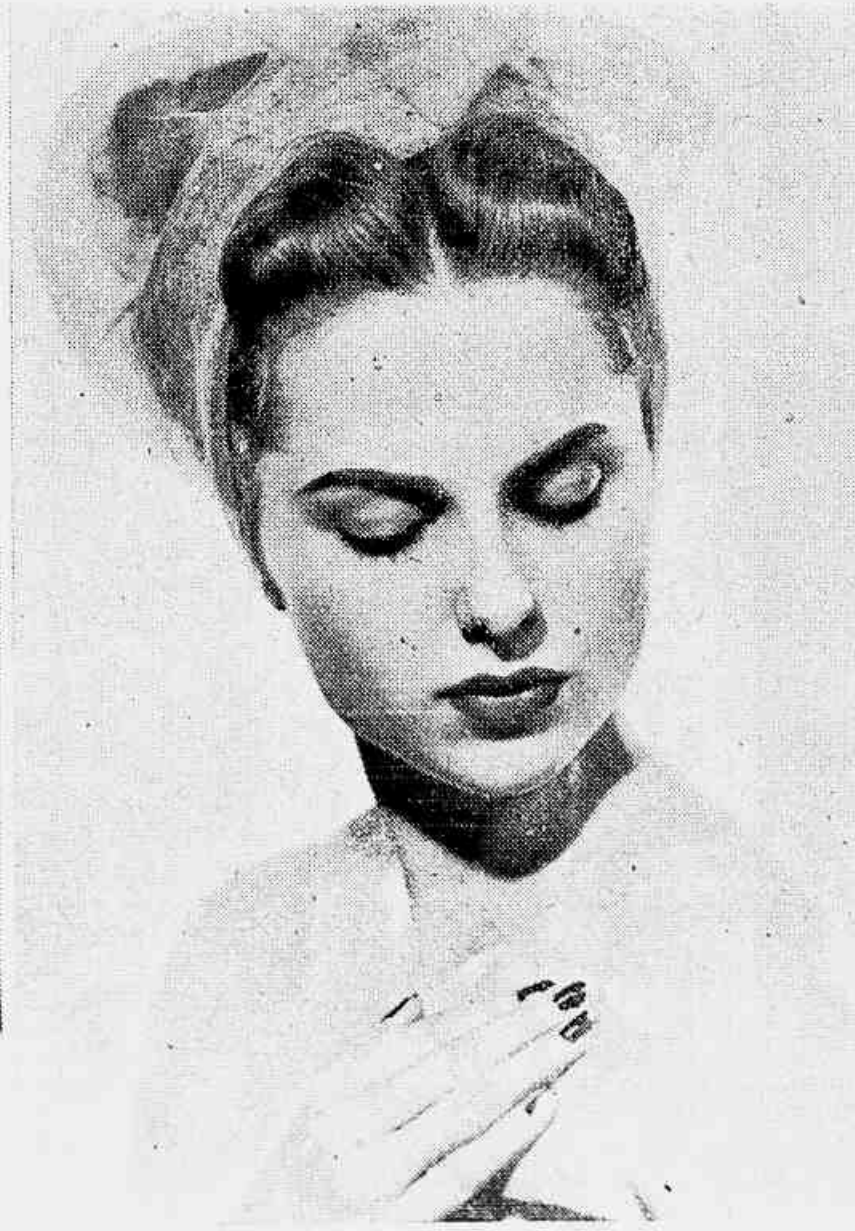
Por **MARTHA HYER**,
da **RKO Rádio**

"A pele do pescoço e do colo, diz Martha Hyer, deve merecer os mesmos cuidados que merece a pele do rosto. E' sabido que a idade da mulher se conhece pelas condições da pele naqueles locais, por isso, é conveniente, desde cedo, dar-lhes o tratamento que exigem. O meu sistema, para conservar colo e pescoço macios e sem linhas, é simples: Em primeiro lugar, prendo os cabelos com uma rêde a fim de evitar que o creme os atinja. Em seguida, aplico uma camada generosa de creme revigorante, ao mesmo tempo que faço massagem, sempre de baixo para cima. Em seguida, aplico o mesmo creme sôbre os ombros, colo e costas, deixando permanecer ali durante uma hora. Enquanto espero aproveito para fazer um exercício de excelentes resultados: — sento-me confortavelmente, fecho os olhos e "relaxo" os músculos. Em seguida, volto a cabeça para o lado esquerdo, até sentir os músculos esticarem. Vagarosamente, volto à posição inicial, para fazer novamente, voltando agora a cabeça para o lado direito". O resultado é animador! Aí está Miss Hyer, linda e radiante. Valeu ou não a pena?

★



PESCOÇO E COLO MERECEM CUIDADOS ESPECIAIS

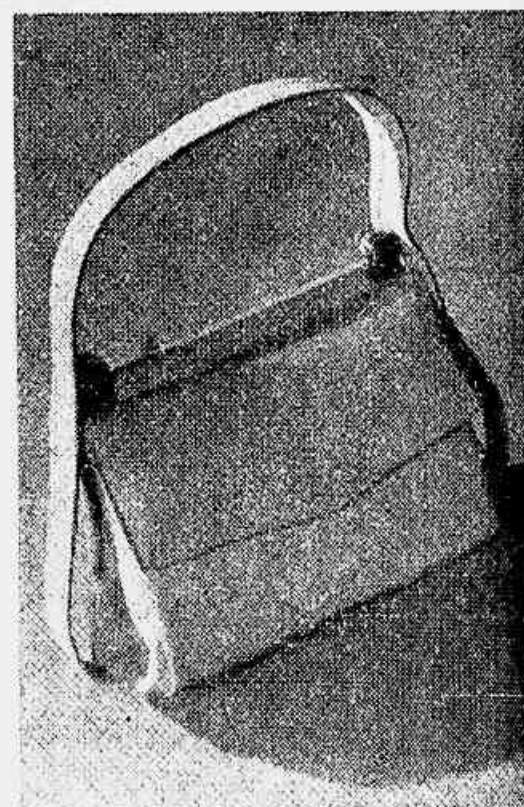


Blusa de organdi com
nervuras e babados
plissados

"Clips" de perolas que
podem ser usados como
brincos ou como enfei-
te de vestido



Maravilhoso penteado
para noite, com enfei-
te em pedras



Bolsa de couro bege lançada por
Lucien Lelong

Marcel Rochas lançou
este "traje interior"
para acompanhar os
novos vestidos

No canto esquerdo da página:
um maravilhoso colar para
trajes de noite

**DETALHES
E
NOVIDADES**

Num vestido escuro, marinho ou preto, salienta-se esta gola em tafetá listrado, criada por Schiaparelli

Sapato aberto para verão em pelica branca

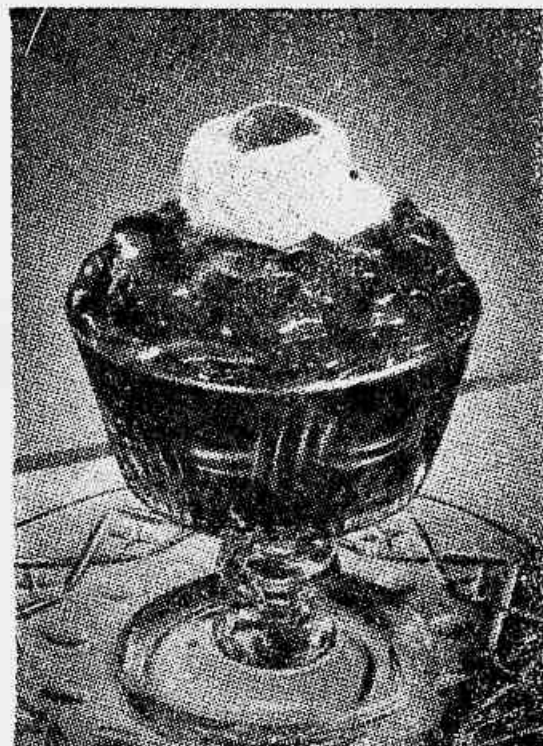
Luas enfeitadas com plumas, e a última palavra em complementos para trajes "habillés"

A esquerda: Traje para praia, de Lucien Lelong. Em baixo: Um grupo de violetas preso por véu lilás



SAIBA QUE ... de um molho depende o paladar de um prato. Para se obter molhos saborosos, devem-se usar ingredientes de boa qualidade e observar meticolosa limpeza nos utensílios a serem empregados. ★ Num jantar de cerimônia, serve-se, antes da refeição, um "cocktail". Com carnes ou legumes, vinhos tintos, com peixes, vinhos brancos, com assados, champanha gelado, com sobremesa, vinhos doces e com o café licores. ★ para fazer uma calda, a proporção é de duas chécaras de chá, de água para 500 grs. de açúcar ★ a gelatina dissolve melhor se despejarmos sobre a mesma água fervendo.

PARA O SEU "MENU":



MOCOTO COM LEGUMES — Ingredientes: 1 mocotó, 250 grs. de toucinho defumado, 5 cenouras, 3 nabos, 2 alhos porós, 1 cebolinha, 1 cebola, 3 tomates, sal, salsa e pimenta. Preparação: — Trata-se e cozinha-se o mocotó e, alguns minutos antes de se retirar do fogo, juntam-se os legumes. Quando a carne do mocotó estiver se separando dos ossos e os legumes estiverem completamente tenros, retira-se tudo e serve-se com "purê" de farinha de trigo, feito no fogo com o próprio caldo fervendo. ★ **MASSA PARA**

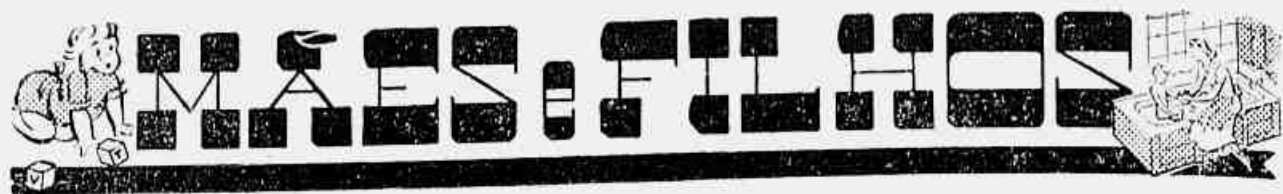
SONHOS — Ingredientes: 100 grs. de manteiga, 1 garrafa de leite, farinha de trigo, ovos. Preparação: Põem-se a manteiga e o leite numa caçarola e levam-se ao fogo. Levantando fervura, vai-se-lhe juntando, pouco a pouco, a farinha de trigo anteriormente peneirada, mexendo-se vivamente com uma colher de pau até ficar a massa consistente e que se despreque do fundo da caçarola, devendo a farinha ficar bem cozida. Tira-se do fogo e espalha-se num prato para esfriar. Depois de fria, amolece-se com ovos até ficar bem lisa. Deve ficar de consistência que não alastre. ★ **ENTRECOSTO À MESTRE DE HOTEL** — Ingredientes: 1 entrecosto grosso, molho à Mestre de Hotel, sal e pimenta.

Preparação: Trata-se o entrecosto, tempera-se com sal e pimenta, coloca-se numa grelha e leva-se para assar em fogo brando, tendo-se o cuidado de virá-lo do outro lado logo que principie a sangrar. Serve-se com o molho à Mestre de Hotel. ★ **MÓLHO À MESTRE DE HOTEL** — Ingredientes: 100 grs. de manteiga, 15 grs. de farinha de trigo, 1/4 de litro de leite, meio limão, 1 colher das de sopa, de salsa picada, sal e pimenta. Preparação: Misturam-se em fogo brando, 20 grs. de manteiga com as 15 de farinha de trigo e deixam-se frigar durante dois a três minutos. Junta-se o leite e deixa-se ferver, mexendo-se sempre com uma colher de pau. A parte, reúnem-se a salsa picada, a manteiga restante, e vai-se juntando ao molho, pouco a pouco. Tempera-se com sal e pimenta, e junta-se com limão. ★ **CREME MARASQUINO** — Ingredientes: 200 grs. de açúcar, 1 garrafa de leite, 10 gemas, 1 cálice de licor de marasquino. ★ Preparação:

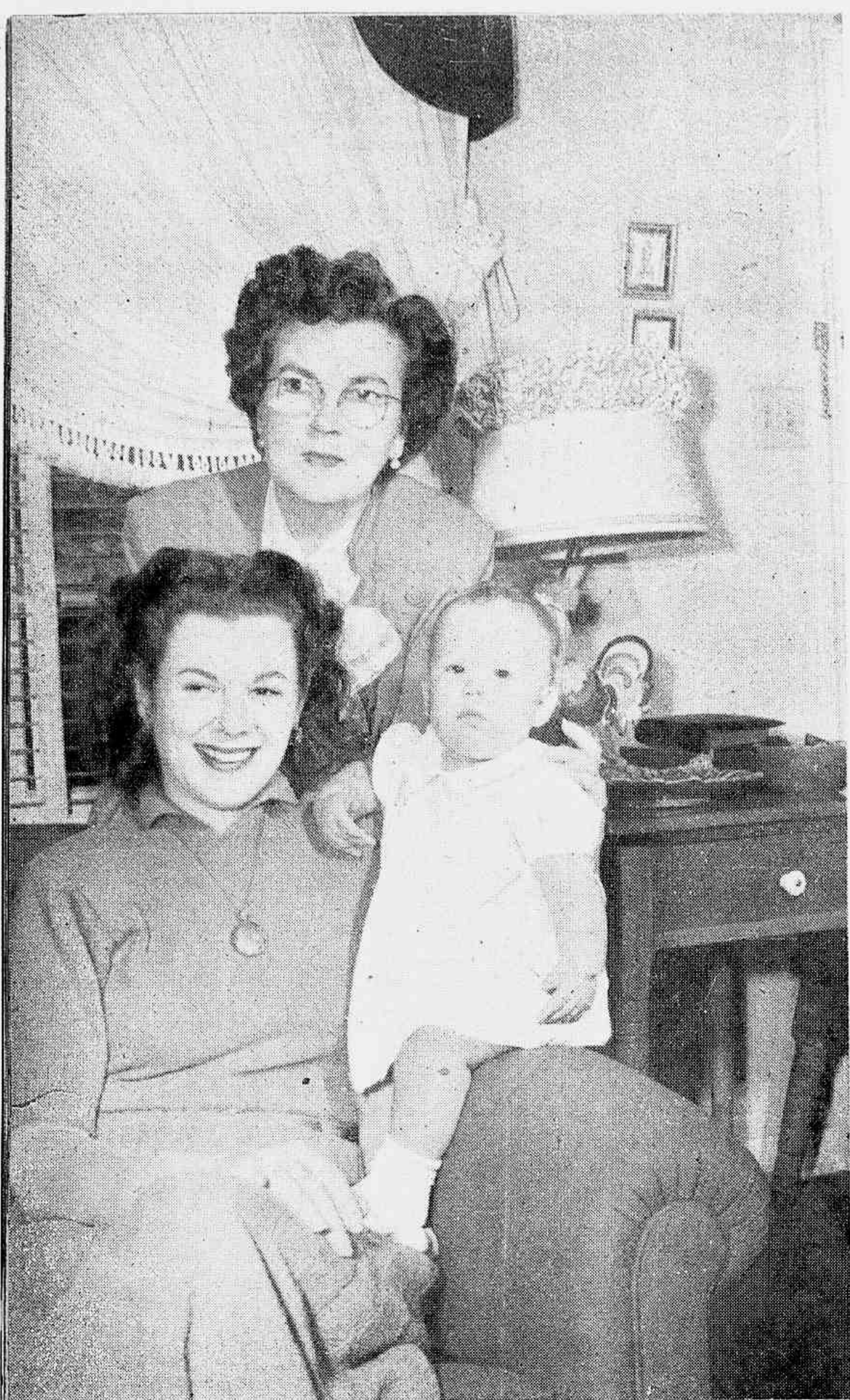


Para Jacqueline White, a cozinha é uma distração...

Põem-se o açúcar e as gemas numa vasilha, batem-se bem e em seguida junta-se-lhes o leite. Mistura-se tudo, passa-se por uma peneira, põe-se numa caçarola e leva-se ao fogo, mexendo-se sempre. Retira-se antes que ferva e passa-se novamente na peneira. Depois de completamente frio, acrescenta-se o licor. ★ **SORVETE DE DAMASCO** — Ingredientes: 1 quilo e 700 grs. de açúcar, 500 grs. de damasco, 1 litro e meio de água, caldo de dois limões. Preparação: Põem-se os damascos numa vasilha, esmagam-se com uma colher de pau, junta-se-lhes a água e deixam-se ficar de infusão durante duas horas. Findo esse tempo, passam-se por uma peneira, põe-se o caldo numa vasilha e acrescenta-se o açúcar e o caldo dos limões. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se na sorveteira e congela-se, tendo-se o cuidado de mexer de vez em quando para não endurecer.



CONSELHOS ÚTEIS — Entre às 7 e às 9 horas da manhã é que deve ser dado o banho de sol às crianças de menos de dois anos de idade. Depois disso, ela poderá permanecer na praia até às dez, mas sempre com a cabeça coberta. ★ O uso de roupas adequadas é muito importante para a criança. Roupas demais no verão, tiram a resistência natural do organismo. ★ É um erro prejudicial à própria criança, sacudi-la, quando pequenina, para “brincar”, ou para acalmá-la.



TRES GERAÇÕES: Barbara Hale, “estrêla” de Hollywood, entre sua progenitora e sua filha

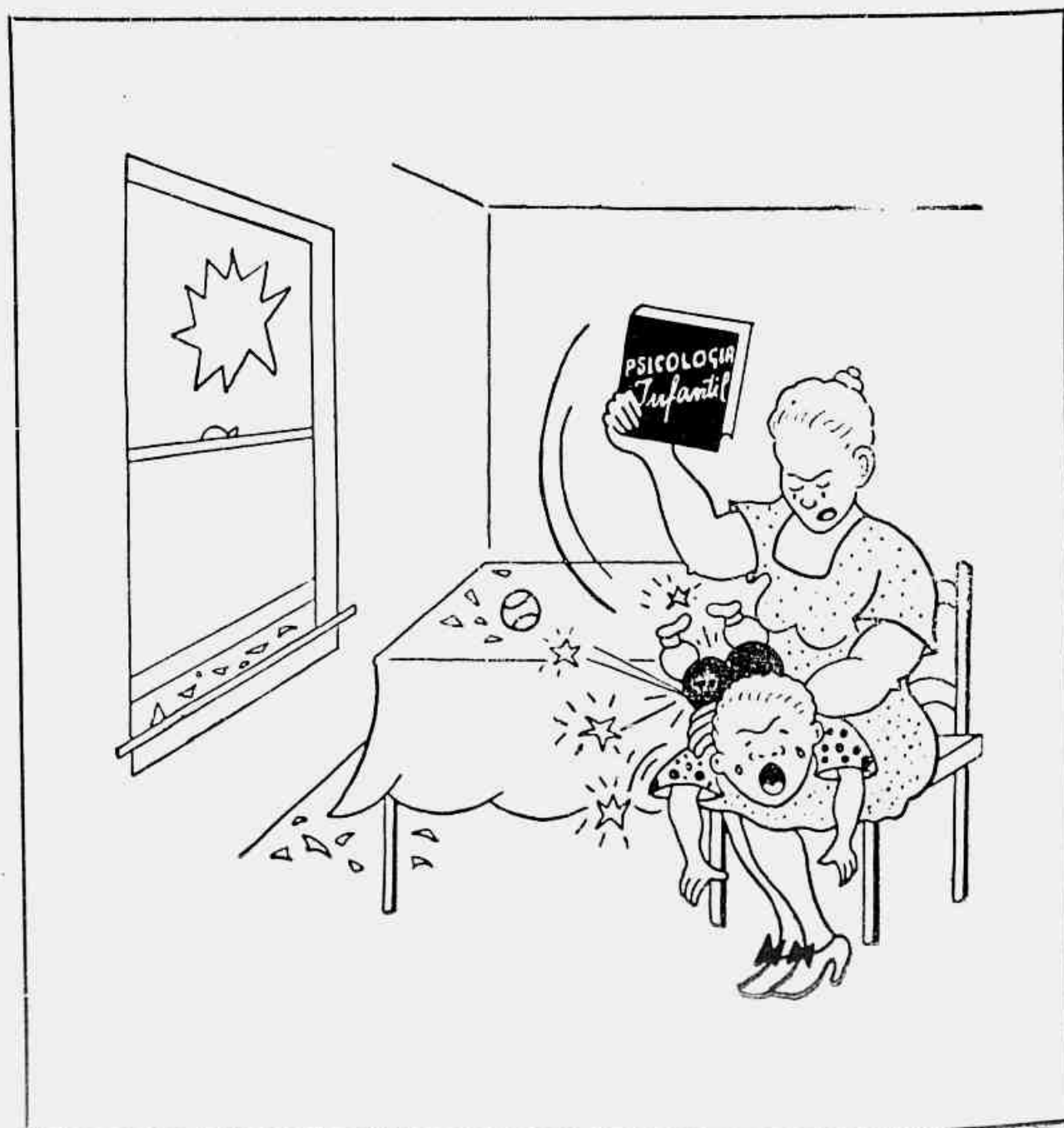
“Educar” espancando

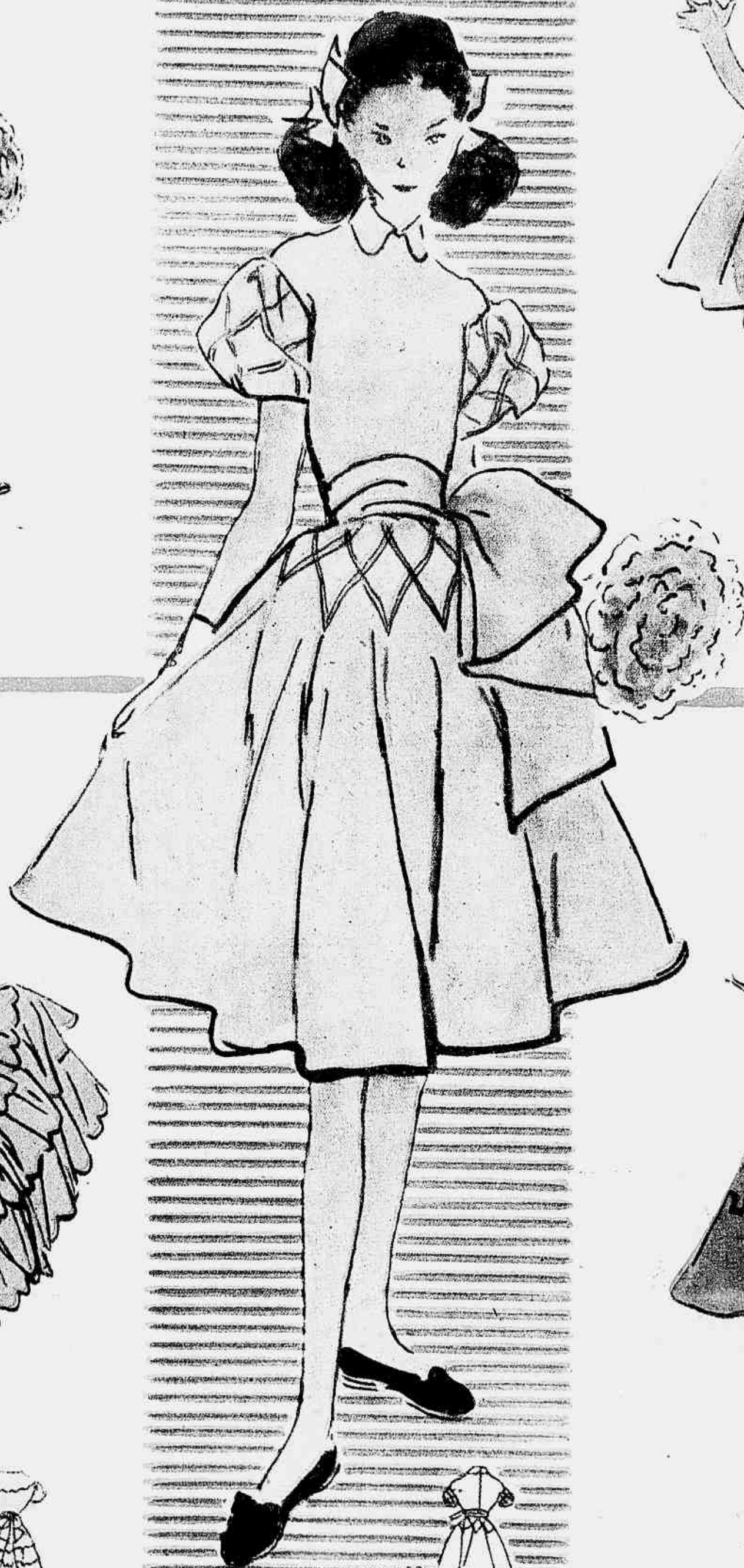
De ANAMARIA CÉLIA

TEMA por demais comentado, mas sobre o qual é necessário insistir sempre, é o da “educação” por espancamento. Infelizmente, muitos pais não compreenderam ou não tentaram compreender que a violência constitui o mais abominável dos sistemas de “educação”. Se as causas que os levam a aplicar em seus próprios filhos toda a espécie de castigos corporais, não justificam a ação, os efeitos são sempre muito piores. Criaturas que se desenvolvem num ambiente de hostilidade, só poderão ser hostis. Não há dúvida de que pesa sobre o castigo corporal a responsabilidade de um grande, um imenso número de crianças agressivas, mentirosas e infelizes. Para escapar ao castigo, a criança se vale de mil pretextos: mente e mente tanto que a mentira passa a constituir ponto vital da sua existência. Não são raros também os casos em que, odiando terrivelmente o seu agressor, a criança chega a provocar o espancamento para, com a sua passividade, demonstrar a sua indiferença pelo castigo. É uma espécie de masoquismo que os pais inconscientemente estão alimentando e, como não poderiam deixar de ser, tudo isso redun-

da em prejuízo do indivíduo. Raramente, criaturas que foram infelizes na sua meninice, deixam de sê-lo quando adultos. Daí se tornar necessário que os pais compreendam a tremenda responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros; toda a felicidade do homem de amanhã depende da felicidade da criança de hoje. Além de tudo, a aplicação da violência depõe contra a inteligência dos pais, pois é uma demonstração de que não possuem elementos que tornem possível uma argumentação lógica que possa mostrar à criança o seu erro, quando esse erro

existe. Muitas vezes, trata-se de criaturas que foram espancadas na sua infância e que resolvem então “desforrar” nos seus próprios filhos! Isto é simplesmente monstruoso! Aqueles que, quando crianças, sofreram castigos corporais, que sentiram toda a injustiça de que foram vítimas e se rebelaram contra sistema tão aviltante, devem, mais do que quaisquer outras, evitar que o mesmo se repita com relação aos seus filhos. Em resumo, a pancada humilha, avilta e revolta, mas não corrige. Erram criminalmente aqueles que insistem nesse sistema de “educação”.



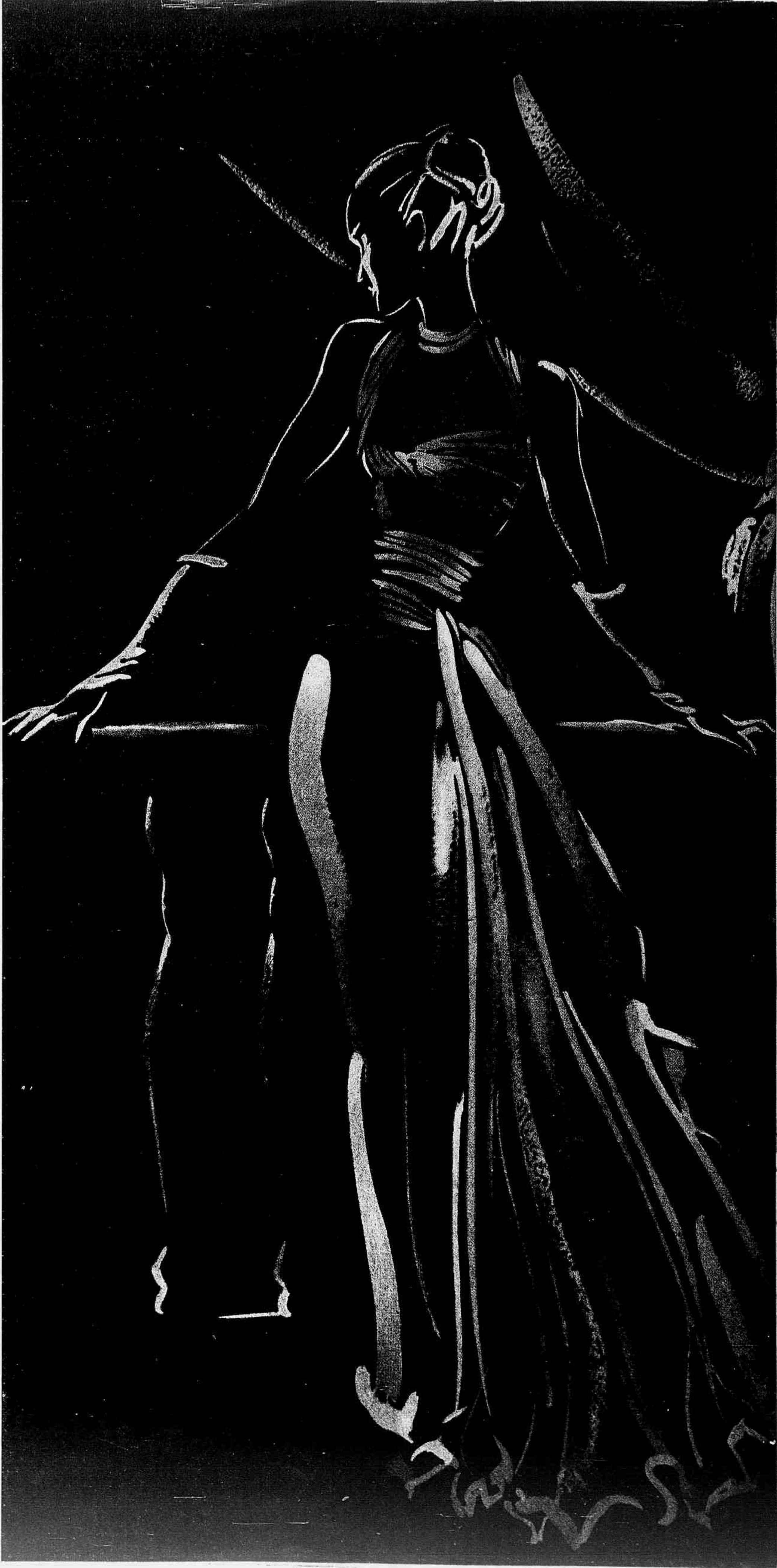
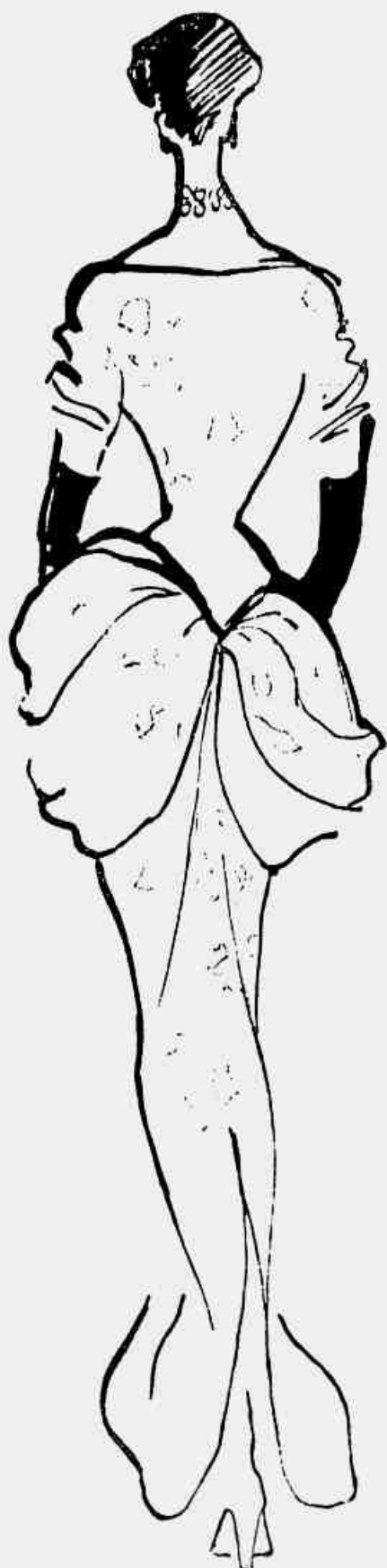


Festa

As nossas crianças também têm os seus trajes **habillés**, com os quais vão às festas dos seus amiguinhos ou comemoram as suas próprias datas. Os modelos desta página são adequados a esse fim, inegavelmente, graciosos e encantadores

Para noite exibimos nestas páginas as mais recentes criações de Paris, da esquerda para a direita: Grande modelo em seda estampada. Manto drapeado saindo atrás do decote. Criação de Jean Dessés. De Carven, modelo em *faille* preto. Banda drapeada sobre os quadris, caindo em ponta atrás. Bordado também branco, na saia. Madeleine Vramant criou este modelo para a noite, com drapeados nos ombros, decote e cintura





Maria do Ahú



MUITAS vezes me lembra a Maria do Ahú, que ainda conheci. Viveu em Retorta, aldeia ou sítio na margem esquerda do Ave, quase em frente de Villa do Conde. Aí se conhece a história que lhes vou contar. Não digo que seja muito divertida; nem muito palpitante, embora um pouco estranha. Mas quase todas as histórias são mais ou menos assim.

O pai de Maria era um pobre cabouqueiro que trabalhava de vez em vez, se embebedava quando podia, e não tinha o que se diz mau fundo. Acabara por ficar viúvo com dois gândulos e cachopita.

Criados aqueles, mortos dois, a cachopita nascera quando já se não esperavam mais filhos. De aí não terem grandes manifestações de regozijo saudado a sua entrada no mundo. Ao ser-lhe apresentada a recém-nascida, a mãe dissera:

— Escusava-se cá este emplastro!

Era uma triste mulher azeda pela miséria, o vinho do marido, as dores no baço, os nascimentos e mortes dos filhos, o trabalho contínuo. O pai mais ou menos estava formulando consigo opinião idêntica à da consorte. Acabou por ter um algar de ombros e um movimento do queixo, como quem aventa qualquer coisa ao destino:

— Há de se criar p'r'aí...

E criou. Mas era uma rapariguita escanzelada, esverdeada, olheirenta, muito mexida não obstante, e com grandes olhos inquietos, ao mesmo tempo assustados e como sófregos, ao fundo do bioco sempre repuxado à frente da testa. Sim, esta era uma sua santa mania! Fosse ele um velho lenço, um bocado de challe, uma roda de saia róta, fosse o que fosse, sempre Maria havia de trazer qualquer coisa pela cabeça, puxada para diante, achegada à cara, — e os olhos salientes a escabulhar lá dentro. A mão esquerda prendia o capuz sob o queixo, muitas vezes por cima da boca; e a esquerda é que varria, é que esfregava, é que arrastava, é que arrumava, é que fazia todo o serviço: aliás serviço de pobre, que não exige grandes apuros de higiene. Quando, muito raramente, lhe eram indispensáveis as mãos ambas, dava um nó no lenço, ou quer que fosse, por baixo do nariz. Tens dores de dentes? — perguntavam-lhe ironicamente. Abanava a cabeça com energia, a responder que não. A mãe dissera-lhe uma vez:

— Oh, mulher, que nem te posso ver! Pareces uma Maria do Ahú...

E, tendo-lhe vindo tal figuração à idéia, repetia muitas vezes:

— Não é que és mesmo uma Maria do Ahú!

Olhava-a com amargor e desprêso, desgostosa daquele seu último rebento. Mentalmente, repetia a frase que logo lhe saíra no dia em que se aliviara: — “Escusava-se cá este emplastro!”

E assim ficou a Maria do Ahú. As Marias do Ahú estavam pintadas em painés, nos altares, ou faziam parte do figurado nas procissões da Semana Santa. Era, na mitologia do povo, as bantas mulheres que, chorosas e encolhidas nos mantos, acompanhavam a paixão e morte de Cristo. Talvez por isso, Maria não desgostou de ficar a Maria do Ahú. Dava perfeitamente por esse nome, e até só pelo apelido: — O' Ahú...!

Algumas vezes ainda quis a mãe, aos domingos, torná-la mais apresentável.

— E's a vergonha da minha cara, desinfeliz!

— Da nossa! — corrigia sarcásticamente o pai.

Dava-lhe o vinho, geralmente, para encarar o mundo e os seres dum ponto de vista sarcástico.

— Toda a gente faz escárnio de ti... — continuava a mãe. Arrancava-lhe o bioco, lavava-lhe o rosto, passava-lhe o pente nos cabelos rijados. Afinal, não era feia que metesse medo! E mandava-a p'ra porta da rua, ou passear com as mais. Nem as mais, porém, faziam grande empenho na sua companhia, nem Maria do Ahú na delas. Errava pelos cantos e congostas; e voltava com a cara encafudada nas mãos, a maldita!, como se não tivera cara que pudesse andar à mostra, ou sofrera de moléstia ruim! Diziam-lhe então uma palavra, desfazia-se em choro. Acabaram por abandoná-la. A rapariga tinha aduela de menos.

— Deixem essa castanha pilada no saco! — disse o pai.

E mais ou menos ficou assente por todos: a garota não era certa, coitadinha! “Faltavam-lhe telhas no telhado”. Mas como trabalhava, trabalhava que nem moira, fazia recados a toda a gente, parecia ter gosto em ser criada de quem quer que fosse, quem a não estimaria? E quem quer se servia dela:

— Maria do Ahú, vais-me ali ao Zé Manco?

— Maria do Ahú, viste o meu Neca? Vais promurar-mo, vais?

— Maria do Ahú, custava-te ir buscar-me uma pinga de água?

E Maria do Ahú num foguete, as baquetas das pernas zumba que zumba, a mão esquerda, senão ambas, prendendo o bioco, — radiante! As vezes, a mãe disparatava:

— Você é criada de todo o povo, sua palerma? Não vê que ainda fazem pouco de si?

— Não fazem, não senhora.

— Cale-se, que você não entende nada! E aí! não sai de aí! Vão mandar as filhas delas, ora as fidalgas de...

Dizia uma palavra muito feia. E era uma negrura para Maria do Ahú: Ali sentada na arca, sem fazer nada, sem poder obsequiar!

Quando a mãe morreu, ficou a servir os pais e os irmãos. Com o sarro da velhice, da miséria, do vício, o pai ia-se tornando insuportável. Os irmãos eram rapazes exigentes e áspers, cheios de saúde, e, portanto, de brutalidades e pegas. Pai e irmãos pensavam que ela nascera para sua escrava; e ela pensava exatamente o mesmo. As vezes, brigavam uns com os outros: ora irmão com irmão, ora filhos com pai. Maria intrometia-se a querer pacificar — e era o pandeiro da festa.

Repartia ainda os seus cuidados pelos animais sem dono, para quem guardava os restos das suas magras refeições. Cães e gatos mais ou menos esqueléticos e sujos andavam sempre atrás dela. Comprava aos garotos da rua, por uma còdea de brôa, os passarinhos que tinham aprisionado, às vezes estropiado. E bem se enganara quem lamentara Maria do Ahú! Era feliz assim.

Por esse tempo se deu um curioso episódio na sua vida. Como andasse, então, na flor dos seus dezoito anos, costumavam certas comadres ficarem-na a respeito de rapazes:

— Quando arranjas um namorado, Maria do Ahú?

— Vai sendo tempo, Maria do Ahú...

— Acautela-te com os moços, Maria do Ahú!...

E até alguns malandretes chegavam a cochichar-lhe coisas muito mais atrevidas.

Ora um ralaço aparecera no sítio, vagabundo sem eira nem beira, a quem chamavam o Zé Bicho por ser todo peludo e mazombo. Algumas vez veriam o Zé Bicho rentar a porta de Maria, quando esta ficava só? ou rondá-la de largo noutras ocasiões? Veriam. Começou o falatório: “Então não querem lá ver? o Zé Bicho namora a Maria do Ahú!” Falavam por galhofa, já se vê. Mas o caso é que uma tarde, indo à fonte quando já escurecia, a Josefa Marcada vira o Zé Bicho e Maria do Ahú desembocando do atalho do Cruzeiro. Estão a ver... a Josefa Marcada! Quem mais tem que se lhe ponha é que mais gosta de pôr quês nos mais. A notícia correu como bichinha de rabiar. Aquela hora, do atalho do Cruzeiro, e derretidos um no outro, os safados...! E toda a gente de roda do pobre bioco:

— Maria do Ahú, já tens o enxoval?

— Quando são os confêitos, Maria do Ahú?

— Isso é p'ra bô fim, Maria do Ahú?

Mas o mais inesperado, o que dava mais riso e, por outro lado, quase fazia impressão é que Maria parecia não ir muito fora dos ajustes! Não dizia que sim nem que não; e fazia umas divertidas gaifonas com a cabeça, escondendo mais a cara no bioco, a modos de quem, ao mesmo tempo, quere e não ousa confirmar a verdade. Só o nariz afilado vinha à tona; e os olhos buliçosos escabichavam ao fundo.

— Tu a ele mostras-lhe a cara, Maria do Ahú?

(Continua na página 54)

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

O Ensino Comercial na Paraíba

Estudo histórico de CLOVIS LIMA

Departamento de Publicidade do E. da Paraíba — João Pessoa 1948

O sr. Clovis Lima é um destes homens — e assim o assinala, no prefácio do presente livro, o sr. Celso Mariz — que vieram ao mundo para estudar e ensinar. Sempre esse cuidado, melhor talvez diríamos "essa paixão" o animou e dirigiu na vida. Já na escola, prestava aos condiscípulos menos dotados ou menos aplicados o serviço de os esclarecer, suprimindo o que lhes faltasse de faculdade compreensiva ou tendência laboriosa, com as lições particulares e prévias dos chamados "explicadores". Em todas as cidades onde funcionam grandes estabelecimentos de ensino, há alunos pobres que assim ganham a vida ou ajudam os pais a sustentá-los. Em certos casos, levam essa acumulação dos deveres de quem segue um curso com o mister de quem leciona a um grau de esforço que verdadeiramente vai ao sacrifício e ao heroísmo. Assim, porém, lhes é necessário, para poderem chegar à formatura. Certamente, e por felicidade sua, não atravessou o sr. Clovis Lima essa fase de dupla preocupação e excessiva atividade, para grangear a pão de cada dia — e o custo de compêndios e matrículas. Ensinava por vocação essencial, por amor à arte. E hoje, professor de Geografia Geral da Escola Técnica de Comércio Epitácio Pessoa e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, entregara-se a pesquisas observações e comentários como os reunidos neste volume de cento e tantas páginas, a fim de que os estudantes seus conterrâneos saibam a quem agradecer e como considerar, para dignamente a frequentar, uma escola da maior utilidade e à qual já se deve tão importante cooperação para o progresso e o engrandecimento do Estado.

Trata o primeiro capítulo das "Fontes do ensino comercial na Paraíba", começando por prestar homenagem ao presidente João Pereira de Castro Pinto, inspirador e primeiro organizador desse curso no velho Liceu Paraibano, em 1912, sendo então criadas as sete cadeiras seguintes:

Recebemos:

Atlântico, números 1 a 6 desta revista luso-brasileira, dirigida na sua nova fase por Antônio Ferro e Antônio Vieira de Mello. O n.º 6 traz grande número de gravuras — entre as quais reproduções de desenhos, quadros, estátuas — e trabalhos em prosa ou verso, de Cecília Meireles, Ascensão Ferreira, Raquel Bastos, Carvalho Filho, Antônio José Brandão, Edmundo Correia Lopes, João de Erasma Osório, etc., Lisboa, 1948.

Caderno da Bahia, revista de cultura e divulgação dirigida por Cláudio Tuiuti Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão e Wilson Rocha. Esse número que é o primeiro, inclui, por entre várias gravuras, trabalhos em prosa ou verso de Wilson Rocha, Manuel Bandeira, Darwin Brandão, Nilo Pinto, Fran Martins etc. Salvador, 1948.

Documentos dos Arquivos Portugueses que interessam ao Brasil, publicação da Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do Serviço Nacional de Informação, de Portugal. Este número, que corresponde aos meses de janeiro a maio do corrente ano, contém, parte impressa e parte em "fac-simile", a carta de Pero Vaz de Caminha, interpretada pelo sr. Jaime Cortesão.

Poesia entressonhada, algumas páginas de versos livres, da autoria de Renato José Costa Pacheco, da pretada pelo sr. Jaime Cortesão. Lisboa, 1948.

Parecer sobre o Acordo Ortográfico Inter-Acadêmico da Língua Portuguesa, da autoria de Jorge Henrique Augusto Padberg Drenkpol e aprovado pela Academia Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro, 1948.

Cadernos de Folclore — N.º 1 Poesias e Adivinhas, publicação de Departamento Estadual de Informações, Divisão de Turismo e Expansão Cultural, São Paulo, 1947.

O sr. Clovis Lima é um destes homens — e assim o assinala, no prefácio do presente livro, o sr. Celso Mariz — que vieram ao mundo para estudar e ensinar. Sempre esse cuidado, melhor talvez diríamos "essa paixão" o animou e dirigiu na vida. Já na escola, prestava aos condiscípulos menos dotados ou menos aplicados o serviço de os esclarecer, suprimindo o que lhes faltasse de faculdade compreensiva ou tendência laboriosa, com as lições particulares e prévias dos chamados "explicadores". Em todas as cidades onde funcionam grandes estabelecimentos de ensino, há alunos pobres que assim ganham a vida ou ajudam os pais a sustentá-los. Em certos casos, levam essa acumulação dos deveres de quem segue um curso com o mister de quem leciona a um grau de esforço que verdadeiramente vai ao sacrifício e ao heroísmo. Assim, porém, lhes é necessário, para poderem chegar à formatura. Certamente, e por felicidade sua, não atravessou o sr. Clovis Lima essa fase de dupla preocupação e excessiva atividade, para grangear a pão de cada dia — e o custo de compêndios e matrículas. Ensinava por vocação essencial, por amor à arte. E hoje, professor de Geografia Geral da Escola Técnica de Comércio Epitácio Pessoa e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, entregara-se a pesquisas observações e comentários como os reunidos neste volume de cento e tantas páginas, a fim de que os estudantes seus conterrâneos saibam a quem agradecer e como considerar, para dignamente a frequentar, uma escola da maior utilidade e à qual já se deve tão importante cooperação para o progresso e o engrandecimento do Estado.

test: Português, Inglês, Francês, Italiano, Geografia Comercial, Contabilidade e Direito Comercial. Relata em seguida como, não obstante a inatividade desse curso, os governos estaduais não deixaram de estimular e auxiliar, em tal sentido os empreendimentos de iniciativa particular. Recorda a fundação, em 1921, por um grupo de paraibanos, da Academia de Comércio da Paraíba, à qual mais tarde, se deu o nome de Epitácio Pessoa. Apareceram depois, diversas escolas de datilografia, entre as quais a denominada Escola Smith Premier, dirigida pela educadora Hortence Peixe, cujo curso, em razão do seu êxito foi oficializado e pelo interventor Gratuliano Brito rebatizado para Instituto Comercial João Pessoa. A Associação dos Empregados no Comércio da Paraíba, fundada em 1910, resolveu a criação da Academia de Comércio, o que se efetuou em 1921.

E o livro do sr. Clovis Lima, frequentemente enriquecido de foto-gravuras, desenvolve aquilo a que le chamou em sub-título, a "História de uma Escola", acentuando os fatos de importância que ao assunto se têm ligado até hoje.

A flauta de Lin-Tsu

Páginas de poesia em prosa, de CHIANG SING

A. Coelho Branco Filho, editor — Rio de Janeiro 1948

Uma nota liminar, assinada por S. Ex. T. K. Cheng, embaixador da China no Brasil e que antecede o breve mas excelente prefácio do sr. Austregésilo de Athayde, revela ser "Chiang Sing" o pseudônimo chinês adotado pela senhorinha Glycia de Arroxellas Galvão. Sem esse aviso, tudo nos induziria a tomar a autora da *Flauta de Lin-Tsu* como nascida e criada na terra de Li T'ai-pó, tão fecunda em poetas, em letrados de toda sorte. Tiramos há pouco da estante a Antologia da Literatura Chinesa do doutor Sung Nien Hsu, graduado pela Universidade de Lyon, e mais uma vez maravilhosamente nos impressionou a quantidade de altos poetas de que se forma a primeira parte do livro. Que riqueza de sentimento e que graça de imagens nestes poemas ligeiros, muitos dos quais se reduzem a três ou quatro linhas... E que luminosa, enlevadora poesia nos excertos de romance ou de teatro como nas passagens de história gloriosa e nas sentenças de nobre filosofia... Ora, enquanto compunha a obra presente conseguiu Chiang Sing amoldar o seu temperamento e o seu espírito à arte chinesa de cultivar, quer a alegria, quer o madrigal, e que dá a impressão de transformar os vocábulos em pétalas soltas, penas e plumas misturadas, luzes de todos os matizes, inebriantes perfumes, vozes e volutas de sonho. Não é o que se pode chamar um *tour de force*, mas um singular e vitorioso exercício da imaginação e da sensibilidade.

Eis algumas das joias — das menores e por isso mesmo mais vivas e atraentes — que a obra nos oferece:

"Ouvi o canto do rouxinol de rara plumagem que saltava inquieto de galho em galho procurando sempre um novo ninho. E... lembrei-me do teu amor.

— Se eu pudesse encontrar Lung, o dragão alado dos céus, que tem na testa a pedra que irradia as cinco cores sagradas, pedir-lhe-ia encantos para te conquistar.

— E' mais fácil as águas do mar cobrirem a sagrada montanha de Tai-Shan do que Lin-Tsu de seu amado se esquecer.

— Foi o hálito da primavera que imundou a terra ou minha jovem bem-amada que suspirou?

— Sinto-me fixado em mim, ó bem-amado, como as rijas raízes dos cheirosos cedros do Hsi-Shan, as montanhas do poente, que, com avidez vital, se entranham na profundidade da terra.

— Quando tocaste minha vida com a magia de tuas mãos, abriram-se meus poros em poemas!

— Quiz gravar "amor" no dorso rosado de uma pérola. E... teu nome escrevi.

— Quando folgas, pelo silêncio desdobram-se os olhos

de sêda e os Imortais se inclinam sobre as nuvens para melhor te escutar".

Para sermos bem sinceros, cumpre-nos observar, acerca da primeira dessas gemas poéticas, que, na China como em toda parte onde se mostra, é o rouxinol um passarinho cuja plumagem nada tem de raro ou notável. Além disso, não costuma saltar inquietamente de galho em galho, sobretudo quando canta. Tudo o mais, no livro, além do lindo deve estar certo.

No exílio

Romance de ELISA LISPECTOR

Pongetti — Rio de Janeiro 1948

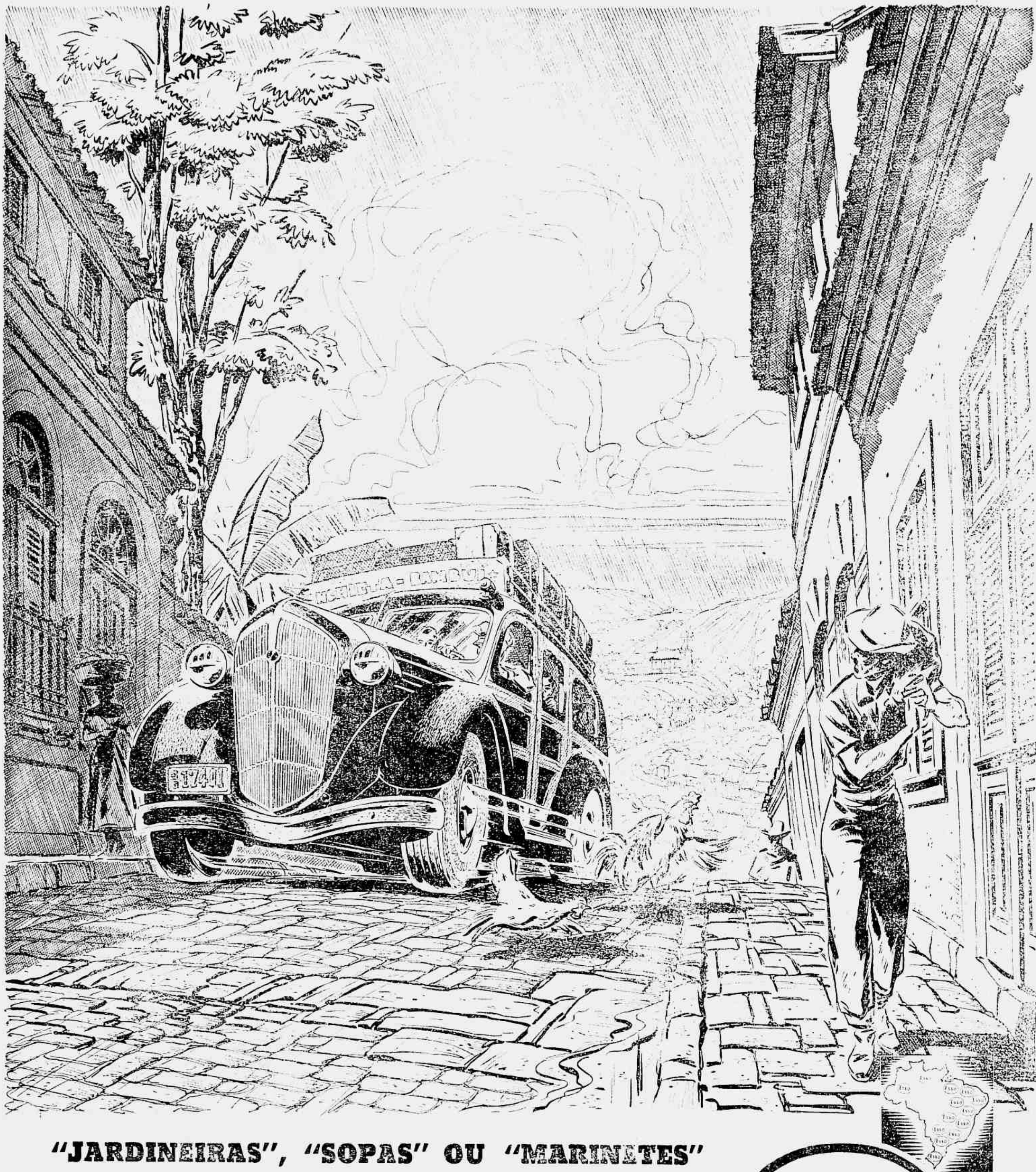
Houve quem vislumbra-se neste romance traços de auto-biografia. Sem dúvida tal suposição ou, por fim, certeza completa, partiu da feição especial dos episódios em que a ação, mais observada, que movimentada, se desenvolve. A análise é viva e penetrante; os conceitos não são apenas meditados mas também e principalmente sentidos. Daí pode vir a impressão de, na maioria destas coisas, não haver inventiva mas testemunho — este testemunho de alguém que, no meio delas, se debateu, lutou, ora desesperou, ora venceu, mas sempre "viveu" profundamente o que ao seu redor se ia passando. Tudo tem um caráter intenso, pessoal. Além disso, a sra. Elisa Lispector conhece a fundo os costumes e as tradições como, em geral, a mentalidade e o temperamento do povo a cuja odisséia nos faz assistir, e na qual vemos alguns personagens destacando-se em cada aventura, outros que seguem aqueles como as ovelhas acompanham o pastor para onde quer que se encaminhe, e, atrás ainda ou em torno, a multidão perseguida, ameaçada cada vez de mais perto, sem saber se há de combater ou fugir e rezando fervorosamente no sentido de obter a inspiração salvadora...

Desse preparo amplo e minucioso para o assunto a tratar resulta, por vezes, certo abuso de terminologia que torna a narrativa arvezada, além de pedantesca, e que de todo a obscureceria se não viessem, ao fim das páginas, os vocábulos mais ou menos correspondentes na nossa língua. Assim estas três linhas sobrecarregadas de grifos: "Não pude arranjar nada que pudesse servir de *karbanot* nem de *charoçot*. Só consegui *chreim* para o *maror*". Está claro que daí provém para o leitor alguma vantagem e não pequena: a de ficar sabendo — sobretudo se tem excelente memória — como, por exemplo, se designa em *yiddish* ou em russo, um sacerdote, um fugitivo, uma colônia, uma chaleira ou bule de chá. O glossário disseminado pelo volume nos dá de conhecer os significados em português dos termos: *telega*, carro para transporte de mercadoria; *nagaica*, chicote dos cossacos; *tsitsis*, franjas do cinto ritual; *bjeschentzy*, fugitivos; *mushik* (dizíamos *mujik*) camponês russo; *melammed*, mestre de hebraico; *ieixiva*, seminário; *barine* e *isba* (também já nossos conhecidos) proprietário agrícola e cabana; *ivan*, não judeu; *tschainik*, chaleira, etc etc

Há no livro quadros largos ou trechos descritivos de veemente poder impressionista:

"Cidade fantasma, aquela! Cinza! Parecia que toda a cinza do mundo havia sido despejada ali. No entanto, o ar era limpo. O que dava o aspecto quilverizado e pegaloso de cinza eram as casas, eram os homens, eram as vestes dos homens, a sua tez, os seus cabelos, os seus olhos, — tristes olhos sem imagens e sem brilho".

A sra. Lispector dispõe de qualidades e recursos preciosos na carreira de romancista. A sua maneira é direta e aguda, com imagens palpitantes, vigoroso cunho individual. Quando deixar de usar expressões impróprias ou irregulares, tais como: "energias *relassadas*... palavras que foram arremetidas contra as nuvens... *intrometendo-lhe* a pequenina entre as mãos"... isto é: quando conhecer melhor a nossa gramática e um pouco mais o nosso dicionário, poderá ser, em português também, uma escritora de alta classe.



"JARDINEIRAS", "SOPAS" OU "MARINETES"

O povo crismou de nomes pitorescos os modestos ônibus do interior: "Jardineiras", "Sopas", "Marinetes" e até "Peruas". Isto em nada exclui o reconhecimento público pelas pequenas organizações anônimas que, possuindo um, dois, três ou poucos mais ônibus, servem às cidades e vilarejos de todo este imenso país, completando de maneira quase heroica — por estradas ainda não perfeitas — o sistema de transportes regionais.

No futuro, quando se contar a história do moderno desenvolvimento de muitas regiões brasileiras, alguém há de se lembrar do papel pioneiro que os pequenos ônibus têm representado.

E para esse capítulo, a Standard Oil tem o prazer de dar este seu depoimento público, honrando-se também de vir servindo seus produtos a milhares desses modestos veículos em todo o país.



Milhares de carros, caminhões ou ônibus que atravessam os mares do Brasil e de todo o interior, não poderiam em todo o país pelo Serviço Esso de Lubrificação, que os roupa de desgaste, para novas jornadas.

★
Trabalhando com Esso, Brasilafora.

★ STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL ★

McCam

NO CORAÇÃO DO OESTE

ESTRANHA cena de paz e tranquilidade se descobre aos olhos dos viajantes quando o sol nascente se derrama sobre o vale de High Sierras. Alguns cavalos, de uma carroça sem condutores, pastavam calmamente na relva da montanha. Dois outros, devidamente arreados, também se viam sem os respectivos cavaleiros. Mais além, espalhados ao léu e estendidos ao solo à beira da estrada, com suas roupas rasgadas, seus revólveres e rifles ao abandono, suas mochilas vazias, os corpos de dois soldados denunciavam uma tragédia ocorrida na noite anterior. O sol glorioso se levanta cada vez mais, inundando o vale de luz, enquanto a brisa das montanhas sopra mais forte, espalhando poeira sobre os uniformes ensanguentados, como se tentasse ocultar o crime de salteadores.

★

Ao cair da noite daquele verão, a diligência trouxe a Rock Pass uma cara nova. Rock Pass era uma dessas típicas cidadezinhas do oeste na época do descobrimento do ouro, com suas ruas sem calçamentos, enlameadas quando chovia e empoeiradas se fazia sol. Diante do novato, todos aqueles desocupados e bulhentos começaram a olhá-lo como quem procura examinar bem os recém-chegados. O cara novo aparentava certa linha de finura pessoal, era jovem e belo, seu trajar se distinguia pela perfeição do talhe e sua maneiras eram de gente educada. Talvez algum desses finos aventureiros e jogadores trapaceiros que vêm de S. Francisco, — eis o que muitos pensaram, — para tentar sorte nestes desertos. Mas nós lhe ensinaremos, cochichavam os valentões da terra. Tinham seus planos para "amansá-lo" nas mãos do perigoso Charlie, do trapaceiro jogador de dados Prince e do arruaceiro e malvado Mick, habituado a quebrar ossos dos que resistissem à turma.

No hotel o adventício escreveu o nome no registro: John Haven.

O empregado pediu que indicasse também de onde vinha.

— Vem do Arizona, não? — indagou.

— Não. — E Haven sorriu gostosamente, acrescentando: — Sempre evito dizer para onde vou e de onde venho. E ganho na certa.

Haven deixou sua bagagem no hotel e saiu a dar umas voltas pela cidade, indo até o estabelecimento de Charlie, cuja fachada era uma festa de luz. Empurrou a porta e entrou. Aparentava maneiras despreocupadas, mas seus olhos não perdiam nenhum detalhe do meio e das pessoas que o frequentavam. Olhava e raciocinava: por onde deverei começar? Reparou naqueles bulhentos fregueses que bebiam junto ao balcão do bar e nos que jogavam em torno das mesas. Pelos trajes e atitudes reconheceu que eram todos garimpeiros, exploradores do solo e alguns comerciantes.

— Poderia ter sido um desses... — pensou. — A multidão bebia, jogava, divertia-se. Uma jovem baixinha, com seu vestido exíguo e escandaloso, aproximou-se mais e dirigiu a Haven um olhar langoroso. Mas ele não lhe deu muita atenção.

Aproximou-se de uma das mesas em que jogavam dados e se colocou a um canto, disposto a fazer parada. Lançou os dados e ganhou espetacularmente. Tornou a arremessar os dados e mais uma vez ganhou, raspando a mesa diante da estupefação dos circunstantes. Ergueu-se então e foi ao bar, não dando ouvidos aos provocadores que excitavam luta. Mas mal se distanciava quando irrompeu por detrás dele um conflito. Voltou-se e viu um forte homem, que percebeu chamar-se. "Big Mick", agarrar os dois homens que estavam a discutir e, com a força de um gigante, marretar-lhes as cabeças uma contra a outra e ir depois jogá-los ao meio da rua. Mas Haven não deu maior atenção à briga. Ele agora apreciava uma jovem que acabava de sentar-se ao piano e começara a cantar. A atitude daquela moça lhe chamou a atenção. Era muito bonita e dava a parecer que cantava meio alheia àquele ambiente, como se estivesse com a alma muito distante, pouco lhe interessando se estivessem a ouvi-la ou não. Percebeu que estava sendo admirada pelos olhares de Haven. Sorriu com certo desdém e se encaminhou para os lados de uma mesa onde um trapacista magro executava seus passes de jogo com os dados. Haven sorriu e pediu mais um trago. Neste momento sentiu que lhe punham a mão no ombro.

— Queira desculpar-me, mas o amigo é novato neste lugar, não é isso?

Um jovem que, pela farda, parecia pertencer ao exército, acabava de lhe dirigir a palavra.

— Sou novato em qualquer lugar — respondeu Haven.

— Procura trabalho?

Haven olhou-o um tanto aborrecido com a impertinência.

— Ouça, soldado. Sei dar resposta a essas perguntas. E procurei dar à voz a mesma tonalidade com que lhe perguntara o oficial, que sugeriu: "Por que não vai servir no exército?". Olhou desdenhosamente para a insígnia que o militar usava e concluiu com entonação de mofa: — Só porque já sou um segundo-tenente!...

O tenente se perfilou. Fez-se silêncio no bar em face da possibilidade de uma luta entre o militar e aquele desconhecido. Big Mick saltou como um gorila e se postou atrás deles. Mas o militar procurou controlar-se, honrando sua dignidade de oficial do exército. Com um gesto no olhar, convidou Haven para sair e confirmar lá fora o que dissera. A jovem sentada à mesa do jogo procurou impedir a saída dos dois e, com um riso de desprezo para Haven, gritou:

— Queremos aqui o tenente!

— Não há necessidade de voltar — disse Haven. — Mas tenho receio de ter ainda que voltar aqui — declarou com gesto ousado. Antes de sair ainda disse à jovem: — Gosto da maneira pela qual você canta...

Lá fora já o oficial o esperava. Quando viu Haven, começou a andar rua a fora. O forasteiro o seguiu até alcançarem uma casa um tanto afastada da cidade. Quando chegaram, a porta lhes foi aberta por uma mulher sem maiores formalidades. A curiosidade de Haven crescia. Depois se achou em um elegante salão de estar, defrontando-se com um robusto oficial de cavalaria cujos galões de capitão fulguravam na gola da túnica.

— Apresento-lhe o capitão Iles, comandante deste posto — disse o tenente com uma reverência. — Aqui, sr. Haven, é a sra. Caslon. Este é o sr. Haven.

Quando os cumprimentos foram trocados entre o visitante e os apresentados, o tenente riu.

— Nosso encontro foi interessante, capitão. Imagine que o sr. Haven esteve a ponto de meter-se em brigas.

O capitão lamentou o ocorrido e examinou as credenciais que o visitante lhe apresentou.

— Vejo que está trabalhando sob ordens secretas. Todos estes sinais são característicos do Departamento de Informação Militar. — Depois, fitou-o e tornou: — Por que o mandaram até aqui?

— Por causa do assassinio de dois soldados.

— Mas julgam lá que eu não liguei nenhuma importância a esse crime?

Haven notou o ressentimento do comandante; mas fingiu nada ter percebido. Sabia que estava metido num jogo perigoso. E tornou:

— Eles sabem apenas que o senhor nada fez. E, enquanto o capitão espumava de raiva, Haven continuou: — Qualquer coisa estranha está acontecendo com os embarques de ouro. Ninguém consegue chegar em paz. O senhor procurou dar providências e falhou, como se prova com a morte dos dois soldados. O Departamento Militar deseja, pois, saber quem os matou.

— Sr. Haven, — retornou o capitão, — não quero saber como o senhor está planejando



(STATION WEST)

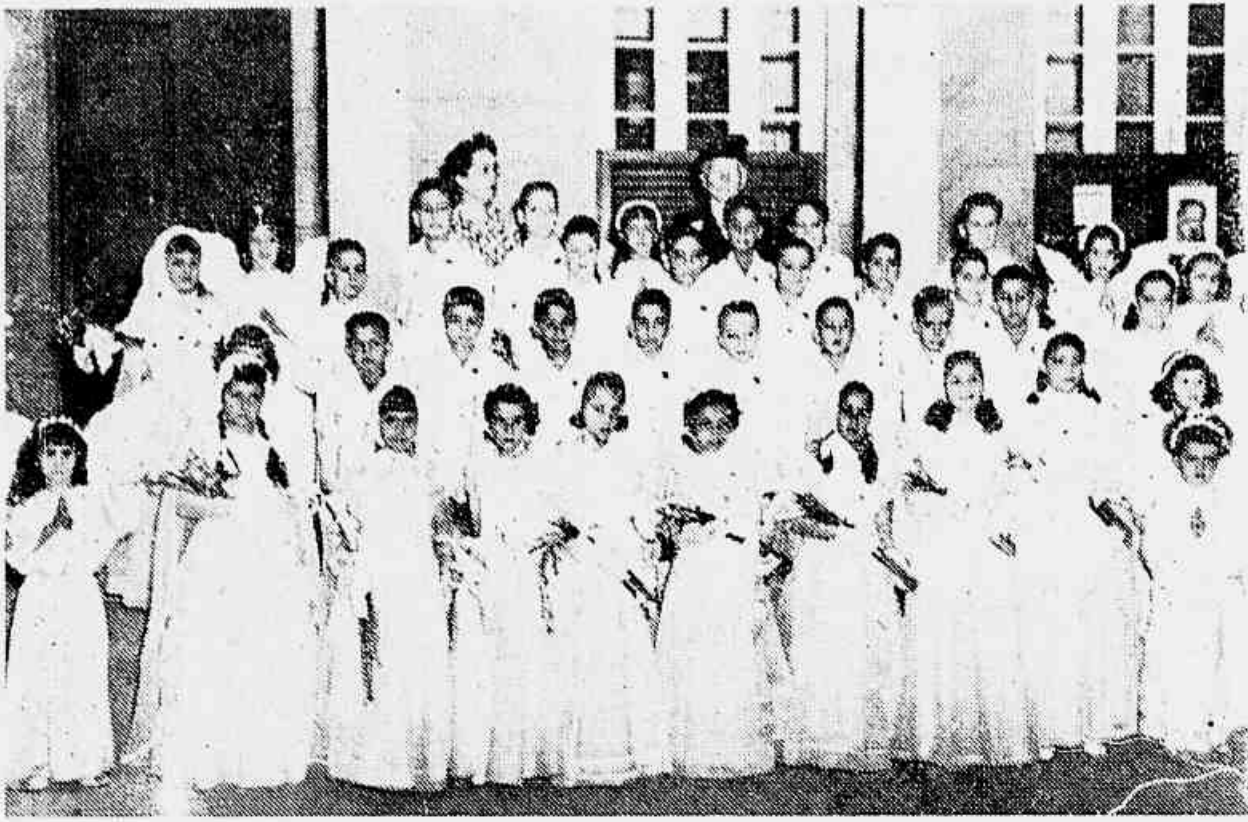
Filme da RKO-Radio. Produção de Robert Sparks. Direção de Sidney Lanfield

John Haven	DICK POWELL
Charlie	JANE GREER
Mary Caslon	AGNES MOOREHEAD
Prince	GORDON OLIVER
Big Mick	"BIG BOY" WILLIAMS
Mark Bristow	RAYMOND BURN
Jim Goddard	REGIS TOOMEY
Captain Iles	TOM POWERS
Tenente Steelman	STEVE BRODIE

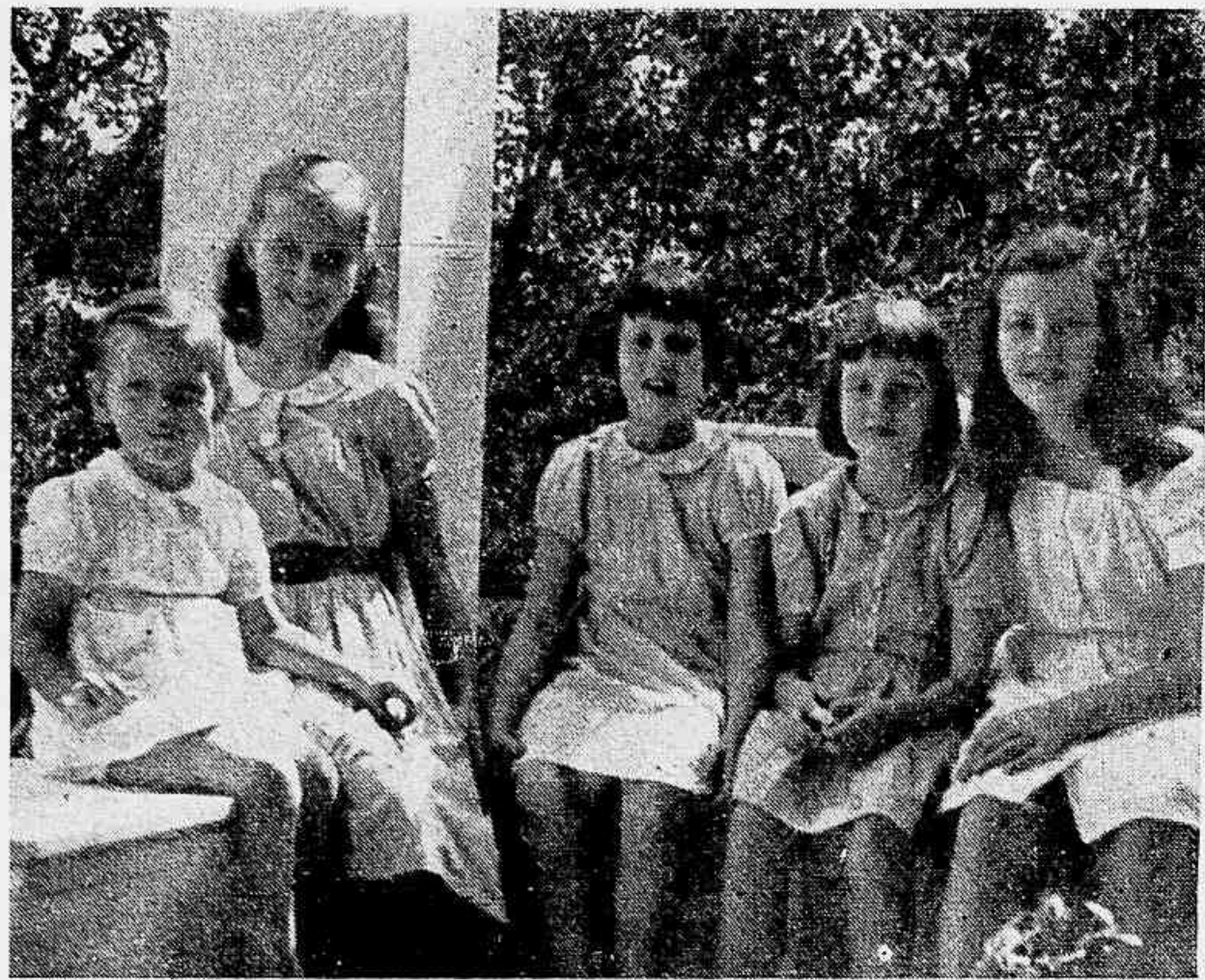
sua tarefa; entretanto posso asseverar-lhe que está o senhor metido num assunto muito perigoso, do qual poderá resultar o seu assassinio.

— O capitão vai saber como vou agir — respondeu enquanto olhava para a sra. Caslon, que, conforme já descobrira, era proprietária de uma mina.

Pela frieza a que chegou sua conversa por parte do capitão, concluiu Haven que sua luta com o mesmo e seus aliados estava definida. Seja feita a vontade deles, pensou. Era um homem habituado a lutar sozinho, mesmo contra um bando. E não era agora que teria de modificar a natureza.



PRIMEIRA COMUNHÃO — Grupo tomado na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, nesta capital, no dia 2 do corrente, vendo-se todos os alunos do Colégio Fontainha após a cerimônia da primeira comunhão que lhes foi ministrada pelo cônego João da Motta e Albuquerque. Na gravura aparecem as sras. José Fontainha e Francisca Motta e Albuquerque



CRIANÇAS — Hervé, Françoise, Dominique, Chantal e Jacqueline, os galantes filhos da casal sr. Jacques Renout e sra. Alva Renout



FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO — Com a presença de grande número de cronistas esportivos e sócios da A.C.D. e da A.B.I., realizou-se, no dia 24 de setembro último, um almoço de expressiva significação para a crônica escrita e falada da capital da República, que congregou elementos de relevo da crônica especializada da Metrópole, de turfe, de futebol, de basquetebol, de remo e natação, e, ainda, com a presença do sr. Brício Filho, sócio "número 1" da A.B.I., e de dois conselheiros, srs. Santos Melo e Satyro Rocha. No clichê aparece o sr. Célso de Barros, presidente da Federação da Associação de Cronistas do Brasil e Associação de Cronistas Desportivos

Seu faro de caçador levou-o novamente ao bar de Charlie, procurando acercar-se daquela petulante jovem que agora estava sozinha numa das mesas. Ao vê-lo olhou-o com certo espanto.

— Acho melhor que o senhor vá procurar outra mulher — disse-lhe com firmeza.

— Não, não é preciso. — Olhou-a. Ela estava com os olhos em Big Mick que parecia não perder um gesto do recém-chegado.

— Quem é Charlie? — indagou.

— Ninguém... Aquê ali é Prince; mas veja o gigantesco Big Mick. Ele diz sempre que os estranhos não devem amolar-me.

— Mas eu não sou um estranho. Não preciso passar por estranho. Posso ser o seu primo... O primo John, um missionário a caminho da China...

Os homens se acercaram da mesa. Prince cochilava por detrás da jovem; mas Big Mick parecia desconfiado.

— Quem é ele? — perguntou arrogantemente à moça com quem Haven conversava. Haven parecia perceber que alguma traição estava sendo preparada às suas costas.

Já se dispunha à luta quando a moça respondeu:

— Mick, este aqui é meu primo João.

Haven respirou aliviado, enquanto ela acrescentava com voz fraca:

— Apenas é que eu não o conhecera antes...

Foi a conta. A Big Mick não passou desaperecebido que aquela história do primo John não passava de simulação e avançou para Haven, como se estivesse cego de rancor. Houve socos e Haven acertou violento murcho no queixo do gigante. Todo mundo entrou na luta e a confusão se propagou. Braços se ergueram furiosamente naquele tumulto de ensurdecer. Haven fazia prodígio de força e agilidade para dominar Big Mick, até que se viu jogado à rua. Nesse instante vozes gritaram:

— Mata-o, Mick!

Então Haven se viu perdido e adivinhou o futuro que o aguardava. Aquê homem terrível avançava para ele como um touro enfurecido. Mas Haven se preparou para a outra fase da luta. E novamente os dois corpos se confundiram numa batalha de morte. O sangue esguichava dos lábios e do nariz. Os golpes que aquê gorila tentava dar pareciam calculados para arrebentar a espinha dorsal de Haven. Mas o militar não se rendia e, aplicando seus conhecimentos de luta corpo a corpo, recorreu a vários estratagemas para livrar-se dos golpes de Mick e vencê-lo, por fim. Tomando certa distância, Haven conseguiu aplicar na cara de Mick violentos socos, alguns dos quais lhe atingiram o estômago. Caiu ao chão. Haven também estava exausto. Mal conseguiu erguer-se e, entre os que apreciavam a luta, seguiu em silêncio em direção do hotel.

Estava arrasado. Seu quarto estava às escuras e ele meditava sobre o que tinha feito e começava a sentir dores nos punhos e por todo o corpo. Ouviu abrir a porta.

— Como se sente? — perguntou a jovem.

— Como um milhão de dólares — respondeu ele com um sorriso amargo.

Ela tomou de uma toalha, molhou-a e veio pensar-lhe os ferimentos da face. Seus dedos estavam frios e firmes naquele trabalho; mas, logo depois, sentiu que tremiam. Quando suas mãos começaram a enxugar-lhe as faces com carinho, toda aquela estranha atenção que Haven sentira por ela voltou naquele instante. Tive desejos de tomá-la nos braços; mas se lembrou que, fazia poucos minutos, ela o precipitou naquele barulho. Mas ainda perguntou:

— Você sempre costuma tratar assim tão meigamente os homens que brigam por sua causa?

— Sim, mas somente dos vencedores. — E com voz imperiosa: — Você fala de mais. E ali esteve até que Haven, vencido pela fadiga, começou a dormir.

No dia seguinte ele despertou ainda muito cedo e viu o quanto ela o tinha protegido com aquê tratamento.

O assunto do dia em Rock Pass era a vitória de Haven sobre o invencível Big Mick. Dirigindo-se ao bar, quando indagou onde estava Charlie, o chefe da casa, todo mundo desejou ser-lhe gentil e indicou o andar superior, onde estava o escritório do "saloon".

— O senhor deseja ver-me? — Diz ela com um sorriso amável.

— Disseram-me que Charlie... — Haven se deteve reconhecendo sua situação, mas percebendo a história daquele "Charlie". E continuou: — Então, é você...? Eu deveria ter adivinhado. — E prosseguiu como se fosse um caçador diante da presa: — Como conseguiu esse nome?

— Charlene.

— Gosto mais do outro. — E olhando para o escritório: — Como conseguiu tanto móvel interessante, tapetes e esses quadros à parede?

— Conheci uma vez um jogador, meu pai, de quem aprendi uma coisa: é que devemos aproveitar sempre as boas oportunidades e conseguir dos homens aquilo que nos podem dar nos momentos precisos.

— De modo que...

— Além de outras propriedades, também tenho uma linha de transportes, mas é um pesadelo.

— Por que?

— Os bandidos. O dinheiro estava nos embarques. Agora ninguém quer embarcar o ouro...

— Eu topo a parada. — E sorriu, ao dizer: — É a primeira vez que trabalho para uma mulher.

— Quer dizer que vai agir?

— Quero dizer que vou trabalhar e receberei uma comissão sobre todo o ouro que eu conseguir.

E no cercado em que guardavam os carros, quando Haven foi ver os velhos veículos, um condutor que manqueava veio até ele e se apresentou como Jim Goddard.

— Que lhe aconteceu? — indagou Haven.

— Em minha última viagem levei um balão.

— E você quer ver ainda quem o assaltou?

— Estou louco para isso. — E aquê homem tinha na voz a expressão do ódio.

Entretanto a atenção de Haven se dirigiu para um pequeno veículo com um cavalo seguro pelas mãos de um negro ainda jovem.

— Isto é para a senhorita Charlie passear — explicou o negrinho mostrando uma dentadura alva e entregando as rédeas do veículo quando Haven pulou sobre o assento.

Nesse momento Charlie apareceu metida em aprazível vestido, parecendo a Haven que aquela não poderia ser a outra que já conhecia, tão bonita e diferente estava. Ela ia ter uma conversa com Mark Bristow, um advogado de Rock Pass. Ele estava devendo seis mil dólares e ela desejava dizer-lhe que era o momento de pagar. Mais tarde, quando no mesmo carro passeavam sobre as colinas batidas pelo vento e olhavam a beleza natural de um riacho a despenhar-se, pareceu a Haven que aquela cara do advogado não lhe era estranha. Charlie então pensou em organizar com ele um meio de descobrir alguma coisa. Deixaram o carrinho e foram compor um romance diante da natureza. Estavam nesse enléo quando ela lhe diz:

— Você acha que alguma mulher poderia invejar-me? — E ela mesma respondeu: — Não sou nada atraente... nem uma criatura boa.

— Ninguém é bom — consou Haven. Levantou-se e a suspendeu pelos braços, a sorrir. Depois pilheriou:

— Era o justo momento agora de você escorregar, Charlie, e então eu a beijaria. — Mas não houve esse motivo.

Ao dizer isso, foi Haven quem escorregou e ia caindo, quando coube a Charlie ampará-lo em seus braços. E ela o beijou apaixonadamente. Mas de súbito ela se refez. Quando Haven voltou ao seu quarto no hotel, depois daquele passeio, notou que todos os seus pertences tinham desaparecido, inclusive sua mala de viagem.

Mas tudo isso tinha sido feito por Charlie, que alegremente lhe dizia da janela de seu escritório que mudara os seus pertences para um melhor quarto do hotel. Mas Haven queria ficar mesmo no outro e lhe perguntou quando ela ia devolver-lhe a бага-

gem, Charlie ficou contrariada e não pôde ocultar todo o seu despeito, saindo abruptamente da janela.

Mas Haven tinha seus planos e, por isso, dispensou toda aquela amabilidade de Charlie. Ele estava decidido a sair naquela mesma noite com a diligência e propôs à senhora Caslon para conduzir todo o seu ouro.

— Mas não acha o senhor que devemos antes falar ao capitão Iles?... — perguntou ela meio assombrada.

— A senhora sabe perfeitamente o que ele diria. Diria que isso era perder tempo e pôr fora as providências e de nada serviria tanto risco. Portanto, estou decidido a nada dizer e arriscar minha vida contra o seu ouro, sra. Caslon.

E foi fechado o negócio, aceitando a proprietária da mina a condução de seus cinquenta mil dólares em ouro.

Quando Haven estava preparando os cavalos para conduzir a diligência com a preciosa carga, percebeu certo ruído que vinha por detrás de suas costas e notou a figura de um homem na sombra, com uma arma de fogo sob o braço.

— Vou com você, Haven — disse ele, caladamente. Era Jim Goddard.

— Mas sua perna, Jim, não vai ajudar muito.

Mas Haven nada mais pôde fazer. Jim, com certa dificuldade, subiu à diligência e se sentou à beirada.

E partiram. O luar estava fascinante e muito os ajudaria a correr velozmente pela estrada entre as montanhas. Haven estava satisfeito de estar com a companhia de Jim. De súbito surgem homens mascarados e cercam o veículo por todos os lados.

O carro parou. E enquanto uns dos bandidos saqueavam o veículo levando o carregamento de ouro, uma voz, que muito parecia a do famoso Big Mick, partiu de um deles, cujo porte confirmava as desconfianças de Haven:

— Você, Goddard, desça.

E quando o pobre Jim desceu, o mascarado que dera ordem fez-lhe fogo à queimadura, prostrando-o morto. Haven ensaiou um protesto, mas foi também derrubado com violento golpe de coronha de revólver, caindo sem sentidos.

Já o dia vinha raiando quando ele voltou a si. Haven examinou os bolsos de Jim e pôde identificá-lo como um dos detectives que estavam incumbidos de desvendar aqueles assaltos. Desatrelou um dos cavalos e seguiu o rasto dos salteadores, encontrando vestígios de seu acampamento com as cinzas ainda quentes, descobrindo também o ponto de onde o grosso dos assaltantes tinha voltado para a cidade. Mais adiante ele encontrou o que queria. Um dos bandidos conduzia um animal com o ouro. Fez pontaria e o fuzilou. Chicoteando o animal que ia recolher-se ao outro, ele ficou guardando certa distância e seguiu a pista da mula. Justamente o que desconfiara. O animal, sozinho, parou diante de uma serraria, quartel-general dos salteadores. Oculto pelas árvores que o separavam da serraria, ele viu um rapazinho guiando um carro pela estrada até a mesma.

— Que veio fazer aqui? — perguntou-lhe Haven.

— Trago carga para o moinho — respondeu o portador, com ares de assombro diante do vencedor de Big Mick.

— Precisa levar meu cavalo para a cidade? Eu farei o seu serviço — sugeriu Haven assumindo o trabalho.

Arriscando a possibilidade de poder ficar ali entre os bandidos, com a hipótese de não ser ainda conhecido de nenhum deles, Haven foi levar para dentro o abastecimento que vinha da cidade para os salteadores e ali observar tudo. Já havia descoberto um botão de farda do exército no chão, quando alguém o chamou de fora. Os bandidos, ao verem chegar o animal com o roubo, mas sozinho, ficaram alarmados. A caixa tinha que ser remetida para a cidade e, como era Haven quem estava trazendo o carregamento de provisões, seria ele o portador da preciosa encomenda. Pete, o chefe do acampamento, perguntou-lhe:

— Vê esta caixa? É para ser entregue a Charlie, e lhe diga que é preciso consertar o mecanismo, do contrário a serraria fecha.

— Direi, sim, senhor — respondeu Haven fingindo ingenuidade.

E partiu. Em meio do caminho achou o que buscava. Um bom local para esconder o roubo enquanto ia ao "saloon" a fim de terminar aquela parada cujo desfêcho se precipitava agora. Pela primeira vez reconheceu que amava Charlie e sentiu pesar ao vê-la metida naquela quadrilha.

Ao entrar no escritório de Charlie, Haven se defrontou com Prince, Big Mick e a própria Charlie, como se estivessem em confabulação. Porém o que mais surpreendeu Haven foi encontrar também ali aquele Pete, chefe dos bandidos, que lhe havia confiado a caixa com o ouro, e que, com certeza, desconfiando de alguma coisa, corra ao escritório para certificar-se de que a caixa seria entregue em ordem.

Haven, reunindo sua força moral, cumprimentou a todos com um riso de alegria e disse: — Com que então estão numa conferência?... — Todos aqueles salteadores o olharam com dureza. — Pois bem — prosseguiu. — Tenho muita novidade a contar-lhes. A primeira é sobre um homem assassinado; a segunda é que um ladrão foi abatido a tiros; e, por último, aquela caixa que foi perdida.

Prince foi quem falou primeiro:

— Você perdeu o juízo?

— Não, mas você perdeu o seu ouro. Poderemos entrar num acordo e todos sairemos satisfeitos.

Charlie retrucou que ele não poderia imaginar o prejuízo que a perda daquele volume traria. Dirigindo-se aos seus cúmplices, Charlie lhes disse: — E' só.

Big Mick e Pete se retiraram; mas Prince permaneceu. Com o seu inseparável saquinho de dados na mão, ele se dirigiu a Haven:

— Olhe aqui, meu rapaz. Você joga muito bem os dados e sabe ganhar as paradas; mas não se esqueça de que um dia você há de escorregar, e nessa ocasião estarei ao lado para dar-lhe uma lição. E saiu.

Quando ficou só com a moça, Haven não podia esconder seu estado de espírito para com ela. Que mistério havia ali? Seria mesmo cúmplice daquela gente ou uma vítima dos bandidos? Não ocultando suas desconfianças, ele procurava uma decisão quando ela começou a afagar-lhe os cabelos e a beijá-lo, sentada no braço da cadeira em que ele estava.

— Você diz sempre a uma mulher que a ama?

— A todas digo isso.

— E como consegue safar-se?

— E' que digo isso quando já estou à porta da rua — respondeu. E tomou uma decisão rápida. Bateu no ombro de Charlie e lhe disse: até logo, por ora. Penso que farei melhor lhe trazendo aquela encomenda.

Naquela mesma noite ele voltou ao esconderijo onde colocara o ouro; mas, ao conduzir o volume para a estrada, foi surpreendido pela senhora Caslon, que, de revólver em punho, lhe ordenou: — Vamos, ponha isso no carro.

— A senhora precisa ouvir-me primeiro. Preciso desse ouro para poder fazer parte de um clube, e isto ali representa a jóia de entrada.

— 50 mil dólares?...

— Justamente, creia-me.

— Não concordo. — Para ela Haven não passava de um sujeito que tem o intuito de apropriar-se indevidamente do que é alheio, e não houve jeito de fazê-la mudar de idéia. E insistiu:

— Vamos, ponha a caixa no carro.

Diante daquele cano de revólver, não havia mais nada a fazer. Além disso, estava ela num veículo pertencente ao exército. Haven pensava agora na sua situação. Ia voltar para Charlie sem nada nas mãos.

Ao chegar ao salão, viu Charlie ao lado de Prince, numa mesa. A jovem olhou-o e perguntou:

(Continua na página 52)

PELAS estradas do CÉU

ANDRÉ MAX

A 2 de novembro faz um século que nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, Domingos Jaguaribe. Quem era esse cidadão desconhecido, talvez, do leitor destas Estradas do Céu?

Desprezando outras particularidades, vamos apenas dizer que esse brasileiro foi também um dos pioneiros da conquista dos ares pelos engenhos voadores que tanto empolgaram inventores e cientistas, na segunda metade do século XIX.

Se lhe não houvessem faltado recursos e estímulos, Domingos Jaguaribe seria tão famoso como Van Heck, da Bélgica, Haenlein, da Áustria, M. J. Spiess, da Alsácia, ou o Conde de Zeppelin, da Alemanha.

Registraram historiadores da conquista dos ares, que Domingos Jaguaribe concebeu e desenhou técnica e cientificamente, a construção de dois balões dotados de asas para a navegação aérea. Sua paixão era a dirigibilidade dos balões, perdendo tempo e dinheiro, para conseguir o domínio dos espaços infinitos entre o homem e o céu.

Para alcançar êxito e as atenções do mundo civilizado, escreveu um memorial e o apresentou ao Primeiro Congresso de Aeronáutica de Paris, em 1900, em cujas páginas expunha ele a concepção que lhe viera ao espírito relativamente à solução da dirigibilidade dos balões.

Ao lado da literatura, o desenho da máquina que iria revolucionar o mundo, o seu *Velo-Aéreo*, destinado a voar pelas nuvens com a segurança e docilidade de um veleiro sobre as ondas.

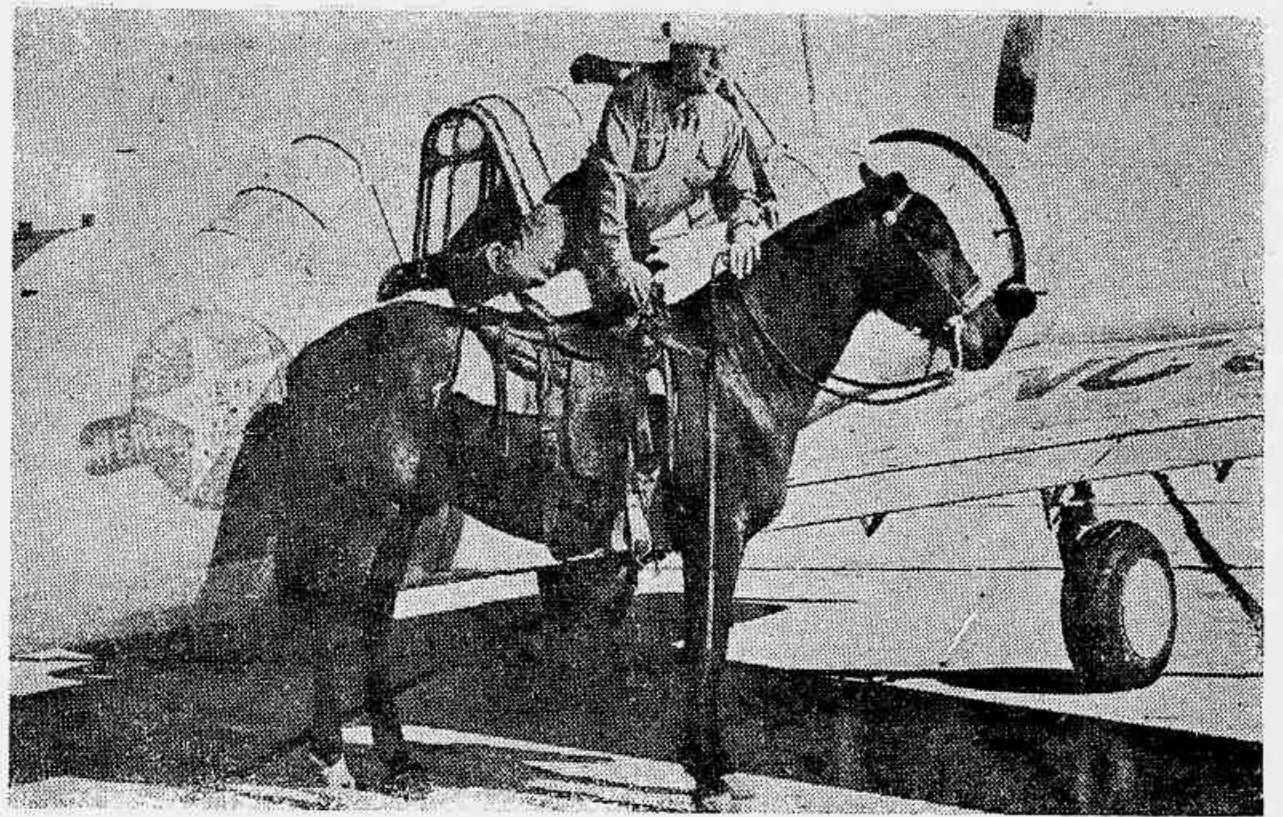
A fim de não ficar desconhecido entre os maiores sábios e as mais reputadas autoridades em aeronáutica, manteve correspondência com os mais famosos institutos e personagens como Octave Chanute, na certeza de que iria caber ao Brasil a prioridade de assombrosa descoberta em prol do progresso humano.

Mas, contra todos os esforços desse brasileiro, não lhe foi possível voar no seu *"Velo-Aéreo"*, passando a outros a solução do problema. Não se poderia prever o imenso campo de aplicação da aeronáutica na sociedade humana, tornando-se então, dramático o duelo travado na Europa entre Santos Dumont e o Conde de Zeppelin, tendo cabido ao nosso conterrâneo a palma da vitória, pois foi ele quem obteve, em primeiro lugar no mundo, bons resultados com dirigíveis.

Ao completar agora a 2 de novembro de 1948, o primeiro centenário do nascimento de Domingos Jaguaribe, um dos pioneiros da conquista dos ares, rendemos nesta página nossa homenagem à sua memória.

Só ao futuro caberia mostrar a que pontos culminantes chegaria a navegação aérea depois que Santos Dumont provou a exequibilidade de construir dirigíveis e, logo depois, o aeroplano acionado por motores de explosão, ou seja uma máquina mais pesada que o ar.

Os fins do século XIX entregaram ao novo século que despontava, fartíssimo cabedal de experiências, mas também de decepções e de luto. Porém, a inventiva humana jamais se deteve diante da própria morte, e, como ícaros audazes, os inventores prosseguiram na marcha para os céus.



Glen Jones, "Sheriff-voador", saltando de seu cavalo para dirigir o seu avião de policiamento

Com a primeira Grande Guerra foram consideráveis os progressos da ciência aeronáutica. Durante e depois da última conflagração mundial, esses avanços experimentaram ainda maiores propulsões. Hoje, com os novos aparelhos voadores, já o homem atinge velocidades que vão além da do som, sem nenhum distúrbio para pilotos e suas máquinas.

O que decepçiona em tais conquistas, é o destino que o homem procura dar às suas mais louváveis invenções. Se a aviação fôsse apenas dirigida para o bem estar da humanidade, suas viagens de paz, os seus esportes e repressão ao crime, estaríamos todos de parabéns e muito mais próximos de Deus.

Mas, desgraçadamente o homem continua a ser o lobo do homem e se entredevorar como feras, usando como arma principal, justamente aquela que deveria permanecer empregada, exclusivamente, para as relações pacíficas e construtivas.

Estas considerações vêm a propósito de novidades que em certas zonas dos Estados Unidos estão surgindo em relação ao emprego de aviões.

Segundo sabemos, em famosas e barulhentas regiões do interior dos Estados Unidos, já os "Sheriffs" não empregam o tradicional corcel de raça para o policiamento de seus distritos ou zonas de policiamento.

Na atualidade o tempo é tudo, e, para economizá-lo já o galope de um cavalo, mesmo veloz, não ajuda os que precisam cumprir deveres com maior velocidade.

Então foi organizado um corpo de policiais aviadores, abandonando essas autoridades os seus cavalos para policiar imensas áreas que contêm milhares de milhas quadradas, como sucede em Clark County, em Nevada.

Para policiar com eficiência tão grandes extensões, adquiriu-se uma frota de 25 aviões de pequeno porte e organizou-se um corpo de 50 policiais bem treinados e conhecedores da região.

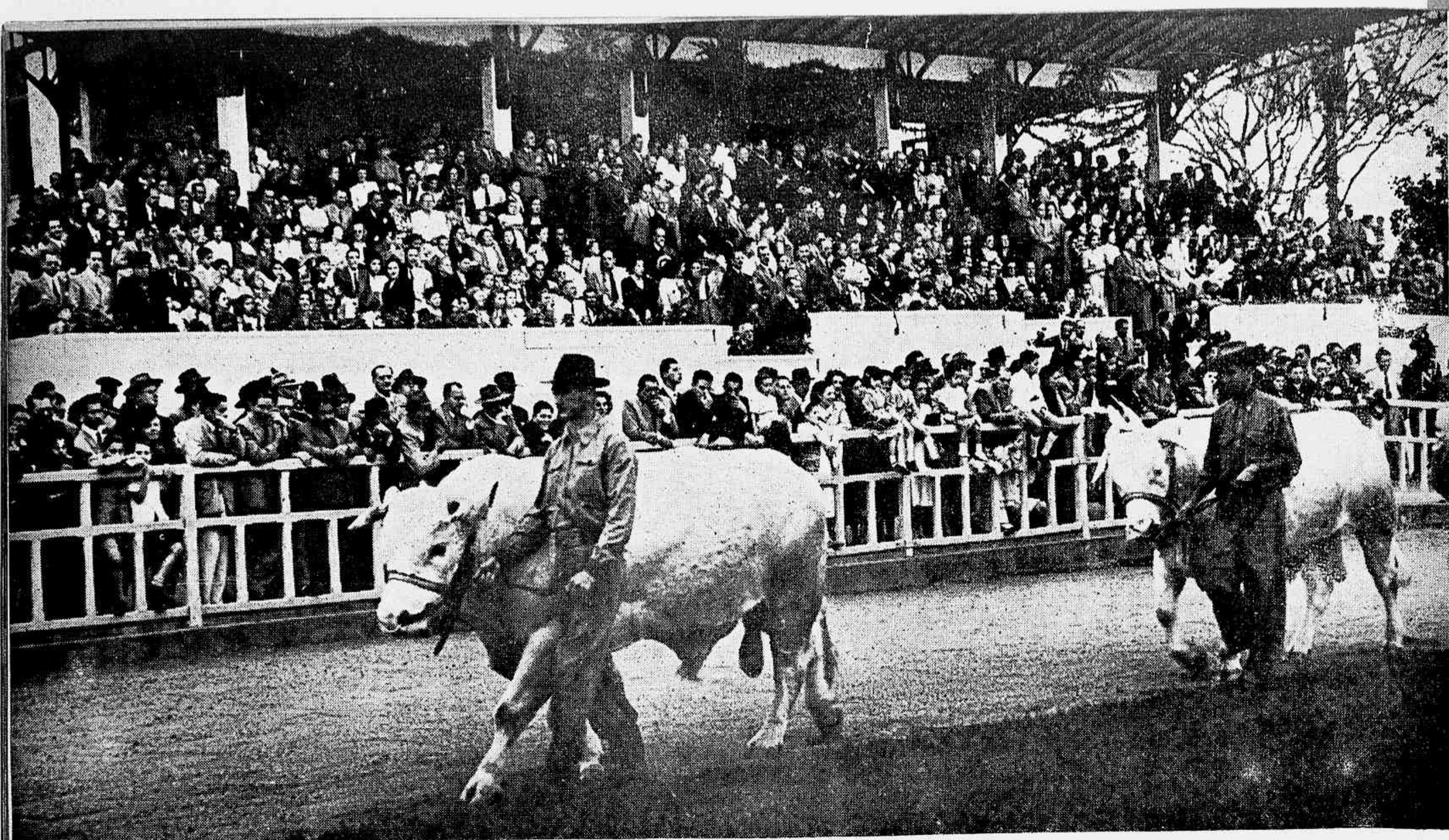
Estabeleceu-se, desta forma, e pela primeira vez no mundo, talvez, uma polícia aérea das mais interessantes, com o objetivo de executar suas perigosas missões em vastos desertos onde não pode imperar muito respeito a artigos de Códigos Penais ou de Constituições.

Na gravura acima vemos um desses policiais, o "Sheriff" Glen Jones, descendo de seu belo cavalo para tomar outro meio de transporte em seu serviço de policiamento: um avião.

Se tivesse ele que percorrer seus imensos domínios naquele animal, teria que extenuar-se e mudar, dia a dia, de montada, sem nenhuma eficiência para a segurança pública, não valendo a pena tanto sacrifício. Mas, com o seu aeroplano, ele está apto a cobrir mais de oito milhas quadradas em 24 horas, fiscalizando todos os postos, visitando todos os distritos, inteirando-se de todas as novidades, como se estivesse a policiar um quarteirão de qualquer cidade.

E não fica apenas nisso. Esse moderníssimo policial Glen Jones também possui um outro avião, anfíbio, em Lak Mead, sob seu comando.

Belo emprego da aviação como elemento insuperável na repressão ao crime e na perseguição dos delinquentes. Observando do alto, nas asas de seu moderno "Pegasso", ele assesta o binóculo sobre os vales e montanhas policiando até mesmo caçadores que infringem os regulamentos nacionais, que seria difícil sem o recurso da aviação.



XV EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS



Aspecto feito no momento em que o ministro Daniel de Carvalho proferia o discurso inaugural

Tendo por palco o magnífico Parque de Água Branca, na capital paulista, acaba de realizar-se a XV Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, cujo transcurso ocorreu entre os dias 25 de setembro último e 3 deste mês, marcando mais uma vitoriosa etapa do nosso desenvolvimento econômico e demonstrando através dos exemplares de fina linhagem e produtos agrícolas e pecuários expostos, o elevado grau de aperfeiçoamento atingido pelos nossos homens do campo no patriótico empenho de colocar o Brasil no mesmo nível de progresso já atingido pelas mais adiantadas nações do mundo. E esse desenvolvimento agro-pastoril, que se vem acentuando de ano para ano, teve na XV Exposição Nacional uma soberba demonstração de vitalidade. Foi um desfile de beleza e per-

feição o que ali vimos, e não fóra a tremenda depressão econômico-financeira que assoberba o Estado líder, outro teria sido o movimento comercial da importante mostra, único ponto, aliás, a sofrer restrições em desacôrdo, que esteve, com a grandiosidade do certame.

O ato inaugural da XV Exposição foi presidido pelo ministro Daniel de Carvalho, ao mesmo comparecendo o governador Ademar de Barros, o comandante da Região Militar e numerosas autoridades civis e militares. Nestas páginas oferecemos uma visão do que foi a XV Exposição Nacional, através das suas seções de pecuária e indústrias afins, figurando nelas alguns dos mais credenciados Campeões nacionais, bem como uma parcela do setor industrial, também aureolado com as melhores classificações



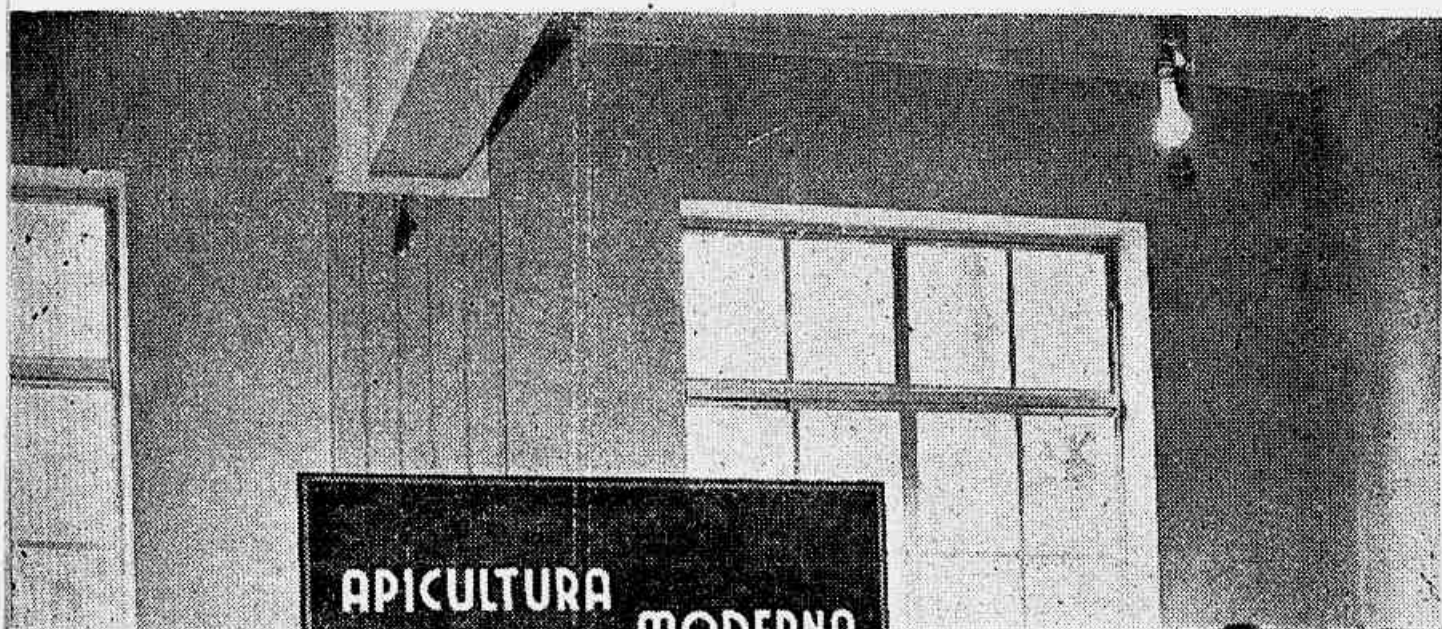
A ESQUERDA — No pavilhão dos produtos industriais da lavoura o ministro da Agricultura e o governador de S. Paulo apreciam as máquinas agrícolas. A DIREITA — Altas autoridades civis e militares prestigiaram com sua presença a inauguração da XV Exposição. O aspecto acima é da tribuna oficial do Parque de Água Branca colhido naquela solenidade

QUEIJOS TIPO
PRATO
MINAS
COBOCO
PARMEZÃO
REINO
PROVOLONE
MUSSARELA
RICOTA, CURADO

INDÚSTRIA E COMERCIO LATICÍNIOS VITUZZO



OS LATICÍNIOS VITUZZO NA XV EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS — Apresentamos acima um aspecto do magnífico "stand" das Indústrias de Laticínios Vituzzo na XV Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados que obtiveram 7 primeiros Prêmios com os seus acreditados produtos Manteiga Pitangueiras e queijos Minas, Meia Cura, Prato, Provolone, Ricota e Mussarela. Em confronto com os mais credenciados laticinistas de S. Paulo e de outros Estados, os produtos Vituzzo alcançaram essa honrosa classificação merecida da aprimorada técnica e da matéria prima empregadas na sua fabricação, o que os colocam no primeiro plano da nossa indústria de derivados do leite. A par desse auspicioso resultado, o "stand" dos produtos Vituzzo apresentou-se de molde a arrancar dos numerosos visitantes do Parque de Água Branca merecidos louvores



ção. Por aí se vê os cuidados dispensados pelos expositores da indústria na confecção dos seus mostruários e sobretudo na apresentação de artigos de primeira qualidade, como aconteceu com os Produtos Vituzzo, a Indústria Apícola de Ruy Barbosa de Oli-

veira, as Forragens Socil, o Coelho Frisia, além de outros inúmeros produtos industriais da lavoura e da pecuária, que estiveram num honroso paralelo com as representações animais na XV Exposição Nacional levada a efeito em São Paulo.

EM BAIXO — A fotografia fixa o momento em que o ministro Daniel de Carvalho e o governador Ademar de Barros se detinham em frente ao "stand" do Coelho Frisia, 1º Prêmio na XV Exposição Nacional. O Coelho Frisia é fabricado há 23 anos pelos srs. Kingman & Cia., de Santos Dumont, Minas Gerais (Caixa Postal 26)



O "stand" da Seção de Apicultura da firma Ruy Barbosa de Oliveira, estabelecida no largo da Boa Morte nº 28, em Limeira, S. Paulo, indústria essa que data de 1932. É a maior e a mais bem organizada fábrica apícola do País. 1º Prêmio na XV Exposição

Nesta página apresentamos alguns "stands" da parte industrial da XV Exposição, todos dis-

tinguidos com Primeiros Prêmios, e que por si só recomendam esse importante setor da XV Exposi-

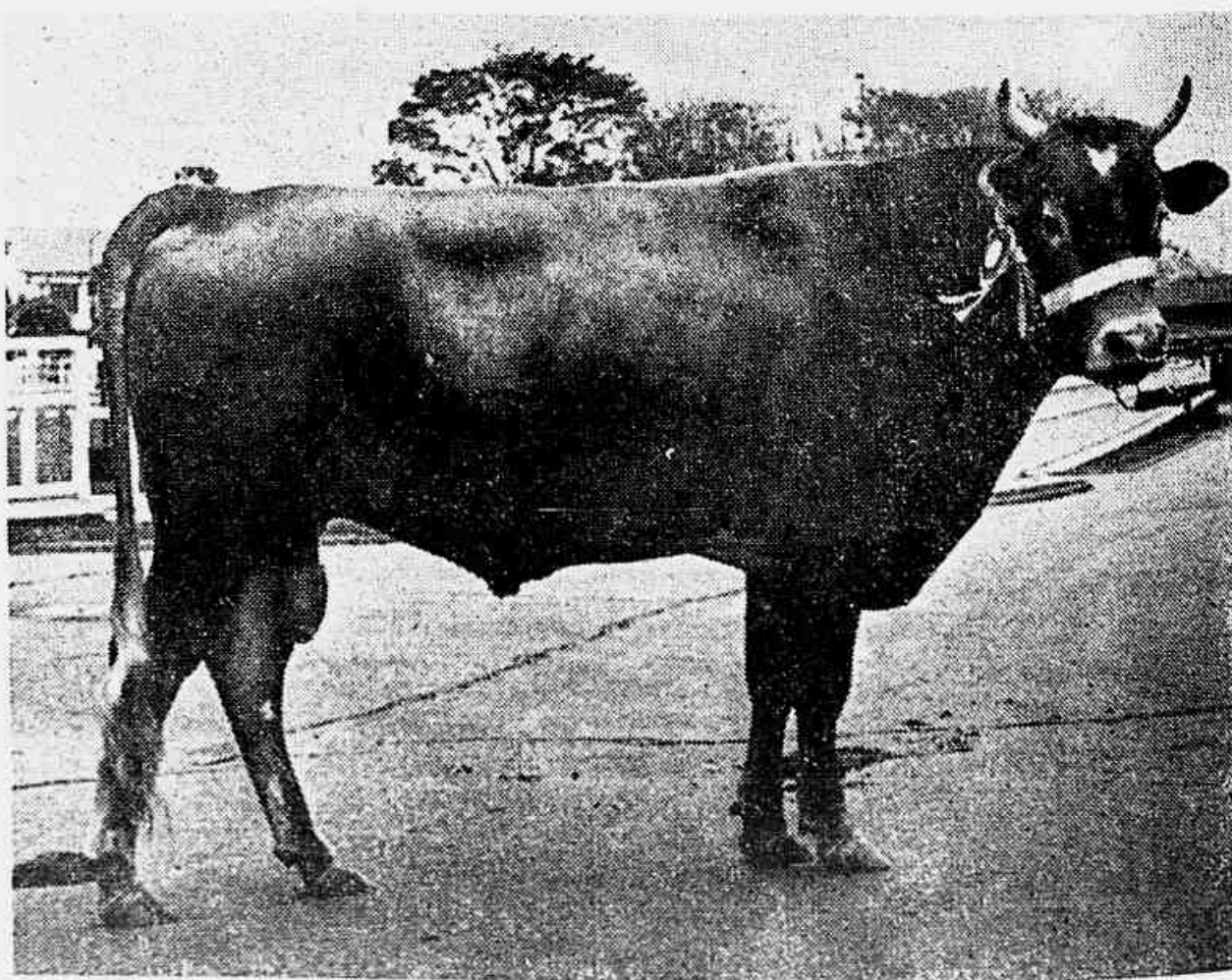
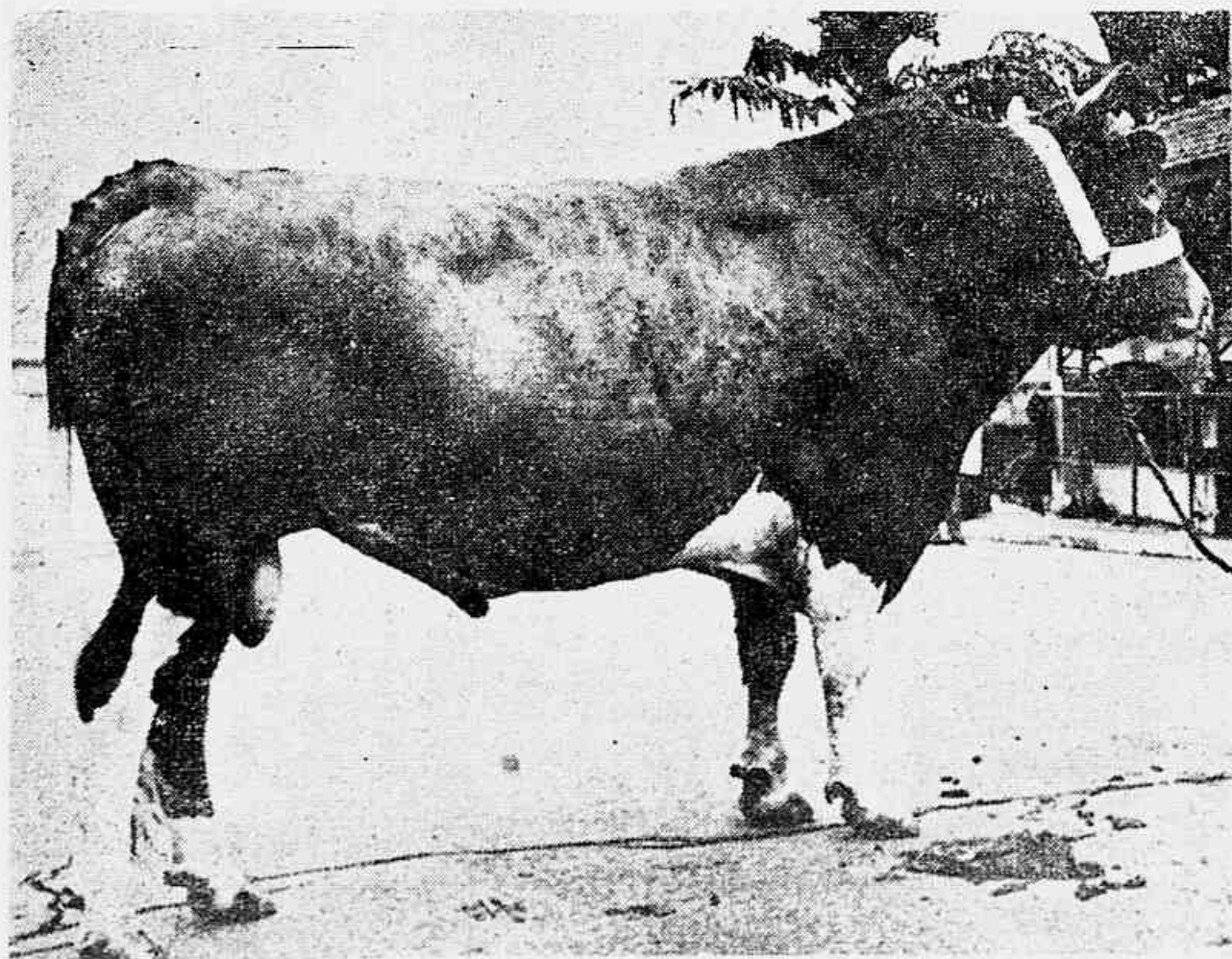
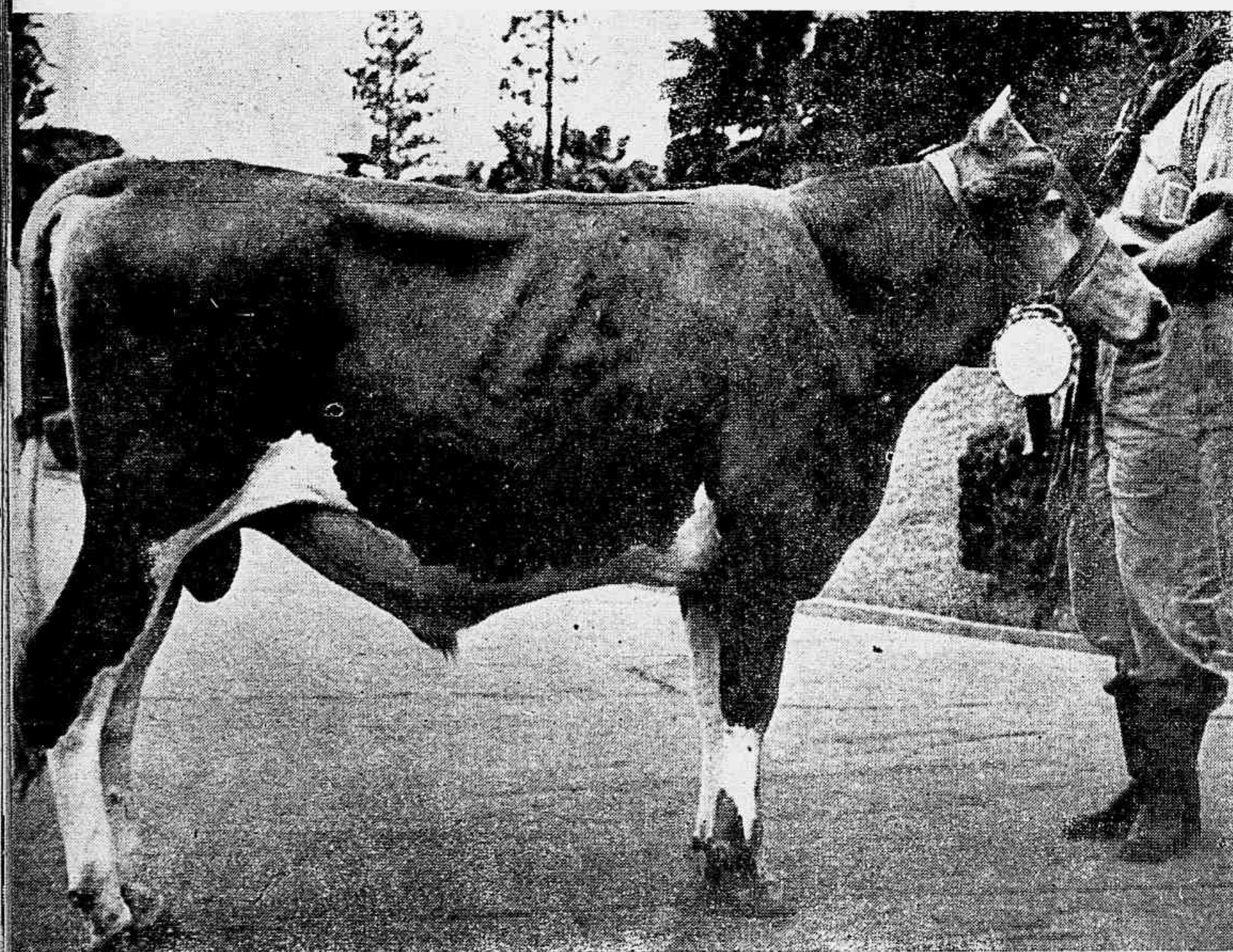
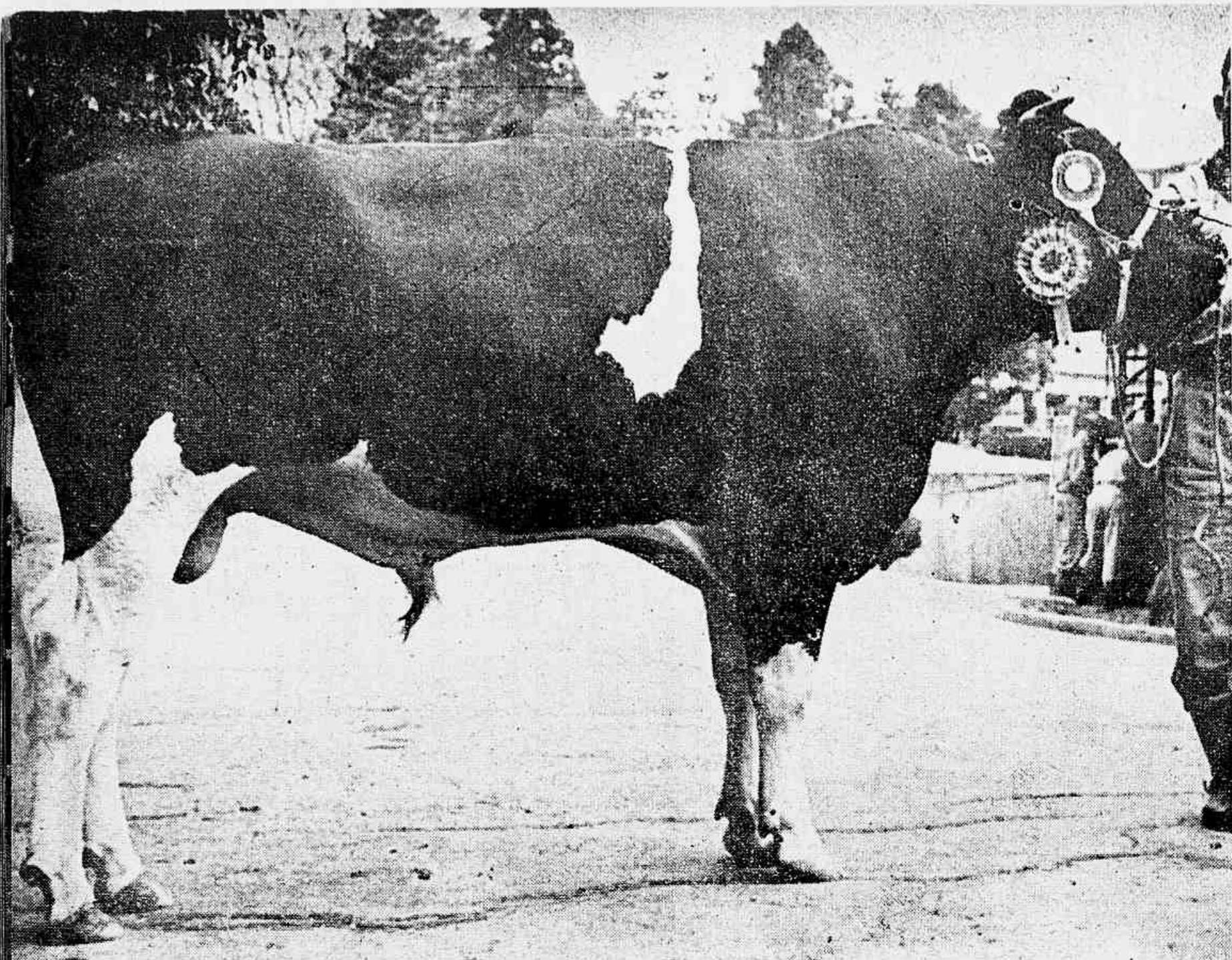
A ESQUERDA — O Estado do Rio de Janeiro figurou destacadamente na XV Exposição Nacional, conquistando 4 campeonatos nas raças leiteiras. Aqui está o Campeão Holandês Preto e Branco, touro "Campanário-Edu", das Estâncias Duvivier S. A.

O ÊXITO ALCANÇADO PELO ESTADO DO RIO NA XV EXPOSIÇÃO NACIONAL

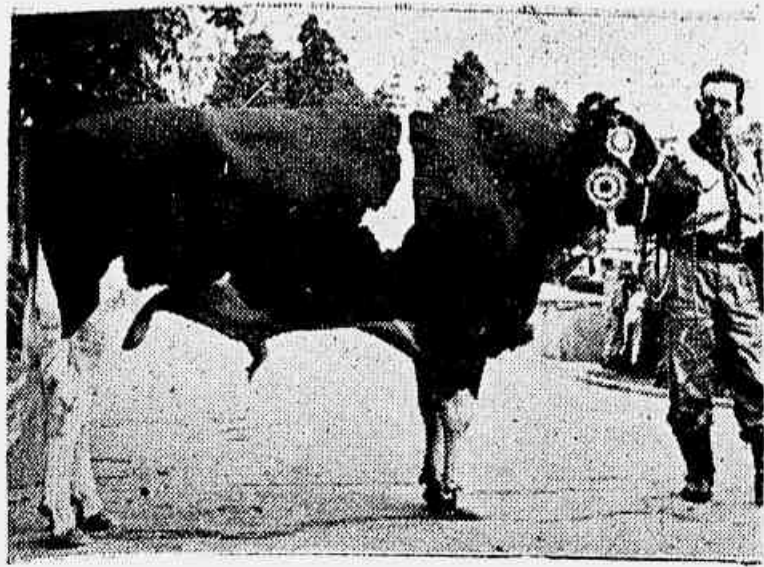
Não é de mais registrar nesta reportagem o sucesso obtido pela criação fluminense na XV Exposição Nacional. Concorrendo com 62 animais, ganhou o Estado do Rio 20 primeiros, 15 segundos e 7 terceiros Prêmios e 6 menções honrosas, laureando-se com 3 Campeões, os das raças Holandesa Preta e Branca, Guernsey e Jersey e o Melhor Reprodutor Guernsey, todos de espécies leiteiras, o que ainda mais valoriza tão auspicioso resultado. Além desses, conseguiu os primeiros prêmios nos conjuntos de raça leiteira, e a Campeã do Concurso Leiteiro, com a produção de 102 kgs. em 3 dias, bem como a vencedora em quantidade de matéria gorda.

Dominando, assim, em 3 raças leiteiras das mais destacadas, o Estado do Rio viu afirmar-se o valor do seu rebanho pastoril, figurando na XV Exposição com singular destaque, mercê do trabalho bem orientado dos seus criadores e dos seus técnicos, aparecendo aí a operosidade do pessoal especializado da Divisão de Produção Animal da Secretaria de Agricultura, que orienta e ampara o desenvolvimento da criação fluminense, podendo em tão importante certame conquistar tantas vitórias em confronto com os maiores pecuaristas nacionais. Estão de parabéns o Estado do Rio e, particularmente, o seu titular da Agricultura, sr. Edgard Teixeira Leite, e o diretor da Divisão da Produção Animal, sr. Joaquim Sizino da Rocha, e a brilhante e dedicada equipe de técnicos que os cercam, pelo sugestivo triunfo alcançado pelos criadores fluminenses na XV Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados.

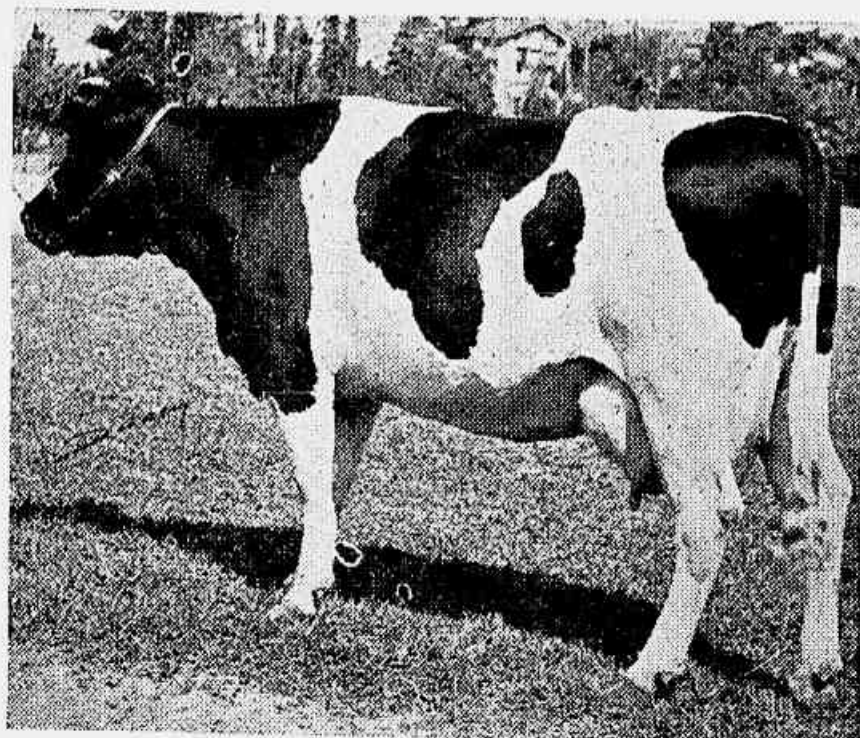
A ESQUERDA — Outro Campeão fluminense, este da raça Guernsey, touro "Dandy Royal Ruley", de J. S. Maciel F.º



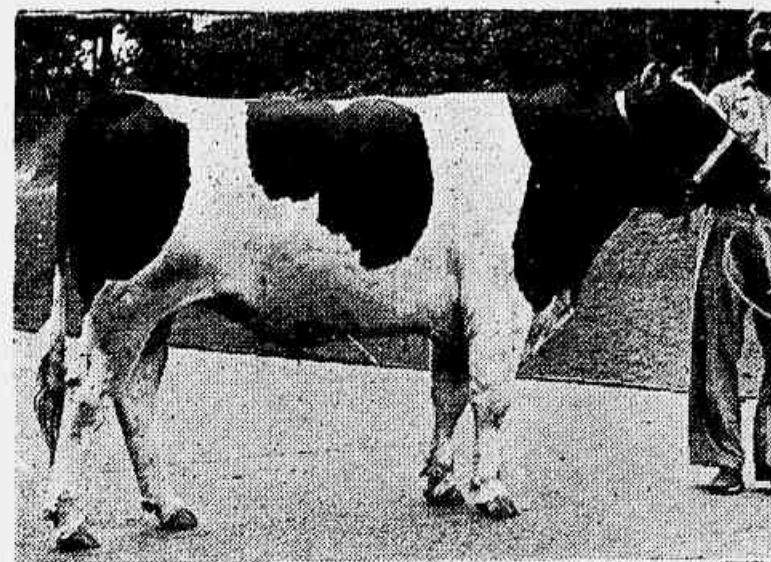
A ESQUERDA — "Lincoln", 1º Prêmio da raça Guernsey, considerado o melhor reprodutor dessa espécie leiteira na XV Exposição. A DIREITA — Outro 1º Prêmio da XV Exposição, raça Guernsey. Ambos de propriedade do sr. Carlos Kohler e oriundos dos campos do Estado do Rio



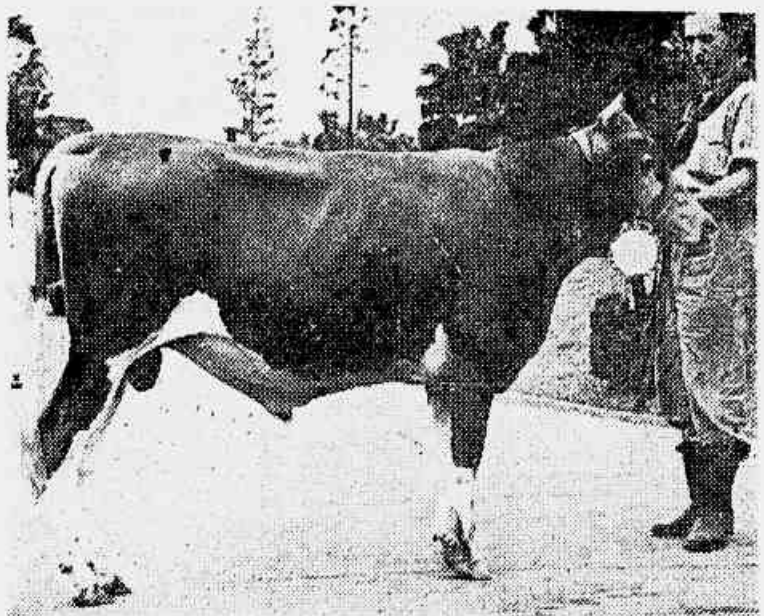
"Campanário-Edu", Campeão Holandês Preto e Branco. Estância Duvidier, Fazenda Piabanha, Três Rios, Estado do Rio



"Safira", Campeã do Concurso Leiteiro. Estâncias Duvidier S. A. Fazenda Piabanha, Três Rios, Estado do Rio

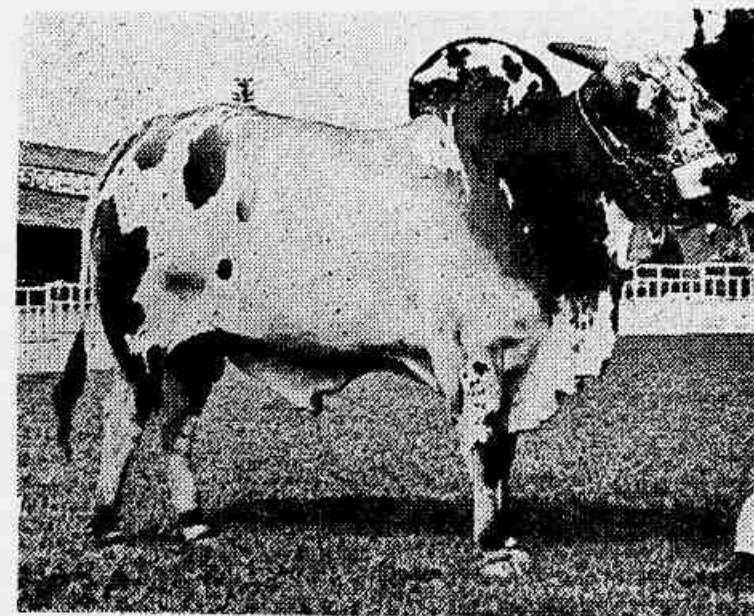


"Providência - Salalé", Reservado-Campeão Holandês Preto e Branco. José Ribeiro dos Reis. Fazenda Mato Dentro, Leopoldina, Minas



"Dandy Royal Ruby", Campeão Guernsey. J. S. Maciel Filho. Fazenda Rio Novo, Paraíba do Sul, Estado do Rio

S O C I L alimenta os Campeões do Brasil



"Bagdad", Campeão Nelore. Tórres Homem Rodrigues da Cunha. Fazenda Nossa Senhora de Lourdes, Uberaba, Minas

Por fim temos a assinalar o êxito alcançado na XV Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados pelo grande "stand" dos afamados produtos da linha SOCIL, a maior fábrica brasileira de rações balanceadas para a pecuária.

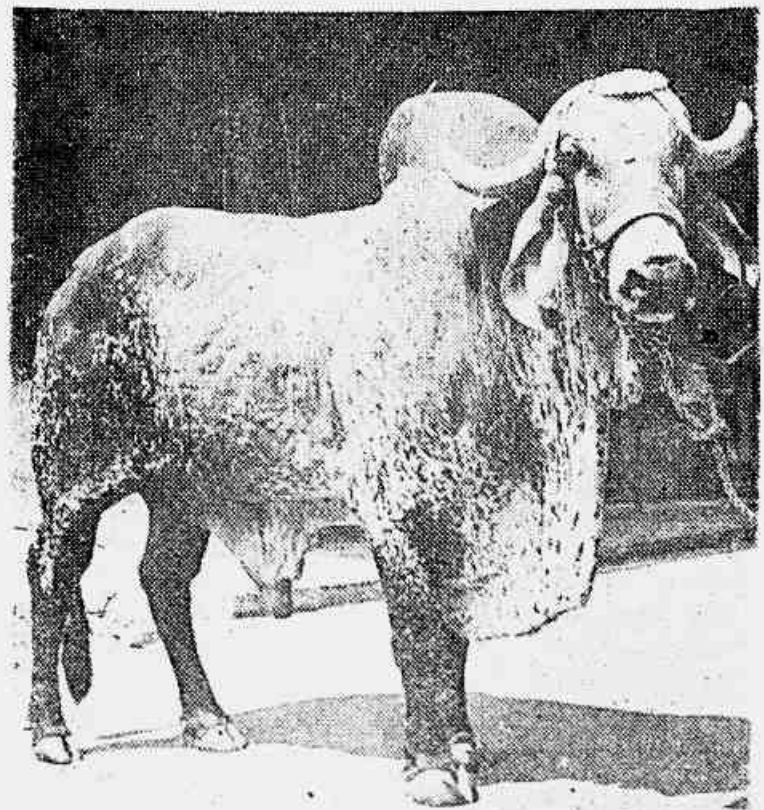
Ocupando todo um "bungalow" no recinto do Parque de Água Branca, o "stand" SOCIL apresentou um por um dos seus produtos aos numerosos expositores da XV Exposição Nacional, quase todos seus clientes, e a todos os que se interessam pelo bom forrageamento para os seus animais. E teve a SOCIL a grande alegria de ver figurar entre os espécimes de fina linhagem da XV Exposição, nada menos de oito



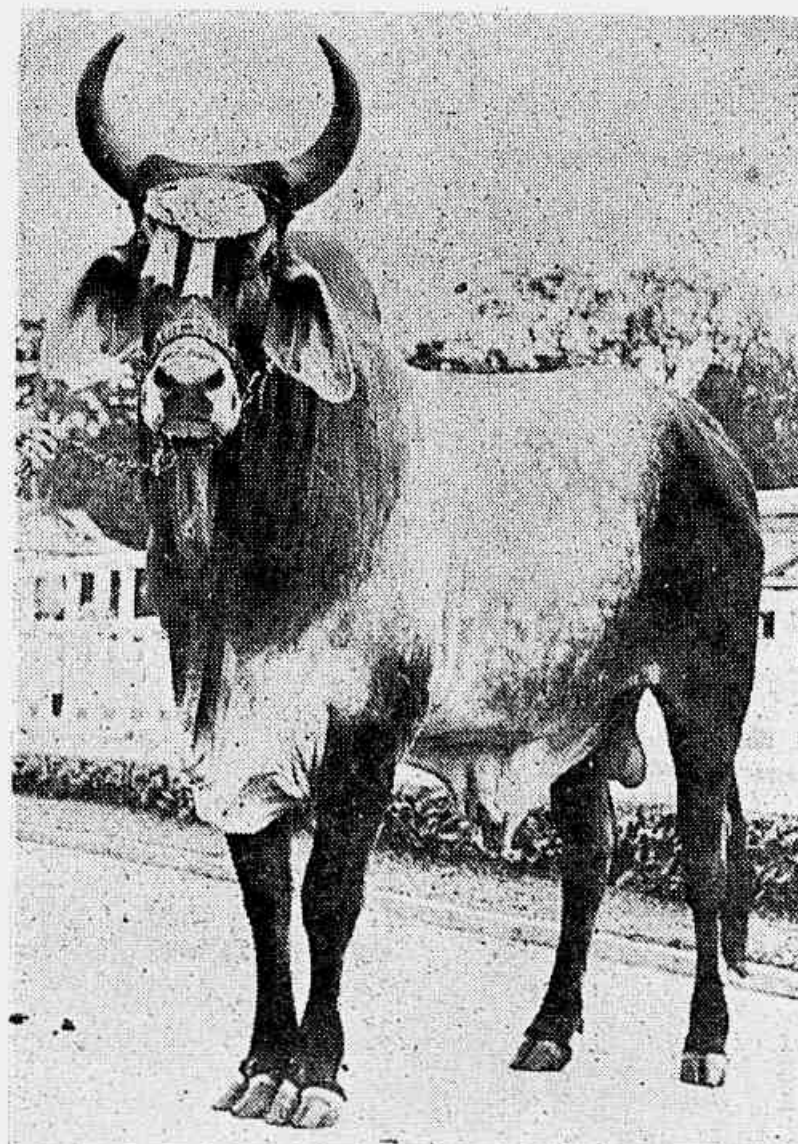
O "bungalow" que serviu de "stand" dos produtos SOCIL na XV Exposição Nacional de S. Paulo

Campeões que se alimentam com as suas rações, os quais figuram nesta página em torno da fotografia do "stand" SOCIL, atestando o quanto vale a alimentação racionalmente preparada no desenvolvimento dos atributos da raça que fazem do bezerro de hoje o Campeão de amanhã, da novilha de agora a Campeã leiteira do futuro. Alinhando nesta página os Campeões da XV Exposição, comedores das suas rações, SOCIL presta uma homenagem aos pecuaristas seus proprietários,

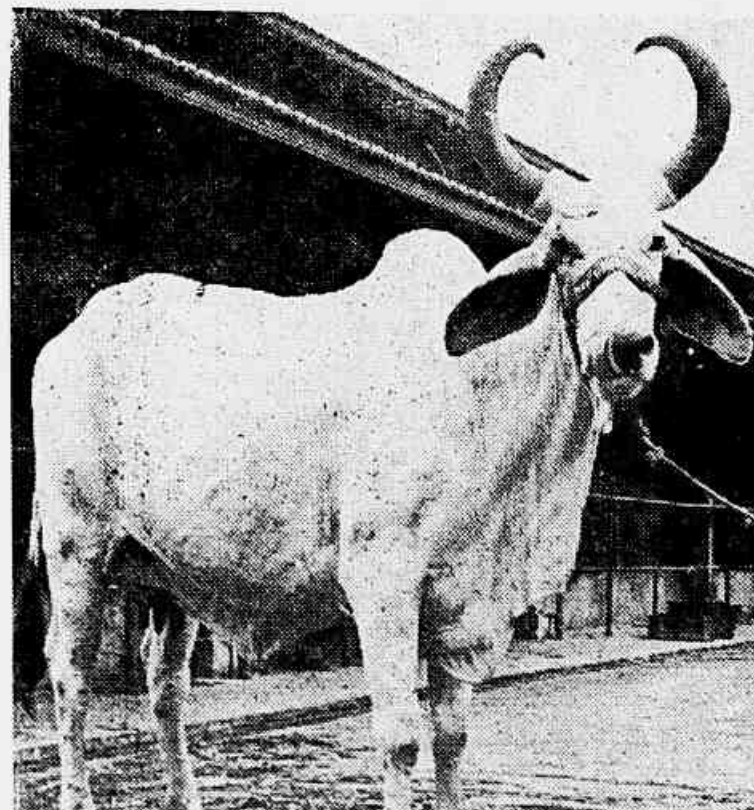
ao tempo em que se orgulha de poder contribuir de maneira tão eficiente para a grandeza e prosperidade da pecuária nacional.



"Apache", Campeão Gyr. Tórres Homem Rodrigues da Cunha. Fazenda N. S. de Lourdes, Uberaba, Minas



"Indiano", Campeão Guzerat. Ephrem Epiphânio Pereira. Fazenda da Ponte, Curvelo, Minas



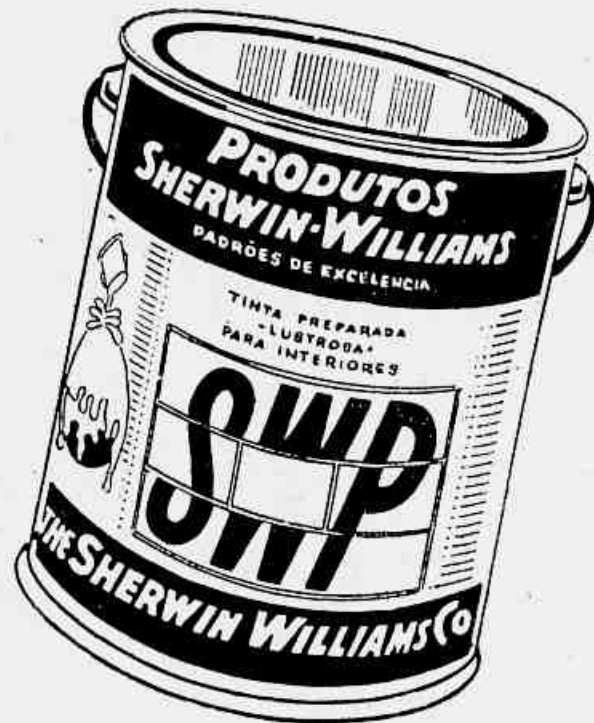
"Gaiola", campeã Guzerat. Ephrem Epiphânio Pereira. Fazenda da Ponte, Uberaba, Minas



*A primeira
impressão
é a que fica!*

e a casa
pintada com

SWP



ficará sempre brilhando!

É lógico que você queira a sua casa assim!

Nada mais simples — Sherwin Williams lhe oferece a solução — SWP — a tinta a Óleo perfeita para os exteriores! Ela vem numa variedade infinita de cores para você escolher aquela com que sempre sonhou... Use SWP para toda a pintura externa — venezianas, portas, batentes e todas as demais partes externas de madeira.

E para que as grades, portões e móveis do terraço nunca enferrujem — na primeira demão use Kromik como tinta base, finalizando com uma camada de SWP. Kromik é a tinta protetora dos metais ferrosos, defendendo-os contra a ferrugem.



TINTAS E

VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS

S. Paulo-R. Barão de Itapetininga, 124 - Revendedores em todo o País

56 520.

MARIA DO AHÚ

(Continuação da página 56)

Ora ainda bem! — disse a vizinha, consternada, e com um grande esforço para se mostrar alegre. — Nem sabe quanto estimo, Ti' Maria do Ahú!

Na manhã seguinte, já era sol nado e criado e ela sem aparecer. A vizinha empurrou a porta, que só ficava encostada. Maria do Ahú estava amochadinha no chão, contra a parede, a cabeça dobrada ao peito e o rosário calado ao lado.

— Ti' Maria do Ahú...

Ela não respondeu porque estava morta. Mas, quando lhe descobriram a cara, acharam-lhe um ar de grande serenidade e satisfação. Decerto o Anjo do Senhor voltara essa noite, e lhe levava a alma enquanto praticava tu cá tu lá.

Por esse tempo, quem sabe se Porfírio era vivo ou morto? Talvez ela tivesse tido razão dizendo ir ver o seu Porfírio. E, a ser assim, lá onde se encontraram, por certo já o seu Porfírio não rapava da navalha, nem erguia a mão contra a sua santa mãe adotiva.

Deste modo viveu e morreu Maria do Ahú, cuja história teve a honra de lhes contar. Não prevenira que não era muito divertida, nem muito palpitante, embora um pouco estranha? Mas quase todas as histórias verídicas são mais ou menos assim.

NO CORAÇÃO DO OESTE

(Continuação da página 47)

— Trouxe alguma coisa para mim?

— Não. E' difícil acreditar. — E ele contou honestamente o que se passara entre ele e a senhora Caslon. Sucedeu-se a isso uma discussão entre os três. Prince exigia que o ouro fosse recuperado e Charlie lhe deu duas horas para isso. Haven saiu, e quando já ia na rua ouviu que o piano tocava uma espécie de marcha fúnebre. Chegando ao seu aposento, ele começou a pensar no sucedido. Notou que Charlie parecia aborrecida com o fato da recuperação dos 50 mil dólares em ouro. Estava a meditar em toda aquela embrulhada, quando viu surgir no quarto Mark Bristow com um revólver na mão. O pobre homem estava em estado de grande excitação nervosa. Os dentes tremiam. De sua fronte porea suor. Haven o observou.

— Você veio atacar-me, Mark?

O advogado deixou-se cair numa cadeira e não pôde conter as lágrimas. O revólver caiu de suas mãos. Com dificuldade explicou:

— Eles querem matá-lo.

Haven sabia que estavam tramando sua eliminação. Tratou de resistir e, quando Mark já atravessava a rua, ouviu tiros e viu o desgraçado rolar morto ao chão. Haven deixou que uma pequena multidão circundasse o corpo e então, decididamente, saiu do hotel para enfrentar a tempestade. Correu para o cavalo de Mark e, montando-o de um salto, esporeou-o, saindo em louca disparada. Já ia nos limites da cidade quando ouviu tiros em sua direção. Sem incomodar-se, galopou a toda brida para a serraria. Aproximando-se cuidadosamente, notou que em grandes depósitos havia uniformes do exército para as simulações e roubos. Mas nesse instante surgiu à sua frente o gigantesco Big Mick, que procurou impedir-lhe a saída. Houve troca de tiros e o bandido foi eliminado. O resto da quadrilha foi aprisionado. Haven se dirigiu imediatamente para o quartel do capitão Iles, o qual, ao vê-lo, se enfureceu, mas logo se acalmou quando Haven lhe apresentou suas insígnias de major.

Satisfeito pelo sucesso de sua missão, Haven galopou, mais uma vez, para a cidade. Desejava ver, pela última vez, aquela jovem misteriosa que lhe abalara o coração. Charlie estava à sua espera, pois envergava um lindo e primaveril vestido como se fosse a uma festa de gala. Com um sorriso, ela lhe foi dizendo:

— Você me causou uma série de desapontamentos.

— Sim, mas eu venho prendê-la, Charlie — respondeu ele com decisão. — Sou um oficial do exército.

— E não tem receio de ser assassinado? — E sorriu. — Teria sido melhor que fôssemos para sua missão na China.

Haven sentiu na verdade perdê-la, entregando-a à justiça, e chegou a pensar num meio de livrá-la desse destino. Poderia salvar Charlie. Mick já estava morto e Prince poderia pagar pelos roubos de toda a quadrilha. Charlie não era a má pessoa que poderia parecer. Tinha bons sentimentos. Aquêle meio devia acabar para ela, de uma vez. Estava procurando um meio de libertá-la, quando, reparando em seu olhar, percebeu que alguém estava por detrás dele. Voltou-se rapidamente, sacou a arma e, num abrir e fechar de olhos, fez fogo contra a pessoa que procurava atraí-lo. Era Prince. Mas, ainda tendo caído com vida, pôde responder aos dois tiros de Haven. A bala do assassino e salteador atingiu Charlie, que, com seu corpo, salvou a própria vida de Haven. Amparando-a nos braços, viu ele que nada mais seria preciso fazer por ela. Ela sorriu para ele, num derradeiro lampejo de esperança e felicidade. E balbuciou:

— Você ainda me ama? Amar-me-á sempre? Diga-me...

— Sim, Charlie, eu muito a amo...

E ele sabia que era a primeira vez que de seus lábios escapavam estas palavras ditas a uma mulher neste mundo: — eu te amo...

Apertou-a nos braços como se desejasse fazer-lhe voltar a vida que se extinguia. Ainda de seus lábios embranquecidos pela morte, que se aproximava rapidamente, ela ainda teve tempo de pilheriar:

— Eu o verei... na China...

E sua cabecinha pendeu docemente das mãos de Haven como a de um pássaro que morre.

A VIDA DE DOSTOYEVSKY

(Continuação da pág. 18)

Se, porém, Deus salva o pecador, que perigo há em pecar? Na verdade, o pecado é uma tentação positiva, um saque sobre a misericórdia divina, uma experiência com a sua infinita bondade, exatamente como um empréstimo pedido a um amigo é um meio de aferir a bondade deste. Aqueles intelectuais de S. Petersburgo que andava à procura de um mundo moralmente melhor, não compreenderiam acaso que a crucificação de Jesus não teria nenhum significado se a seu lado não estivesse um assassino pregado noutra cruz? "Deus cria o pecador... e o pecador cria Deus". Um mundo de perfeição, inteligente, o sonho dos intelectuais de S. Petersburgo, faria desaparecer o intuito criador de Deus — "aniquilaria o próprio Deus".

E quanto mais Dostoyevsky meditava sobre o problema do mal, mais compreendia que não havia equilíbrio entre o crime de um homem e a maldade do homem, entre os castigos impostos pelos tribunais e a vontade de Deus. "Deus salva aqueles a quem os homens punem". Dostoyevsky que tomara parte em atividades revolucionárias com a sincera esperança de salvar homens, foi condenado por um tribunal sincero a ser castigado ombro a ombro com os criminosos que matavam homens. E embuteu-se na sua consciência o sentimento de que suas buscas deviam dirigir-se à parte inferior da superfície das coisas a fim de achar a verdadeira lógica das coisas.

IV

Depois de quatro anos passados na Sibéria, aliviaram-no dos trabalhos forçados. A lei russa, entretanto, determinava que o castigo ainda não estava completo. Foi convocado a servir como soldado na Sibéria e a galgar com seu esforço o oficialato, e só então recobrar a liberdade.

Incorporou-se ao regimento de uma aldeola de Semipalatinsk e apaixonou-se por

Maria Dmitrievna, esposa do comandante de sua companhia. Ela era "uma loura bonita, de meia altura, delgada, exaltada, ardente". Seu marido estava à morte. Mas um pensamento se assenhoreara de Feodor: "Jamais devo casar-me; devo levar uma vida de celibatário". Na prisão manifestara-se nele, em crises periódicas, uma doença grave — a epilepsia. Os médicos disseram-lhe que os epiléticos se desenvolvem muito lentamente e que só muito tarde chegam à maturidade. Já contava ele trinta e muitos anos e era a primeira vez que se apaixonava. Era um ardor há muito adiado, a puberdade de um homem adulto transformado, subitamente, em rapaz. O marido de Maria faleceu inesperadamente e Feodor, que costumava considerar-se "um homem curado", pôs de lado o conselho de seu médico e casou-se com a viúva. Corriam medonhos boatos de que a noite anterior à do seu segundo casamento ela a passara com um amante mais moço que Dostoyevsky. E quando afinal Feodor teve permissão de voltar para a Rússia, houve quem dissesse que o amante de sua mulher ia, a distância, de uma muda à seguinte, no encalço da carruagem do casal. Logo, porém, o inverno úmido tingiu o rosto de Maria de uma intensa vermelhidão, tornando-se evidente que ela estava condenada a morrer dentro em breve como morrera seu marido.

Com o tempo ela tornou-se irreconhecível. Agora sua infidelidade não inspirava mais receios. Feodor, ainda a braços com o problema do mal, dirigiu um olhar retrospectivo à infância. Lembrou-se do jardim dos docentes. Estes de um lado do muro; os seus do outro lado... Os docentes devem morrer e os seus devem continuar vivos. Suas paixões, conservadas muito tempo em estado latente, ansiavam por liberdade. E encontrou quem lhe apegasse essa ânsia na pessoa de Apolinária Pankratievna Souslov, uma jovem estudante que marchava nas paradas socialistas carregando uma bandeira vermelha e cantando a Marselhesa. Certa vez ouvira-o pronunciar uma conferência e escrevera-lhe uma carta declarando-lhe seu amor.

"Ela era friamente voluptuosa. Até no amor era uma atormentadora... O marquês de Sade poderia tomar lições com ela... Era capaz de cometer um crime com a maior indiferença... Era álgida como o gelo no inverno... Olhava para todos com a impessoalidade de uma abadessa de um convento medieval... No entanto, nunca houve mulher tão sensual..."

Quanto ao seu amante Feodor, existem dentro dele dois homens. Um deles trabalha intensamente num problema de crime e castigo, traçando linhas, notas, personagens, desenhando janelas ogivais, forçando por reproduzir com palavras a história do estudante Raskolnikov. Pois ele não se comprometera a pesquisar o mundo íntimo, a viver e morrer no mosteiro de sua arte?... Este é o homem que desperta.

O outro homem, transportado nas asas dos seus sonhos febris, atira-se com Apolinária pela Europa. Ela o escorraça, atormenta, obriga-o a gozá-la e, ao mesmo tempo, a odiá-la. Ele se lhe ajoelha aos pés com os olhos rasos de lágrimas e implora-lhe, noites a fio, que não o exclua do seu quarto, trancando-o.

Nisso Feodor recebe notícia de que a doença de sua esposa chegara ao seu termo. Voltou para junto de Maria, atendendo-a incessantemente, até vê-la sucumbir aos acessos de tosse.

V

Uma manhã Dostoyevsky foi procurado por uma jovem que atendeu ao seu anúncio pedindo uma secretária a quem pudesse ditar seu último livro. A jovem olhava atemorizada para aquele homem que escrevia Crime e castigo ao lado da esposa moribunda. Quando o livro ficou pronto, Dostoyevsky sentiu-se estranhamente perturbado. Mas Ana Gregorievna, sua secretária, disse: "Feodor Mikhailovich, duas montanhas nunca poderão unir-se, mas dois seres humanos poderão...". E casou com ele.

Crime e castigo... A história de Raskolnikov que o mundo lê... O jovem estudante que vive a sonhar. Autor de muitas teorias intelectuais, explorador das profundezas do bem e do mal num espírito liberto de inibições. E finalmente nesse sonho, sua vontade fundiu-se na sua abstração intelectual do Super-homem, o corpo tornou-se escravo do espírito. Todos os pensamentos sobre os quais escreveu, todos os seus ensaios, todas as suas teorias transformaram-se numa vontade mecânica que o arrasta consigo. O abstrato ganha vida, o que é vivo funde-se no abstrato. As duas personalidades se misturam... E já que seus pensamentos e teorias admitiram a existência do crime, o crime mais horrível que a mente humana pode conceber, ele é levado a cometer um crime, automaticamente, dirigido pelo poder de uma inteligência disposta a pôr à prova as suas próprias idéias... Há uma velha, dona de uma casa de penhores com quem ele empenhara alguns objetos seus. Resolve matá-la. "Para que fim?", pergunta a si mesmo. E ele mesmo dá a resposta. "Por causa do seu dinheiro, que à usúria nenhum bem pode trazer, mas que pode custear os meus estudos".

Durante a lua de mel, um dia Ana encontrou Dostoyevsky prostrado por um de seus ataques, com a cabeça pendendo do lado da cama. Mais um segundo e ele teria caído. Uma aura precedia-lhe as convulsões e todo o seu rosto irradiava extática beatitude. Ela enxugou a testa do marido, úmida de suor, limpou-lhe a espuma dos cantos dos lábios. "Aos poucos ele voltou a si. Beijou-me as mãos e depois me abraçou".

Dostoyevsky continuou a trabalhar em seu romance. No dia marcado para a execução do crime Raskolnikov dorme de mais e chega mesmo a passar da hora apazada para o encontro. Então levanta-se e dirige-se aos aposentos da velha. Com um pretexto qualquer ele a detém e toma de um machado. Até o último instante tem a impressão de que tudo aquilo é irreal, que não vai dar-se nenhum crime... Um sonho fantástico... Qual é o mundo desperto e qual o adormecido? Automaticamente ele fende a cabeça da velha com o gume do machado. O sangue jorra aos borbotões. A irmã da vítima vem subindo a escada. O criminoso contara com a ausência dela. Mata-a também. Apodera-se de alguns adornos e da bolsa da velha. Pois dentro dele uma voz murmura sem cessar: "Foi por causa deste dinheiro que a mataste... Por causa dele... Porque és pobre e necessitado e ela é velha, rica e inútil... e este dinheiro te fará progredir em tua carreira, em teus estudos". Então joga fora a bolsa sem querer abri-la. Pois uma nova idéia invadiu-lhe o espírito mecanizado. "Fracalhão, não procures raciocinar. Não andes atrás de motivos calvos. Mataste esta mulher pela pura e simples fascinação do ato de matar, somente por isso. Mataste porque precisavas cometer um crime..."

Dostoyevsky frequentava assiduamente o cassino. Punha seu dinheiro no vermelho e no preto. A paixão, a cor, o risco, atraíam-no tão irresistivelmente como a própria vida. Um dia entrou em casa dominado pelo maior dos desesperos. "Disse que havia perdido tudo e comecei a me pedir que o deixasse empenhar certas coisas. Tirei meus brincos e meu broche. Ajoelhei-me diante de mim e disse que precisava continuar jogando, sem parar... Então vi que ele não era um jogador comum... Não jogava para ganhar e sim porque precisava perder".

Mas o crime de Raskolnikov não é o final da história. É apenas o começo. Ninguém precisa cometer um crime pelo próprio crime, mas por causa do castigo que se lhe segue. "Ah! é isso. Queres continuar caminhando por esse labirinto além do bem e do mal?". O assassinio é considerado um mistério insolúvel. Está claro que ninguém em S. Petersburgo suspeita do pobre estudante Raskolnikov com suas estranhas teorias. Inconscientemente, automaticamente, nessa fronteira desconhecida entre o real e o irreal, Raskolnikov faz uma visita ao teatro do crime, vai à delegacia para conversar, fornece sem o querer indícios comprometedores, chama sobre si a atenção do público, pratica toda a sorte de coisas absurdas, a fim de atrair a atenção do povo para a sua culpa.

Na verdade, ele cometera o crime só para se tornar criminoso. "Não nasci eu com o peso dos pecados de todos os que morreram, de todos os que viverão enquanto o mundo existir?". O homem é tão estúpido, as suas leis são tão grosseiras. Não perceberão jamais os crimes intangíveis que pairam sobre o éter da alma? Pois, ao que parece, não será apenas diante do assassinio e do sangue que os homens chamarão um confessor para salvar-lhes a alma. "Assim, deve-se matar para poder pedir o castigo em que a alma incorreu já ao nascer". O Senhor se amerceie de um homem que se sente culpado de crime e cujas mãos estão inaculadas de qualquer ato de violência. Esse homem pode enlouquecer!

(Continua no próximo número)



APRESENTA PARA HIGIENE, SAÚDE E BELEZA

O Segrêdo da Sultana				
Água de Colônia	"	107	grms.	
Sabonete	"	107	"	
Sabão Russo líquido	vid.	270	"	
"	"	630	"	
"	"	1000	"	

INDISPENSÁVEIS EM TODOS OS LARES

À venda em toda parte

Labor.: RUA D. MARIA, 107 — RIO DE JANEIRO

Sólido, Líquido e Para Barba

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

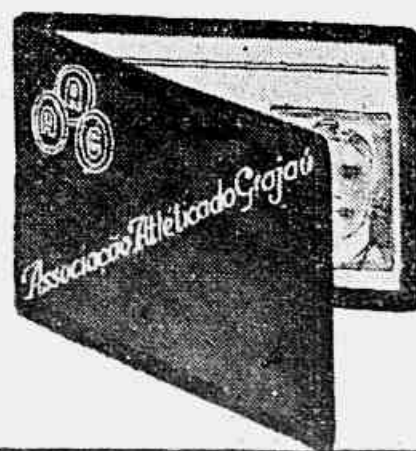
"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00



CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios —
Sindicatos — Centros Espíritas, etc.
— Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal

Oferta pelo Reembolso Postal
EIS a excepcional oportunidade que a
 a ALFAIATARIA "A CIDADE" ofere-
 rece a V. S.: Calças de Casemira Mesela,
 em todas as cores, por
 Cr\$ 150,00
 E também para o calor
CALÇAS DE TROPICAL
 em todas as cores
 Tecidos de cores firmes por
 Cr\$ 195,00

Pelo Reembolso Pos-
 tal mais Cr\$ 10,00



Não importa onde V. S. estiver, escolha
 já a sua calça e remeta a medida da
 cinta e comprimento e lhe remeteremos
 contra Reembolso Postal

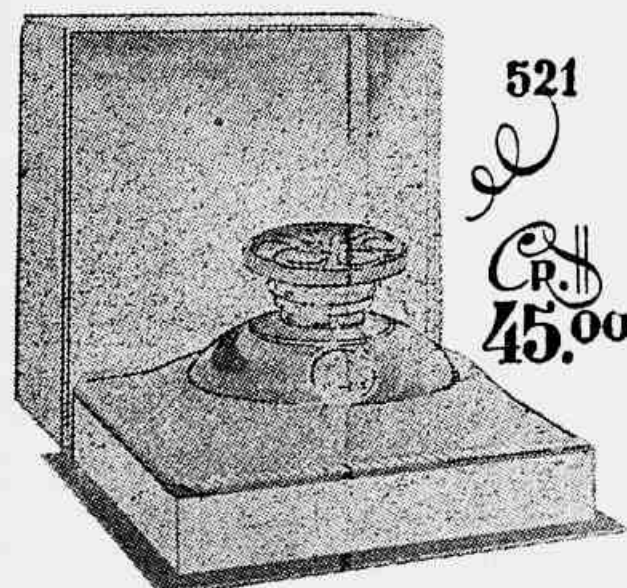
ALFAIATARIA "A CIDADE"
 R. 7 DE SETEMBRO, 204 — R. DE JAN.

PERFUMES
Exótica

Finíssimo e exótico per-
 fume, em rico estojo de
 Madeira de Lei



Delicado e flagrante perfumes, Narciso
 Negro e Narciso Branco, em lindo estojo
 forrado com finíssimo cetim, ambos
 constituindo lindos e valiosos presentes



Pelo Reembolso Postal sem qualquer
 despesa. Pedidos à
PERFUMARIA EXÓTICA
 Rua Campos da Paz — Fone: 48-8137
 Enviamos catálogos a quem nos solicitar

AVELINO PROCURA EMPRÊGO

(Continuação da página 19)

Mas naquela noite Isabel tinha de comparecer a uma ceia; por isso ela disse:

— Volte amanhã, sim? Eu gostarei que volte.

— Volto, sim.

Pouco depois Avelino saiu.

Logo no dia seguinte ele voltou. E voltou sempre. Em pouco, entre eles havia amor. E isso preocupou Adolfo. Ele sabia como Avelino é sensível. Era fácil de amar. E Adolfo sabia como agem as atrizes para manter junto a si os seus amôres. Elas têm artes especiais para absorver as pessoas a quem amam. Sem dúvida Avelino corria perigo. Era um rapaz bom de mais para estar envolvido com uma atriz.

— Avelino, isso não lhe convém!

O rapaz não levava a sério o conselho e dizia:

— Por favor, Adolfo, não se faça de velho!

Adolfo não era homem de muitos argumentos. Em sua impotência, gesticulava desesperadamente. E alguns minutos depois, já não se falava mais nisso.

★

Avelino alimentava grande esperança de conseguir o tal emprêgo. Foi o seu primo que lhe disse:

— Titia Ofélia me contou que você está procurando um bom emprêgo. Acho que arranjei um para você.

Avelino segurou o braço de Felipe e lhe pediu:

— Conte-me. Onde é? Para que é? Conte tudo.

Felipe contou tudo o que sabia. Esse emprêgo tinha todas as conveniências. Bom ordenado. O trabalho começa às nove da manhã e acaba às cinco da tarde, fora o tempo do almoço e do café com bolo, à tarde. O serviço era de escritório. Precisava escrever a máquina.

Bem que Avelino aprendera dactilografia, mas devia estar com os dedos duros, pois há muito tempo não dactilograva.

Felipe trabalhava nessa firma. Soube que precisavam de um rapaz para o escritório; logo lembrou-se de Avelino.

★

Avelino terminava de se aprontar. A gravata caía muito bem com aquele terno. As pontas do lenço estavam todas aparecendo. O cabelo bem penteado. Avelino, penteando-se, lembrou-se de sua prima Odete, que lhe disse, em conversa, uma vez: "Pelo penteado se conhece a pessoa: se é meticulosa, se é relaxada". Avelino queria parecer meticuloso, por isso caprichou no traço dos cabelos. Era uma linha reta que, começando de uma entrada, na frente, ia terminar no redemoinho. Usou pouco óleo; também não queria dar a impressão de um rapaz vaidoso, mais preocupado com a sua aparência pessoal do que com as coisas de responsabilidade. Hesitou com um frasco de água de Colônia na mão. Usaria aquilo? Era um perfume um pouco intenso de mais. Preferiu ficar apenas com o cheiro de sabonete. Abotoou o paletó defronte do espelho e organizou a fisionomia séria com que enfrentaria o exame de seu, possivelmente, novo patrão.

Depois foi falar com a mãe. D. Ofélia examinou-o. Mas, oh, que horror! O colarinho estava virado atrás. Ela consertou. Alisou a praga. E na gola d. Ofélia encontrou uma calamidade: um longo fio de cabelo vermelho!

E d. Ofélia batia com a mão nos ombros e nas costas do terno azul-marinho.

Beijaram-se.

— Você volta para o almoço?

— Acho que sim, mamãe.

Avelino encaminhou-se para a porta. D. Ofélia disse:

— Deus o acompanhe.

Avelino não agradeceu e murmurou surdamente: "Amen". Mas lá por dentro sentiu-se agradecido. Sua mãe era um anjo.

Depois, d. Ofélia teve uma lembrança e foi correndo para a porta e disse ao filho:

— Avelino, entre com o pé direito.

★

Assim que Avelino saiu, o telefone tocou. Era Felipe. Pediu a bênção a d. Ofélia. D. Ofélia perguntou como ele estava. Por que não vinha visitar-lhe de vez em quando, etc. E ainda disse: "Você não precisa de convite. Aqui é a casa de sua tia". Em verdade, d. Ofélia não gostava muito de Felipe porque soube que ele tinha um caso de amor. Achava-o, em verdade, indigno de pisar em sua casa, mas estava agradecida a ele por interessar-se em colocar o seu Avelino em bom emprêgo. Por isso fingiu que gostaria de vê-lo em sua casa, mas na verdade não queria aproximar Felipe de Avelino, para que seu filho não sofresse má influência.

Felipe agradeceu muito o convite de sua tia Ofélia, e depois pediu para falar com Avelino.

— Avelino já foi ao seu encontro, Felipe. Faz uns dez minutos.

Felipe ficou alguns segundos sem encontrar o que dizer. Faltava coragem. Afinal:

— Titia, sabe? Eu falei com o chefe sobre Avelino. E ele disse que prefere uma moça.

D. Ofélia ficou muito abalada. Ainda falaram alguma coisa. Depois d. Ofélia desligou o telefone e foi sentar-se numa poltrona comprada de segunda mão, grená com umas grandes flores de lis cinzentas. Ali d. Ofélia chorou. Pobre Avelino! Precisava firmar-se na vida. Queria casá-lo com uma boa moça, uma jovem distinta, acomodada, que fizesse feliz o seu bom Avelino — aquela alma pura! Mas antes ele precisava se empregar, se acomodar na vida. E depois, logo depois, ele teria de se casar; d. Ofélia não daria tempo a que ele chegasse a ter aventuras, a ter uma vida debochada como a de Felipe, que vivia à solta.

★

Mais tarde Avelino telefonou. Disse a d. Ofélia que não o esperasse para o almoço nem para o jantar. Que estava com o Adolfo. Mentira pura. Não viu o Adolfo e nem o procurou. Encaminhou-se para a casa da atriz. Mergulhou o seu desapontamento nas ondas louras da cabeleira de Isabel. E lá o afogou.

MARIA DO AHÚ

(Continuação da página 42)

Passaram-se uns tempos; e pareceu que Maria andava caída: Não obsequiava com tanta presteza, aos domingos amodorrava todo o santo dia na Igreja, dir-se-ia esquivar as pessoas... Fosse mal natural ou que fosse, a rapariga abatida. Até algumas línguas danadas chegaram a deitar maus futuros! A Josefa Marcada sorria de esguelha, com um aceno de cabeça cheio de insídia.

— Tu tens alguma coisa, Maria do Ahú?

— Não senhora.

— Maria do Ahú, tu andas doente?

— Não ando, não senhora.

Até que se lembraram:

— Maria do Ahú, aquilo acabaria?...

E vai ela, depois duma breve hesitação, com desespero:

— Olhe, acabou, sim senhora! Não era pra bô fim.

Este caso da Maria do Ahú foi rido e contado anos a fio. Tal a espertalhona, hã? Chamassem-lhe parva! Não era pra bô fim, cortou. E tão instintiva honestidade daquela pobre de Cristo encantou todas as velhas, e era apontada como exemplo às novas com mais instrução e menos sizo. O Zé Bicho teve de desaparecer como aparecera, pois a cada passo era desfeitoado à conta das suas perversas intenções. Retorta repelia-o.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



Fume! Mantenha porém,
 seus dentes livres das anti-
 estéticas Manchas de
 Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra póme nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA
 FUMANTES

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Esta é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer a pele e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, manchas e asperezas e a tendência à pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

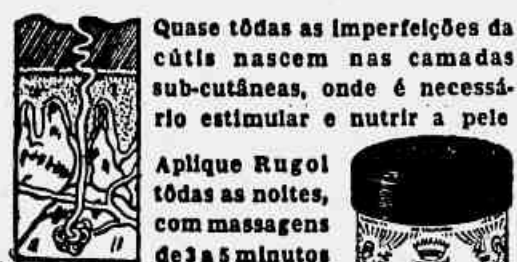
É um produto dos Laboratórios Alvi & Freitas S. A.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



**RUGOL é formidável
porque com um só creme
LIMPA, CLAREIA E
EMBELEZA A PELE!**

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos



**CREME
RUGOL**

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217

Após o que, nunca Maria do Ahú tornou a ter qualquer veleidade amorosa. Entrementes, o pai morreu de vez. Os irmãos casaram, um em Vila do Conde, outro na Azurara. Generosidade incrível! Esses brutinhos fora a alma tiveram um lampejo de gratidão: deixaram à irmã o casebre em que todos haviam nascido, e os pais morrido, como já os pais de seus pais.

Maria do Ahú começou a envelhecer. E não ia envelhecendo feliz? Tinha umas telhas suas que a cobrissem; davam-lhe umas roupinhas usadas as mais senhoras do sítio; ia à lenha, e os lavradores não a enxotavam; comia de esmolas e dos serviços que fazia a toda a gente; e nem os garotos da rua se metiam com ela, à uma porque já estavam afeitos à sua figura, por outra porque ela a todos paparicava: Aprendera a tratá-los, de bom grado se prestava aos seus caprichos, e mendigava nas casas dos fidalgos quaisquer lambarices que lhes trouxesse. Pena, haver tão poucos fidalgos em Retorta! Era o senhor Abade, eram as senhoras Limas... eram as senhoras Limas, era o senhor Abade...

Nem sempre Maria do Ahú andava muito limpa, coitada! Principalmente por causa dos garotos, dos cães, dos gatos, e do tempo que passava na rua. Mas, quando trazia gulodices aos seus pequenos, (e era uma grande calúnia aventar-se que alguma vez as furtasse!) trazia-as embrulhadas em fino papel de seda, ou branco de escrever... Não ia, pois, envelhecendo feliz? Todavia, não! Maria do Ahú não era feliz como pudera. Servia toda a gente, bem verdade; tinha preferidos a quem dispensava afetos especiais; — mas faltava-lhe alguém de particularmente seu, ou de quem fosse particularmente escrava. Por esta falta vivia bastante só e triste, apesar de tudo. Frequentava muito as capelas, ouvia tudo os que os senhores padres declamavam. Até que ponto os entendia... mistério! Mas várias vezes repetia com acerto, em circunstâncias oportunas, coisas ditas pelo sacerdote na explicação dos Evangelhos à missa do domingo. Até que o Nosso Pai que está nos céus, à força de a ver rojando as lajes das igrejas, reparou na desolação daquela alma. Teve uma lembrança de pai, e vai de aí...

Sim, então sucedeu a Maria do Ahú a grande aventura da sua vida: Certa manhã ao abrir o portelo que dava para uns palmos de quintal já desmurado, topou no chão à moda dum embrulho feito de trapos e um velho challe. Acocorou-se em terra, entre-abriu receiosa o challe que parecia resguardar qualquer coisa... E viu mexer-se uma pequenina forma viva, como um animalzinho arroxado, que tinha os punhozitos fechados e vagia. A vizinhança foi alarmada pelo espalhafato de Maria do Ahú.

— Ai o meu riquinho que parece mesmo o Menino Jesus — exclamou ela. — Ai que me vieram pôr um Menino Jesus à porta! Ai o meu rico anjinho que esta serve de Deus não merecia tal prenda!...

E assim por diante. Tudo neste teor. Ainda antes de ver se era menino ou menina Maria do Ahú estava fora de si! Pela primeira vez a viam sem o bioco, os bastos cabelos encrespados no ar, babada de riso e ternura, os olhos cheios de relâmpagos. Não havia dúvida: era uma cabeça de louca. Mas a quem poderia fazer mal a loucura de Maria do Ahú? E quem, já, teria alma de lhe arrancar o seu tesouro? O senhor Abade batizou o menino (pois sempre era menino), dando-lhe o nome de Porfírio por ser o do santo do dia. Ele mesmo, senhor Abade, lidou com as autoridades. Ele tratou com a mulher do Bento Fornadas, que ainda estava de cama, pelo menos parte da alimentação do enjeitadinho. E a Maria do Ahú sempre foi entregue a criança, visto que à sua porta lho tinham ido pôr, — embora, claro, sob certas reservas e a vigilância do mesmo senhor Abade.

— Nem que ponha a cara... — repetia Maria do Ahú — nem que ponha a cara onde aquele santo põe os pés!...

Quería dizer que nem assim lhe pagaria. Tinha a pobre por grande mercê darem-lhe aquele carrêgo, — que outra alijara de si.

Quem seria essoutra? Perguntavam por mofa: — Quem será a mãe do Menino Jesus? Mas nunca se soube. Debalde se farejou Fulana, Beltrana, Sicraninha... Quem quer que fôra — fizera tudo bem resguardado. Quanto ao pai, ao ver-se a diligência com que "aquele santo" lidara com as autoridades, contratara a mulher do Bento Fornadas... Mas cala-te, boca malvada! E tudo ficou por ali.

Correram anos calmos, iguais, felizes. Se fôra instinto de mãe desgraçada, mar amorável, o que gulara a verdadeira mãe de Porfírio ao portelo de Maria, esse instinto não iludira: Uma admirável maternidade se revelava, enfim, plenamente, na pobre tonta. O que ela andava, desandava, pedinchava, se chisnava, para trazer o seu Menino Jesus bem comidinho e bem cobertinho! E nem por isso Maria do Ahú descurava as suas obrigações para com o resto do mundo. Pelo contrário! Não estava ela agradecida a toda a gente, e a este mundo e ao outro, por aquela graça que lhe fôra feita? Todos os filhos das outras, os próprios pais, os animais sem dono, os pobres de pedir como ela — tinham sempre em Maria do Ahú a mesma boa amiga e serva. A sua diligência dava para todos. E certo, certo, nunca ninguém (ou uma espécie de sua representação, sua prefiguração) aquele menino que uma soube até que ponto, na ideia de Maria do Ahú, era realmente o Menino Jesus vez se lhe depara, num primeiro raio de sol, ao descerrar a porta para o quintalejo. Nunca ninguém soube em que medida se julgava ela obrigada, tendo merecido tal milagre, a seguir e progredir na via da perfeição. Vão lá saber que jogos de luzes e sombras, confusão e verdade, podem alternar-se num cérebro assim!

O triste caso, porém, é que o tal Menino Jesus do Porfírio crescia molengão e vadio, pouco simpático. Só o senhor Abade conseguiu ensinar-lhes as primeiras letras, a conta de somar e uns rudimentos da doutrina. Não que fosse inteiramente estúpido! Mas não queria aprender; não queria fazer nada; e era de más inclinações: Aos doze anos, por da cá aquela palha, ameaçava os companheiros de canivete; e os companheiros temiam-no, até os mais velhos, porque lhe sentiam instinto de executar a ameaça. Isto, nunca Maria do Ahú o pôde crer. E o que se passou com o senhor Abade, nunca chegou a sabê-lo. Foi pouco, mas elucidativo: Uma vez, desesperado com a relutância do rapaz a fixar uma coisa tão simples, como eram as três pessoas da Santíssima Trindade, o senhor Abade dera-lhe um safanão... Mas ficou estarecido ante a reação do garoto: No seu olhar havia aquele ódio feroz, selvagem, e a terrível inconsciência do olhar das feras. Ao mesmo tempo, a sua mão fechava-se, convulsa, chegando a erguer-se involuntariamente contra o mestre. O mestre fingiu nem ver.

Ora, ainda vigoroso, o senhor Abade baqueou com umas febres intestinais. Veio um abadezinho novo, bonito. Era todo preluquitate de maneiras, perfumava-se, tinha mui honrosas relações na Vila, na Póvoa, no Pôrto, só pensava em erguer mais altos vãos, — e queria lá saber de águas passadas de enjeitados e velhas mendigas tontas. E Maria do Ahú pouco se lhe deu, porque tinha mais seu o seu menino.

Simplemente, o seu menino era agora o Porfírio Moinante: um mulatão que se dava à madracice, à vadiagem, à mendicância, à pilhagem, ao jogo na taberna e ao vinho. Uma virtude tinha o traste, Deus louvado! Respeitava, e até certo ponto estimava, a pobre velha que se desunhava para o sustentar. Assim, não havia para Maria do Ahú espelho de perfeições como o seu mancebo. Revia-se nele, que de menino se fizera um mocetão, e criadinho ali com ela, aquele cravo! E ninguém lhe fôsse dizer palavra a deslustrar em tal joia! Também já ninguém lhe dizia, por caridade.

Mas há que fiar no vinho dum homem de maus instintos? Uma noite, chegando ébrio e topando a velha a pé, Porfírio enraiveceu-se e faltou-lhe ao respeito: empurrou-a; mais: bateu-lhe; sim, bateu-lhe! A princípio Maria do Ahú não compreendeu: Bateu-lhe... o seu menino?! o seu Menino Jesus? a sua flor, o seu filhinho?! Não seria a brincar? não seria para a experimentar? Calou-se muito calada, não gemeu nem se queixou, não tocou no assunto a ninguém. Ao outro dia, Porfírio andava como envergonhado. Falava-lhe de cabeça baixa, com um modo como repêso e, ao mesmo tempo, ofendido. "Que lhe teria ela feito?" — cismava Maria do Ahú — "Valha-me Deus! Ter-lhe-ia feito alguma coisa?"

Mas Porfírio tornou a bater-lhe outras noites. Matar-se-lhe em cabeça que ela

REEMBOLSO POSTAL!



Nº 500

Anel de ouro 18 Kt.
com pedra topázio
ou amêstis
Preço: Cr\$ 150,00

Nº 501

Óculos modernos,
sem aros, lentes em
grau, ou com vidros
verdes

Preço: Cr\$ 110,00

Nº 502

Sensacional: Cordões
de ouro 18 kl. com me-
dalha de santos, em
ouro, a escolher.

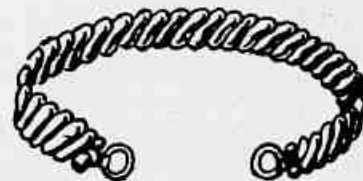
Preço Cr\$ 120,00



Anel "Aristocrata", de ouro,
18 kl., com rubi.

Preço Cr\$ 240,00

Nº 503



Pulseira elástica,
folheada a ouro,
com fundo de aço
inoxidável, para
substituir o cor-
donet nos reló-
gios de senhoras.

Nº 504

Pulseira elástica,
folheada a ouro,
com fundo de aço
inoxidável, para
relógios de
homens. Preço:
Cr\$ 120,00

Nº

505

Nº 506

— Anel "Gen-
tleman" com ouro
18 quilates, pedra
rubi.

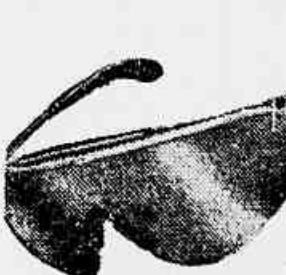
Cr\$ 350,00



Nº 507

— "Color-it",
óculos modernos,
Lentes de matéria
plástica. Bordado
de metal dourado.

Cr\$ 115,00



AJAX

Aceto representantes em todo o Brasil

CAIXA POSTAL Nº 2821

End. Teleg. "ROSLITER" — RIO

RUA BUENOS AIRES Nº 90, SALA 409
Pecam catálogos



SÍFILIS NA CRIANÇA

NO primeiro ano, a sífilis contribui principalmente como fator de morbidade, que não de mortalidade.

E' assim frequente sua exibição na criança, e por outro lado, não de todo esporádico que alguma não sucumba aos seus males, seja uma hidrocefalia crônica, seja uma anomalia cardíaca, seja uma complicação só a ela atribuível.

Na criança de peito, muitas perturbações, inclusive de sua nutrição, encontram na sífilis sua única explicação: que o tratamento confirma, o que também se verifica nas de mais idade. "Para se reconhecer a sífilis do recém-nascido é preciso pensar nela", escreveu um mestre.

Nas suas manifestações várias, na infância, fere-lhe o físico ou a inteligência, aqui prejudicando seu desenvolvimento normal, ali o funcionamento perfeito desta ou daquela glândula, acolá ensejando a existência de algum órgão defeituoso.

Na criança, com muita frequência, as anomalias congênitas, quer físicas, quer psíquicas, são, em regra, devidas à sífilis, de ambos os pais ou somente da genitora.

Não tratada na infância, prossegue no adulto, e então será mais tarde o responsável, muitas e muitas vezes, das doenças crônicas que o afligem, seja dos rins, seja do fígado, do coração ou dos vasos (aorta). Foi precisamente por causa disto que o professor Austregésilo, querendo, de um modo pitoresco, impôr a memória do fato, escreveu, certa vez, que, "em clínica, convém pensar sifiliticamente".

Geralmente se pensa que a sífilis se mostra, inalteravelmente, sob o aspecto de lesões aparentes, isto é, visíveis. Realmente, em muitos casos de sífilis adquirida, assim acontece, mas na congênita ela, não raro, é apenas sorológica, e somente as reações praticadas no soro sanguíneo logram evidenciar a infecção oculta (reações de Wasserman, Kahn e Kline).

Obstante, pode a criança, dela portadora, já nascer com lesões externas da infecção, porém com mais frequência estas só aparecem mais tarde. Na criança de tenra idade, a chama sífilis visceral, localizada na profundidade dos órgãos, é muitíssimo frequente. Isto se verifica em cerca de 60% dos casos, estando a infecção alojada, então, no baço, fígado e supra-renais e tantas vezes no sistema ósseo. O estado do baço, aumentado, duro, infartado, jamais falta na sífilis infantil, pósto que não seja dela exclusivo.



Foto oferecida por Johnson & Johnson

As vezes nada disso é suscitado, e até a criança aparenta uma pele rosada e fresca, mas que, com o tempo, se vai tornando cor de café com leite, despolida, sem transparência, de uma coloração triste, como a dos asiáticos. Uma vez esta coloração se estende a todo o corpo, outras fica localizada apenas na fronte, supercílios, mento, nariz, pálpebras.

O grito de alarme, por assim dizer, é dado por essa coloração da pele da criança (coloração empíreumática, como a classificam os pediatras); só depois vem a coriza, as erupções, processos pustulativos das palmas e plantas dos pés (penfigo palmar e plantar, dos médicos).

Eflorescências esparsas pelo corpo, de forma discoidal, constituem as sífilides maculo-papulosas, vermelhas, salientes na pele.

Derredor da boca surgem fissuras. Uma afecção ocular é frequente nas mais crescidas — a irite plástica: a criança não pode encarar a luz, há lacrimejamento constante. A esta afecção, associam-se muita vez as supurações do ouvido e nota-se na segunda dentição irregularidade na forma dos dentes (dentes incisivos de bordas semi-lunares).

Frequentíssimas, as afecções ósseas, com entumescimento das regiões afetadas, com rubor, dor e calor. O braço é o mais atingido (extremidade inferior do humerus), mas o processo não poupa membros. As vezes, este simula uma paralisia. De outras não há nenhum sinal aparente, e só o choro da criança denuncia sua existência. Crises de choro, durante o sono da criança, podem não ter outra origem. Os médicos chamam a essas inflamações dos ossos, de natureza sífilítica, de osteocondrites epifisárias.

As vezes a dor só é despertada pela palpação, que não espontânea: é o sinal de Sixto, de grande valor para o médico, por permitir um tratamento precoce da infecção sífilítica.

O lactente sífilítico tem uma fisionomia no comum característica: face amarelenta e chupada, cabeça volumosa, com veias muito dilatadas, pouco cabelo.

Em rigor, a sífilis da criança deve ser evitada pelo tratamento oportuno dos que vão se unir para constituir prole, isto é, antes de quaisquer uniões.

O exame pré-nupcial é o meio apropriado para obrigar a esse tratamento, o qual é já adotado em muitos países civilizados e ultra-democráticos do mundo, inclusive Bélgica e Holanda.

Todavia, o tratamento, com vistas à saúde do nascituro, é ainda assás proveitoso, se, durante a gravidez, tratar-se a mulher, o que é tanto mais eficaz, naturalmente, quanto mais em seu início está a gravidez.

Na ausência legal, entre nós, do exame pré-nupcial, é o que todas devem fazer, prevenindo males futuros da criança.

Dr. Sabóia Ribeiro

tinha dinheiro escondido, exigia-o ali, ali já!, barafustava de modo que os vizinhos perceberam e se indignavam. E era isso o que mais lhe custava, a ela. Porque bater-lha, no fim de contas, também sua mãe e seu pai que Deus lá tinham lhe batiam; ou os irmãos, quando se iravam; e sua mãe, seu pai, seus irmãos, eram seus amigos, pois não eram? O pior era Porfírio não proceder assim de seu livre alvedrio. Pois no dia seguinte, não andava sempre acabrunhado? Como é que ninguém compreendia que o Mafarrico se metera no corpo do Porfírio? Não dissera o senhor Abade, de cima do púlpito, que os demônios entram no corpo da gente? O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, não fôra tentado por Satanás? Quem lhe batia era o Porco Sujo, abrenunciado, não o seu cravo, que esse lhe queria como nunca lhe tinham querido...

E, pósto exacerbasse os furores do bêbado, defumava-o com alecrim, salpicava-o com água benta que trazia da Igreja, em frasquinhos, salmeava-lhe conjuros que, por caridade, lhe ensinara a Rita Bruxa. Passava muito tempo de rastos nas pedras da Igreja orando. E, no meio de tudo isto, não vão pensar que Maria do Ahú fosse excessivamente infeliz! Não, porque tinha fé. Sabia que tudo havia de passar, e o seu Porfírio ficar são. Sofreria com paciência para o merecer. A verdade é que, em certos dizeres que assumbravam toda a gente, Maria do Ahú mostrava uns discernimentos que nunca, antes, revelara.

Até que, um dia, o diabo que se metera em Porfírio arrastou-o a coisa ainda mais grave; (ainda mais grave... pelo menos aos olhos da justiça humana): Foi na venda do Zé Manco, mal-lo Sebastião Bouças, a bem dizer por uma brincadeira; mas tinham chegado a termos de se atirarem à cara o pior de cada um. O Sebastião disse: "Olha tu, que até espancas a velha!" E vai o Porfírio, maldito costume da navalha à unha!, caiu sobre ele com um movimento rápido, intenso, que o apanhava do baixo ventre ao estômago. Sebastião oscilou, arregalando uns olhos espantados e agônicos; levava as mãos abaixo, como para ainda apanhar nelas os intestinos... Dobrou sobre os joelhos os pés do agressor. De aí a nada, estava morto.

Foi uma sublevação no sítio. Ainda maltrataram o Porfírio; e também ali teria ficado, se não fossem as autoridades. Levaram-no para a cadeia de Vila do Conde. De Vila do Conde, para o Porto. Do Porto, sabe-se lá!, para Lisboa ou pela barra fora. Houvera julgamentos, fôra gente ser testemunha, viera à baila o bater ele na velha...

Tudo isso levou tempo: "Tinha de acabar assim!" — foi o que a maioria da gente disse do Porfírio. A falar a verdade, Retorta sentiu um alívio com o seu desaparecimento.

E, entretanto, Maria do Ahú? De começo, Maria do Ahú andara por'i aos gritos os braços no ar como a Senhora da Assunção da Póvoa! Já se nem empuçava nem penteava: os seus cabelos brancos rizados calam-lhe nos ombros e açoitavam o ar. De noite, ouviam-na gemer pelas ruas e implicar com as árvores ou os muros. E ora cantava o Bendito, numa toada lúgubre que ia arrepiar as pessoas nas suas camas, ora rompia em imprecacões imitantes às dos padres no púlpito: — "Ai mundo, mundo!, que te deixas afundar por tapares os ouvidos à palavra de Deus! O céu vai tornar a vomitar fogo, um novo dilúvio vai cobrir a terra...", etc. Assim por diante. Agarrava-se a quem passava, contava mais uma vez a sua desgraça e a história do seu Menino Jesus achado uma vez de manhãzinha, à porta do quintalejo... E ao mesmo tempo ria e chorava, fazendo momices que também eram grotescos e tristes.

O que ela não podia entender é que os outros não compreendessem, nem os doutores!, que o seu Porfírio não era culpado de nada. Matar, o seu Porfírio?! matar?! Os demônios é que tinham matado, por não terem achado outra maneira de o perder. Não!, matar, — só Deus, que nos dá a vida.

Fôra ver o Porfírio à cadeia, e ele abraçara-a chorando. Há muito que o seu Porfírio a não abraçava. Atirou-se-lhes aos joelhos com grandes demonstrações de alegria! Aquilo era prova de que Deus a ouvira, e o seu Porfírio estava limpinho, salvo, livre dos espíritos malignos que o tinham perseguido. Mas quando ele ficara são é que o queriam levar?! agora que ele estava puro?! Então ninguém entendia? sabia que Satanás viera experimentar o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo? E Deus, Deus não iluminava essa gente? Deus fizera tão grande milagre, libertara o seu Porfírio dos demônios, e não mostrava agora a sua inocência? não confundia os herejes e os incrédulos? Mas quem era ela, a mais baixa das servas de Deus, para ver o que ninguém via, perceber o que ninguém parecia perceber?...

Tôdas as suas idéias gravavam nesta órbita. E ninguém a julgara tão eloquente. Via-se que aprendera muitas palavras e comparações nas práticas dos domingos ou sermões das festividades. "Coitada!" — diziam, apesar dessa eloquência — "agora é que fica doidinha de todo!" Não obstante, sentiam que nunca ela dissera coisas tão acertadas, de mistura com os seus desvairos.

Depois, porém, foi serenando. Quando, pela última vez se despediu do Porfírio, disse-lhe assim: — "Tem paciência, meu filhinho. Não te desespere, que isso é que o demônio quer! Tudo se há de ver claro; há de tornar! Lembra-te que Nosso Senhor Jesus Cristo ainda sofreu mais... e perdoou aos seus algozes! sim, perdoou aos seus algozes!" — repetia, circunvagando olhares angustiados pelos presentes. "Perdoe-me Vossemeccê..." — gaguejou o Porfírio. Ela agarrou-se desesperadamente a ele, molhando-lhe a cara de beijos e de lágrimas.

Volto para o seu cacifo, onde esteve encerrada uns dias. Só recebia ao postigo a malga de caldo que, por caridade, lhe levavam. Depois surgiu outra vez. Mostrava-se humilhada e arrependida das cenas que fizera, vagueando de noite, por congestas, como uma doida. Manifestou o desejo de pedir perdão, em público, do escândalo que a toda a gente dera com a sua falta de conformação. Foi preciso o padre dissuadi-la.

Como estava muito esvaída de forças, já não podia, agora, fazer recados a ninguém. Nem sequer podia ir pedir. Mas sempre havia umas almas caridosas que lhe estendessem qualquer tigela de caldo, um naco de presigo numa cõdea de pão de milho. Dessas esmolas repartia ainda com os outros pobres; e sempre, é de ver, com os gatos a sua atividade, cultivava cravos, mangericos e sardinheiras em velhos potes ao longo e cães sem dono que lhe continuavam em volta das salas. Forçada a limitar muito do muro. E o resto do tempo estava sentada na pedra gasta da soleira, muito encolhida do seu bioco e nas velhas roupas pretas, verdes de coçadas. Quase só se lhe via o nariz, e os ossos dos dedos passando infatigavelmente as camândulas do rosário.

— Como vai isso, Ti' Maria do Ahú?

— Como Deus Nosso Senhor é servido.

— Pois tem aí um belo jardim, Ti Maria do Ahú!

— Deus Nosso Senhor seja louvado! Leva um cravinho, se quiseses...

E, mais uma vez, bem se enganara quem julgara Maria do Ahú desgraçada. "Desgraçado é o demônio!" — dizia Maria do Ahú. Ela ia sofrendo, rezando, esperando... E tão conformada, que se julgou ir perdendo a memória, e quase haver esquecido a tragédia que lhe atravessara a vida. Há uns tempos, já, que não voltava ao assunto.

Mas, um dia, Maria do Ahú amanheceu quase risonha: Aliviara, até, o bloco. Via-se-lhe grande parte da cara aberta numa expressão mui aprazível. E, espantoso, não é? mas o certo é que a idade e os infortúnios a tinham tornado mais bonita; ou menos feia.

A vizinha que lhe levava a malga do caldo, contou que um Anjo Senhor lhe aparecera essa noite, fazendo tal clarão em todo o casebre que parecia haver a lua cheia entrado pelas telhas. Era de admirar que ninguém tivesse dado tento dessa luzerna! Horas e horas o Anjo do Senhor conversara com ela, tu cá tu lá, contando-lhe como tudo ia acontecer. Porque tudo ia acontecer breve, agora era certo! Ele é que não podia dizer mais nada. Pois do mais o Anjo do Senhor lhe pedira segredo pondo o dedo nos lábios, assim... E chegava a imitar o Anjo.

— Mas tudo o que, Ti' Maria do Ahú? — perguntou a vizinha. — O que é que vai acontecer?

Maria do Ahú, largando o bloco, olhou nela quase indignada:

— O que é que há de ser? Então de que falo eu- Tudo foi esclarecido! Vou ver o meu Porfírio.

(Continua na página 52)

DRAGO

OMENSAGEI.
ROJA DEVIA
TER CHE-
GADO! TERRA
HAVIDO AL-
GUMA
COISA?

COM CERTESA,
O'DAV DESCOBRIU
O SEGREDO, VA-
MOS INTERRO-
GA-LO!

STILETTO!

VOU MANDAR
O MC KENNA
FAZER
ISTO!



NO SALÃO DE FESTAS DE DEL
OMBU, O BAILE A FANTA-
SIA CONTINUA...

O CHEFE CHAMA
VAMOS!



vizinhos
que bater-
e batiam;
as amigas
drio. Pois
mpreendia
Abade, de
so Senhor
ujo, abre-
querido...
mplicava-o
uros que,
as pedras
Anú fosse
assar, e o
que, em
discerni-
inda mais
na venda
eira; mas
Sebastião
stume da
apanhava
antados e
estinos...
ali teria
o Conde.
ela barra
bater ele
da gente
a desapa-
os gritos
çava nem
am o ar.
os. E ora
as camas,
mundo!
ai tornar
diante.
stória do
... E ao
e tristes.
nem os
! matar?!
o perder.
e o seu
rações de
limpinho,
ele ficara
entendia?
? E Deus,
ra o seu
fundia os
eus, para
loquente.
ningos ou
— "agora
era coisas
Porfirio,
ue isso é
que Nosso
perdoou
presentes.
adamente
o postigo
ostrava-se
congostas,
ndalo que
ssuadi-la.
ninguém.
he esten-
de milho.
a os gatos
ao longo
tar muito
a, muito
ase só se
adulas do
sgraçada.
rezando,
e quase
já, que
o bloco.
espartoso,
s bonita;
nhor lhe
ver a lua
nto dessa
contando-
erto! Ele
a segredo
é que vai
Vou ver
(na 32)

DRAGO

Por Hogart - Nº 8



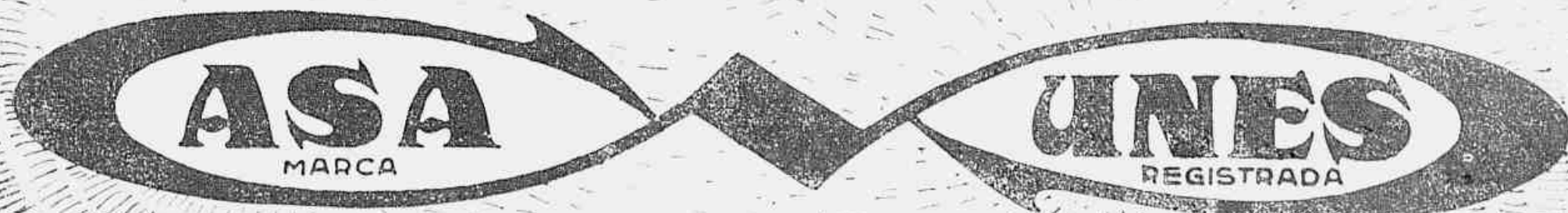
UM MUNDO DE TAPETES



PERSAS
INDIANOS
PORTUGUÊSES
FRANCÊSES
INGLÊSES
NACIONAIS

VENDA

ESPECIAL



65 - RUA DA CARIOCA - 67

Aproveite agora os preços baixos da nossa
VENDA ESPECIAL de TAPETES e PASSADEIRAS

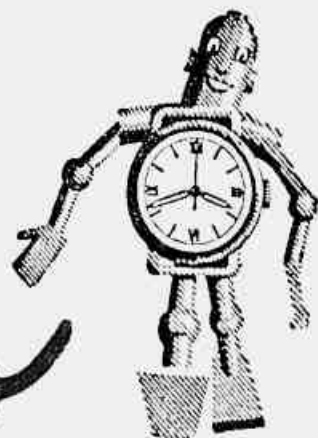


Agora, **PARA ELA E PARA ELE...**



O famoso MIDO MULTIFORT, inseparável companheiro de todas as atividades humanas, apresenta agora, também para senhoras, a sua extraordinária qualidade de "SUPER-AUTOMÁTICO". Esta nova maravilha da relojoaria suíça, na praia como no lar, no trabalho

como no esporte, representa o máximo de conforto, elegância e utilidade, tanto para o homem dinâmico quanto para a mulher moderna



Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS

- ★ 100% IMPERMEÁVEL ★ "SUPER-AUTOMÁTICO"
- ★ PARA CHOQUES ★ PRECISO ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL ★ ANTI-MAGNETICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS